TRABALHO A MEIO TEMPO — ASPIRAÇÃO DE MUITAS MULHERES (PÁG. CENTRAL)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 4 DE SETEMBRO DE 1969 N.º 16 778 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

O ESCÂNDALO DA «VOLTA»

ESTÁ TUDO MALUCO! —GRITOU AGOSTINHO

QUANDO LHE ANUNCIÁMOS O RESULTADO DA ANÁLISE

Agostinho a caminho da sede do Sporting

O ciclista protesta a sua inocência. «Tomei durante toda a Volta os mesmos medicamentos — afirma ele — mas nada de drogas»

(Ler na página 6)

JOAQUIM ANDRADE TEVE FESTA RIJA NA TERRA DOS SOGROS

«Se Agostinho estava drogado ou foi ele ou foi alguém com o seu conhecimento» — disse o corredor sangalhense. (Pag. 7)

JOAQUIM ANDRADE

O SPORTING ACREDITA NO SEU CORREDOR

Ler na última página as declarações do dr. Pereira da Silva, vice-presidente do Sporting, que quer a contra-prova e admite a necessidade de recorrer á P. J.

OS CANDIDATOS DE OPOSIÇÃO EM BRAGA

BRAGA, 4. — No dia 27 de Julho, reuniu-se, sob a presidência do sr. dr. Vitor Sá, a Assembleia Democrática Eleitoral deste distrito para indicar os seus candidatos ás próximas eleições de deputados á Assembleia Nacional.

A lista ficou assim constituída: D. Maria Margarida Braga Malvar (quintanista de Direito da Universidade de Coimbra), drs. Lino Lima (advogado), Joaquim Santos Simões (professor do ensino secundário e publicista), António Marinho Dias (advogado), Vítor de Sá (licenciado em Letras e doutorado pela Sorbonne) e Humberto Soeiro (licenciado em Letras e em Direito).

Outra lista de oposição pelo Porto vai ser apresentada pela Comissão Eleitoral de Unidade Democrática

Recebemos o seguinte comunicado da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática (C.E.U.D.) do Porto:

«Encontram-se muito adiantados os trabalhos conclusivos para a elaboração da lista de candidatos para deputados de Oposição, a apresentar ás próximas eleições, pelo círculo do Porto.

Mas, dado que o prazo para o cumprimento das formalidades legais apenas termina no dia 25, e desde que se torna desejável assegurar, como já esta Comissão tornou público, uma larga representatividade política, da mais ampla expressão democrática, prosseguem ainda, e numa fase final, as diligências de há muito iniciadas para se obter o concurso de diversas correntes de opinião, nos sectores socialis-

(Continua na página seguinte)

COMBOIOS DESCARRILADOS: ATRASOS NA LINHA DE SINTRA

A sucessão de Ho Chi Minh

Le Duan (considerado pró-russo) é o favorito

HONG-KONG, 4 — (R.) — O chefe do Partido de Hanói, Le Duan, um comunista pró-soviético da linha dura, surgiu hoje como favorito para suceder a Ho Chi Minh na presidência do Vietnam do Norte.

Quando o país iniciava uma semana de luto a seguir à morte ontem do lendário chefe comunista, de 79 anos, a agência noticiosa do Vietnam do Norte comunicou que Le Duan chefiaria uma comissão de 26 homens para organizar o funeral oficial de Ho.

Le Duan, um meridional, era o numero dois na hierarquia do partido norte-vietnamiano, logo a seguir a Ho.

Outros dois candidatos com fortes possibilidades são o presidente da Assembleia Nacional, Truong Chinh, e o primeiro-ministro Pham Van Dong, ambos com 61 anos, como Duan.

Ton Duc Thang, de 81 anos, actual vice-presidente, torna-se presidente interino nos termos da Constituição. Observadores não o consideram, porém, como um candidato á presidência, possivelmente devido á sua idade.

Ho faleceu ontem ás 9 e 47 de Hanói (1 e 47 T.M.G.) — nove minutos antes da primeira comunicação ofi-

(Continua na 9.ª página)

Uma fase dos trabalhos de carrilamento, no apeadeiro da Cruz da Pedra

APELO À UNIDADE ÁRABE NA REUNIÃO DO CAIRO

CAIRO, 4 — (R.) — Foi pedido hoje a toda a nação árabe que cerre fileiras contra Israel e coloque todos os seus recursos á disposição da luta para a recuperação de territórios ocupados

O Egipto, Jordânia, Síria e Iraque, após uma reunião cimeira de três dias nesta capital, a que se juntou ontem o Sudão, tornaram claro a noite passada que, embora guarnecessem as linhas da frente, o resto do mundo árabe devia partilhar das despesas.

Mais uma vez se registaram atrasos na Linha de Sintra, esta manhã, prejudicando centenas de utentes. Duas composições saltaram dos carris — uma em Barcarena, ás 7 horas, e outra na Cruz da Pedra, ás 8 e 45 — interrompendo o tráfego normal.

(Ler notícia na página central)

HOJE 28 PAGINAS

VISADO PELA CENSURA

AS ELEIÇÕES PARA DEPUTADOS

Escolhidos os candidatos de uma comissão de Viseu

VISEU, 4 — A Comissão Democrática do Distrito de Viseu forneceu hoje á Imprensa o seguinte comunicado:

«Sob a presidência do dr. Álvaro Monteiro reuniu-se ontem, dia 3, a Comissão Eleitoral Democrática do Distrito de Viseu para designar os candidatos ás próximas eleições de deputados por parte da Oposição Democrática.

«Após larga troca de impressões, na qual tomaram parte individualidades de diversos pontos do distrito, foram os candidatos escolhidos por escrutínio secreto. Candidatos efectivos e suplentes serão apresentados aos democratas do distrito numa ampla assembleia a realizar oportunamente. Nela será exposto para discussão o programa dos candidatos cujas linhas gerais se inserem na plataforma da acção comum da Oposição Democrática aprovada em S. Pedro de Muel, com as particularidades que mais interessam ao conjunto económico-social do distrito de Viseu.

«Os nomes dos candidatos e o texto do programa que irão defender na sua campanha serão comunicados numa conferência de Imprensa. Vai seguir-se a organização do processo de apresentação de candidaturas».

NOVA LISTA NO PORTO

(Continuação da pág. anterior)

ta, católico, progressista e independente.

Demais, impõe-se requerer, quanto aos candidatos que são funcionários públicos, as necessárias autorizações do Governo. Entretanto estão em organização as comissões eleitorais concelhias, as comissões de apoio e de angariação de fundos, podendo qualquer comunicação ser feita para o dr. Mário Cal Brandão, na Rua Rodrigues Sampaio, 166-1.º, Porto.»

Falta de impressos para certidões de eleitor no 1.º Bairro de Lisboa

Estamos a entrar em período eleitoral. Um nosso redactor foi, ontem, reconhecer, a um notário, a assinatura de um requerimento a pedir a certidão de eleitor.

A ajudante de notário disse-lhe, depois do reconhecimento:

— São 5 escudos!

— Não são, não. Estes reconhecimentos são gratuitos.

A ajudante do notário emendou prontamente a mão e corrigiu logo o engano:

— Temos de estar bem atentas, nestes dias.

É claro que um engano toda a gente tem, e começámos por este, bem compreensível, da ajudante do notário.

Na administração do 1.º Bairro de Lisboa, o capitão do Exército, na situação de reforma, sr. Alfredo Barroso, foi requerer o seu certificado de eleitor. Disse-lhe o secretário que havia muito trabalho, que não tinham ainda recebido os impressos para os certificados. Só dentro de 10 a 15 dias poderia passar o certificado.

Nas Pedras Salgadas vai realizar-se uma reunião de oposicionistas do distrito de Vila Real

V. POUCA DE AGUIAR, 4 — Está marcada para o dia 7 do corrente, domingo próximo, pelas 13 horas, uma reunião de oposicionistas ao actual regime político, para tratar da questão das próximas eleições para deputados á Assembleia Nacional.

A reunião efectua-se na Pensão Avenida, nas Pedras Salgadas. Foi já distribuido o convite para essas reuniões, assinado, em nome dos convocantes, pelo advogado dr. José Alberto Rodrigues.

No convite se diz que deverão ser discutidas neste encontro ideias sobre problemas regionais e nacionais, com vista ás próximas eleições.

Informações da Comissão Democrática do Porto

PORTO, 4 — Os serviços da lista de candidatos da Comissão Democrática do Porto (integrada no Movimento Democrático) encontram-se instalados na Rua do Almada, 43-2.º, onde funciona o secretariado de informação, constituído pelos seguintes democratas: Celso Cunha (empregado bancário), Alberto Castro Ferreira (empregado bancário), João Arnaldo Maia, Julio Sereno e César Príncipe (ornalistas); Zeferino Coelho (estudante universitário); Lobão Vital (arquitecto) e Papiniano Carlos (escritor).

Os candidatos da Comissão Democrática tomarão pública, brevemente, uma proclamação ao eleitorado do distrito.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

DE ONTEM PARA HOJE

O JURAMENTO DOS PÁRA-QUEDISTAS

Quinhentos novos soldados pára-quedistas prestaram ontem juramento em Tancos. Presentes diversos oficiais generais, recebidos pelo comandante interino e pelo 2.º comandante. O alferes Reizinho proferiu, antes do juramento, a seguinte exortação: «Como voluntário vieste até nós. Como voluntário franqueaste a porta do Regimento de Caçadores Pára-Quedistas, entrando num mundo desconhecido e do qual te encheram os ouvidos com as histórias mais desconcertantes. Com confiança, firme, levantaste a cabeça e transpuseste o portal onde todos te esperavam, e porque tomaste esta decisão já te mostraste diferente de todos os outros, teus amigos, vizinhos e camaradas que, neste momento não têm o privilégio que, a partir de hoje, tu passarás a ter. Vais fazer o teu juramento de bandeira. Vais fazê-lo perante todos os teus camaradas recrutas, perante os soldados pára-quedistas que já foram «Catatuas» como tu, e perante todos os teus chefes. Vais jurar defender a Pátria mesmo com risco da própria vida. Vais jurar defender essa Pátria, derramada já com o sangue dos seus antepassados, mortos desde o Minho até Timor, pois eles como tu pretenderam ser sempre portugueses e tiveram orgulho em afirmá-lo. Quando jurares bandeira, ficarás a ser soldado de Portugal, orgulha-te de o seres porque soldados o foram reis e povo, todos aqueles que fizeram Portugal e o mundo que te acolhe. De tão grande dignidade respeita a tua condição porque ela se ergue acima de todas, guardiã que é daquilo que de mais nobre existe e que eleva os homens aos olhos de Deus.»

TRAINEIRA QUE SE AFUNDA

Em frente do farol de Montedor, pouco acima de Viana, tomou fogo a traineira «Novo Santo António do Monte», da praça de Matosinhos. Levava como mestre o sr. Oliveira da Silva, de 44 anos. Acorreram outros barcos que perto andavam na faina da pesca que recolheram a tripulação e as redes. Afundou-se depois a traineira, em frente da Vila Praia de Ancora.

TELEGRAMAS DE FELICITAÇÃO

A propósito da decisão do Governo, no empreendimento de Cabora Bassa recebeu o sr. Presidente do Conselho dois telegramas de Moçambique singularmente expressivos. São eles do governador-geral, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, e do comandante-chefe das Forças Armadas naquela província, general António Augusto dos Santos.

ORDEM DE MÉRITO DO TRABALHO

Na residência do embaixador do Brasil foi ontem á tarde entregue ao prof. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações, a Ordem do Mérito do Trabalho do Brasil. Assistiram á cerimónia, seguida de uma recepção, diversos ministros e funcionários superiores, bem como outras altas personalidades da vida política e social de Lisboa.

DERRUBADO O CANDEEIRO

Na estrada Sacavém-Lisboa, perto da Avenida de Berlim, junto ao quartel dos Sapadores Bombeiros, uma carrinha que rodava em direcção ao centro da cidade, despistou-se e foi embater violentamente num poste. Ficaram feridos os ocupantes do carro guiado pelo comerciante sr. João Manuel Araujo Ribeiro, de 48 anos, morador na Rua Rodrigo da Fonseca, e entre eles em estado muito grave o empregado da UCAL sr. Alvaro Castro, de 56 anos. O candeeiro ficou destruído.

CICLISTAS E AUTOMÓVEIS

O sr. Manuel dos Reis, de 58 anos, morador na Portela, perto de Tomar, seguia de bicicleta. Foi colhido por um automóvel conduzido pelo sr. Joaquim Simões, morador em Moçambique. O desastre que foi de morte, verificou-se quando o ciclista ia virar inesperadamente de mão. Em Ferreira do Zêzere, saía da padaria local onde é empregado, o sr. Augusto Ramos, de 41 anos. Saía de bicicleta. Foi embater numa camioneta de carga e foi morrer á Casa de Saude de Tomar.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu no Palácio Nacional de Belém, os srs. eng. Duarte do Amaral, deputado pelo círculo de Braga; eng. Ferreira do Amaral, director-geral dos Serviços Industriais, eng. Veiga de Faria, antigo vice-presidente da Câmara Municipal do Porto, que lhe agradeceu a comenda da Ordem da Benemerência com que recentemente foi agraciado; dr. Celestino Marques Pereira; e eng. Luís de Azevedo Coutinho.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço da Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate na província da Guiné: o 1. cabo 11050967, Avelino Ferreira Alves, natural da Paços de Ferreira, filho de Luís Alves e Maria Augusta Ferreira dos Santos; 1.º cabo 04513667, Joaquim Martins da Fonseca, natural do Sabugal, filho de Rafael Martins da Fonseca e Adelaide da Conceição da Silva.

Na Província de Moçambique, faleceu em combate, o soldado 06612767, Jaime Silva Sousa, filho de Miguel Santana de Sousa.

Feira do Artesanato de Cascais

A Feira do Artesanato, patente em Cascais, todos os dias, das 16 horas á 1 da madrugada, fecha definitivamente no próximo domingo.

Incêndio numa fábrica

Noticiámos, anteontem, em correspondência de Alcains, ter-se manifestado incêndio, ali, nas instalações da firma Sociedade Industrial de Confecções DIELMAR, Lda. Houve lamentável confusão em tais informações, pois não se registou, felizmente, essa ocorrência na referida fábrica, onde se verificou, mas em Junho, um incêndio cujas consequências foram completamente reparadas.

UM NOVO PNEU
Continental
RADIAL

CONCEBIDO PARA CARROS DE TURISMO E SPORT

- Concepção inteiramente nova
- Cinta de alta elasticidade
- Perfeita aderência ao solo
- Seguro mesmo sob chuva
- Ausência de vibrações mesmo em carros de turismo

XIII FESTIVAL DE SINTRA
ESPECTÁCULO DE ENCERRAMENTO
Parque Municipal Dr. Oliveira Salazar
CONCERTO PELA BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
Direcção: Maestro Silva Dionísio

PROGRAMA

1.ª PARTE

OS MESTRES CANTORES — Abertura
WAGNER
Concerto em dó maior para duas trombetas — (1.ª audição pela Banda)
VIVALDI
Solistas: 1.º sargento Domingos Taneco
sold. mús. Jorge Taneco
ROMEU E JULIETA — Abertura
TSCHAIKOWSKY

2.ª PARTE

PRELÚDIOS — Poema Sinfónico
LISZT
TRÊS DANÇAS POPULARES PORTUGUESAS
LOPES GRAÇA
PINHEIROS DE ROMA
Poema sinfónico
RESPIGHI

Os bilhetes estão à venda: na Agência do S. E. I. T., Praça dos Restauradores, Lisboa; na Junta de Turismo da Costa do Sol; e no Turismo de Sintra. No próprio dia, poderão ser adquiridos, desde as 20 horas, no local onde se realiza o espectáculo. Estão assegurados os transportes, de ida e volta, entre Lisboa-Sintra ou Queluz.

Ninguém sabe ao certo os motivos que levaram Nixon a suspender a retirada

WASHINGTON — A suspensão da retirada das tropas norte-americanas no Vietnam não foi devida ao problema das forças americanas na Tailandia nem a algum novo segredo agora conhecido sobre a Russia ou sobre a China nem sequer a qualquer factor novo nas conversações de Paris. Não, não houve quaisquer mensagens urgentes do embaixador Bunker ou do general Abrams, solicitando um adiamento.

Por CHALMERS M. ROBERTS

(Exclusivo «The Washington Post-«Diário de Lisboa»)

Constou que Nixon foi persuadido a tomar essa decisão pelo presidente Thieu, de Saigão. Mas logo se afirmou peremptóriamente que Thieu não teve qualquer peso na decisão.

Todos os funcionários, desde o mais alto ao mais baixo, insistiram em afirmar que Nixon pretendeu pura e simplesmente obter mais informações quanto ao nivel da actividade do inimigo, suas infiltrações e seu potencial para futuras ofensivas.

Quanto a estes pontos, as unicas informações novas que se têm, tanto em Washington como em Saigão, são de que, há 2 semanas, uma brigada norte-vietnamiana apareceu no Delta. Mas supõe-se aqui que essa força de 2000 homens foi all enviada simplesmente para proteger as actuais posições comunistas.

Disse-se que a politica básica do presidente não mudou. Os homens da Imprensa foram advertidos de que não deviam supor que Nixon teria chegado á conclusão de que os seus critérios quanto á retirada das tropas se estavam a mostrar falaciosos.

Mas a verdade é que estas afirmações não se ligam umas ás outras...

Na sua conferência de Imprensa de 19 de Junho, o presidente não deixou margem a duvidas quanto á segunda retirada de tropas: «Começámos a retirar forças. Havemos de retirar mais. Em Agosto decidiremos nova retirada. Não posso indicar numeros, por agora.»

Os numeros dependeriam:

— da capacidade de os sul-vietamianos assumirem a responsabilidade da luta;

— do nível da actividade do inimigo;

— dos progressos em Paris.

No dia 20 deste mês, o secretário de Estado William P. Rogers disse que a política de Nixon era a «de **vietnamizar** a guerra».

Pergunta: «Sr. secretário, temos sido levados a crer que o processo de retirada ou substituição de tropas americanas no Vietnam não depende necessáriamente da acção inimiga, da bonança ou da tempestade».

Rogers: «Isso mesmo».

No dia seguinte (21) foi a vez do secretário da Defesa, Melvin Laird.

«Gostaria de deixar bem expresso», disse ele, «que, no respeitante ás ordens, esta é a mais alta prioridade nas ordens dadas aos nossos comandantes (ao general Abrams, ao comandante-em-chefe das nossas forças no Pacífico): a **vietmização** tem a máxima prioridade».

Mas na sexta-feira (22) o Presidente decidiu de outro modo. No sábado (23) teve uma conferência final na qual Rogers — mas não Laird — participou. E depois veio a notícia: a segunda retirada de tropas seria adiada até ao regresso de Nixon a Washington (7 de Setembro). «Nessa altura», afirmou Ronald Miegler, adido de Imprensa, «a decisão pode tardar ainda uns dias ou umas semanas».

Mas os funcionários de Washington, na 2.ª-feira, dia 25, continuaram a afirmar que não tinha havio alteração na política.

A mudança, ou adiamento ou seja lá o que for, veio numa altura em que os altos funcionários governamentais estão de férias na Califórnia. E o que é mais importante, numa altura em que o Congresso está encerrado e os estudantes não começaram ainda a voltar ás universidades.

Uma ofensiva sangrenta e gigantesca que é esperada nas próximas semanas — diz-se que a 1 de Setembro, pela passagem do 25.º aniversário da malograda declaração de independência de Ho Chi Minh contra os franceses — podia justificar o adiamento.

Mas se a quase bonança continuar nos campos de de batalha e se Nixon não anunciar nova retirada, é muito provável que o Senado e a Casa Branca voltem a ouvir renovados gritos de sofrimento. As «pombas» voltarão a lamentar-se.

Claiborne Pell terá provàvelmente que rever os seus pontos de vista actuais, que se exprimem deste modo:

«Parecemos caminhar finalmente para a desescalada do empenhamento americano, coisa que tanto tenho procurado nestes ultimos anos! Penso que o presidente Nixon está a tentar tudo por tudo neste sentido. O perigo está em ele aceder ás falinhas mansas desses que dizem: «Aguente mais um pouco. A situação militar está a melhorar.»

RECTÂNGULOS DA VIDA

NOVOS TRABALHADORES

Apesar de um desejo antiquíssimo de pôr os outros — seus semelhantes e bichos — a trabalhar para si, o Homem não tem mostrado grande imaginação no que respeita ao trabalho animal. Tem mesmo sido enormemente tradicionalista neste sector, e há séculos que os mesmos animais executam para ele as mesmas tarefas.

A notícia que há dias li num jornal, notícia proveniente de Moscovo e na qual se trata de pombos, parece, no entanto, mostrar que a imaginação do Homem começa a voltar-se se não para novos animais de trabalho, pelo menos para novos «empregos» atribuídos a eses mesmos animais, os pombos na ocorrência. Alguns cientistas teriam chegado à conclusão de que os pombos podem fazer coisas nunca até hoje sonhadas, e, entre outras, ler. Os pombos seriam, segundo a referida notícia, capazes de diferenciar os 33 caracteres do alfabeto russo, podendo portanto dedicar-se à tarefa da triagem da correspondência, desde que as diferentes zonas postais fossem marcadas nos sobrescritos com uma letra. Isto, tendo em conta o velho ofício de mensageiro que tem sido o de alguns pombos, parece corresponder a uma burocratização de um trabalho até hoje livre e cheio de fantasia. Eis, portanto, os pombos apeados das suas estátuas e encerrados em quatro paredes a escolher envelopes. E quem poderá queixar-se de um pombo, se ele ainda não souber ler muito bem e trocar uma letra por outra?

Mas quantos animais estão mais perto de nós do que julgamos? Lembrei-me agora de Pelorus Jack, um golfinho que durante quarenta anos serviu de piloto voluntário e eficientíssimo a centenas de barcos que entravam no porto de Cork, na Nova Zelândia. O bicho esperava as embarcações no estreito de Pelorus — daí o nome que os marinheiros lhe puseram —, e conduzia-as pelo French Pass, o que lhes evitava uma grande volta. A verdade, porém, é que sendo esse French Pass perigosíssimo (era cheio de rochedos e atravessado por correntes), os barcos só se aventuravam por ali quando pilotados pelo golfinho,

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Todos os comandantes e marujos conheciam Pelorus Jack. Este surgia em geral aos pulos e era festejado pelas tripulações com gritos de entusiasmo. Começava então o trabalho de Jack, que mergulhava e vinha à superfície, mas sempre a uma boa distância do barco, para que o timoneiro o visse bem.

Ora em 1903, um passageiro do paquete «Pinguim», decerto embriagado, resolveu dar um tiro no golfinho, que logo desapareceu nas águas. Reapareceu, no entanto, dias depois, continuando a guiar todos os barcos, à excepção do «Pinguim», cuja existência pasosu a ignorar totalmente. O «Pinguim» acabou por bater num dos perigosos rochedos da French Pass, naufragando. No desastre morreram quinze pesoas. Quanto a Jack morreu por sua vez em 1912. Pelo menos deixou de aparecer e supõe-se que tenha morrido, porque fora sempre um piloto muito consciencioso.

Também só ùltimamente se descobriu que o golfinho tem um cérebro e uma inteligência muito semelhantes aos do homem. É portanto um animal capaz de muitos e variados trabalhos. Quais, não se sabe ainda, mas os americanos têm-lhe dedicado ùltimamente grande atenção.

Muitos bichos até agora disponíveis estão, portanto, à beira de perder a tranquilidade e a independência.

Nota do dia

«DOPING» E ANTI-«DOPING»

PODE-SE TALVEZ RECEAR que o assunto hoje mais discutido em todo o País seja o Agostinho. Não obstante, há-de haver também, pois claro, os que levantam o nariz e o dedo, desdenhosos e interrogativos, como se não soubessem do que se trata. O Agostinho, quem é? A verdade é que, mesmo para esses que não jogam em bola nenhuma, nem jogam nem querem jogar, nem sabem nem querem saber, mesmo para esses, quando não principalmente para esses, o Agostinho é assunto, a história do ciclista que ganhou a Volta a Portugal e que depois foi mandado deitar fora por ter feito batota.

A batota? Isso mesmo. Até vem nos dicionários. Diz o Torrinha, aqui à mão: trapaça ao jogo, casa de jogo, jogo de azar, fraude, burla. Pois é. Apura-se da história que certos praticantes de competições regulamentadas pelas leis do desporto se fazem administrar estimulantes que os façam transitar, em estado de euforia, da proverbial lazeira para a destreza espectacular. Como o Hitler aos pára-quedistas e meninos nervosos em vésperas de exame.

Ora, parece que ainda há quem tenha a batota na causa das regras que só se podem praticar quando não se dá por isso. Quando se dá, claro, que maçada, não há remédio senão dizer alto lá. Desembrulham-se então as boas regras da moral e da decência, do «fair-play» (que é como quem diz do jogo limpo) e põe-se fora da mesa quem joga com as cartas marcadas ou com os dados furados ou quem tomou pastilhas da farmácia para pôr mais força nas rodas.

O episódio é o bastante evidente para fazer descer do pedestal o sujeito a quem na véspera se havia enfiado ao pescoço o colar de louros com que é de uso engrinaldar todos os triunfadores, desde os dos concursos de quadras líricas até aos das carreiras de bicicleta. De um dia para o outro o herói que fez batota é despromovido, exautorado, arrancam-se-lhe os títulos e os galardões. Sobe ao seu lugar o senhor que se segue.

É triste mas é salutar. Tudo quanto é da vida tem sempre em certa medida alguma espécie de características de jogo, o trabalho, a luta, a competição, o esforço e até o desforço. E o jogo há-de ter as suas regras para garantia de todos quantos não têm remédio senão aceitar também o jogo e não vão de peito feito para se deixar imolar pelos caprichos da má aventura de qualquer bom aventureiro. Quando as regras se quebram ou se esquecem, o jogo deixa de ser jogo e passa a ser batota.

Num debate público do seu tempo sobre se deveria ou não permitir-se a prática de jogos de azar em lugares públicos (devia para o caso ser na Granja) tomou Ramalho Ortigão obstinada posição de hostilidade. Razões morais, naturalmente, haviam de vir ao de cima da discussão. Não estão aqui ao alcance do braço «As Farpas» para consulta, pelo que não se reproduz «ipsis verbis» o que lá ficou escrito, mas vai de memória: a batota é um vício e um vício não se regulamenta, reprime-se. Por isso, ele, Ramalho, não desistia de ser contra todas as batotas, incluindo, como ele escreveu, a lotaria e as eleições...

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

COZINHA VELHA
QUELUZ — Telefone 950232
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sexta-feira, dia 5, a nossa «SALA», «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO», se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se no entanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.
A DIRECÇÃO
Agradecemos que as reservas de mesas para os Jantares sejam feitas até ás 19 horas.

grande mais um empreendimento em que o B.N.U. está presente

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

o Banco do Povo ao serviço de Portugal

financia a realização da barragem de **Cabora-Bassa** (a maior da África Austral e a 3ª do mundo)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

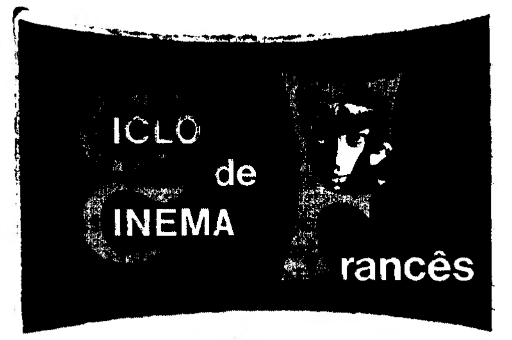
TÍTULO — «A Rapariga da Pistola» («La Ragazza Con la Pistola). REALIZAÇÃO — Mario Monicelli, 1968 (Itália). INTÉRPRETES — Monica Vitti, Carlo Giuffre, Stefano Satta Flores, Tiberio Murgia, etc.

A Rapariga da Pistola é Mónica Vitti. Siciliana, desta feita. Mulher vestida de negro que dança com as amigas, enquanto os homens, num terraço fronteiriço, dançam igualmente uns com os outros. Nada de misturas. Acima de tudo a «honra», essa «honra» tradicionalista, feita de preconceitos medievais. Uma «honra» que se alimenta da «desonra», da mulher raptada para se possuir, guardar, fechar. Assunta é Mónica Vitti, a «Rapariga da Pistola» que corre a Londres, tentando limpar pelo sangue a desonra que nela foi cometida por um *latin lover* de patilhas sicilianas, cabelo abrilhantinado e voz de melaço. Corre a Londres de pistola em punho, disposta a desferir o primeiro tiro sobre o «traidor». Mas, o «traidor» não está pelos ajustes e vai conseguindo fugir. Assunta não desiste de persegui-lo, porém. Mas, á medida que a perseguição prossegue, Assunta vai penetrando num mundo novo, feito á medida de outras gentes. A liberdade de um beijo «escandalosamente» publico faz vacilar todo o seu esquema de valores. Daí em diante será um nunca mais acabar de revelações que irão dar um novo curso á sua vida. Até que, tempos mais tarde, será o «traidor» a vir procurá-la, tentar prendê-la com uma proposta «séria» de casamento e ela a recusá-lo, com uma certa indiferença, depois de o ter possuído num supremo ultraje.

Mario Monicelli (autor de comédias muito interessantes como *Polícia e Ladrão*, *Gangsters Falhados* ou *A*

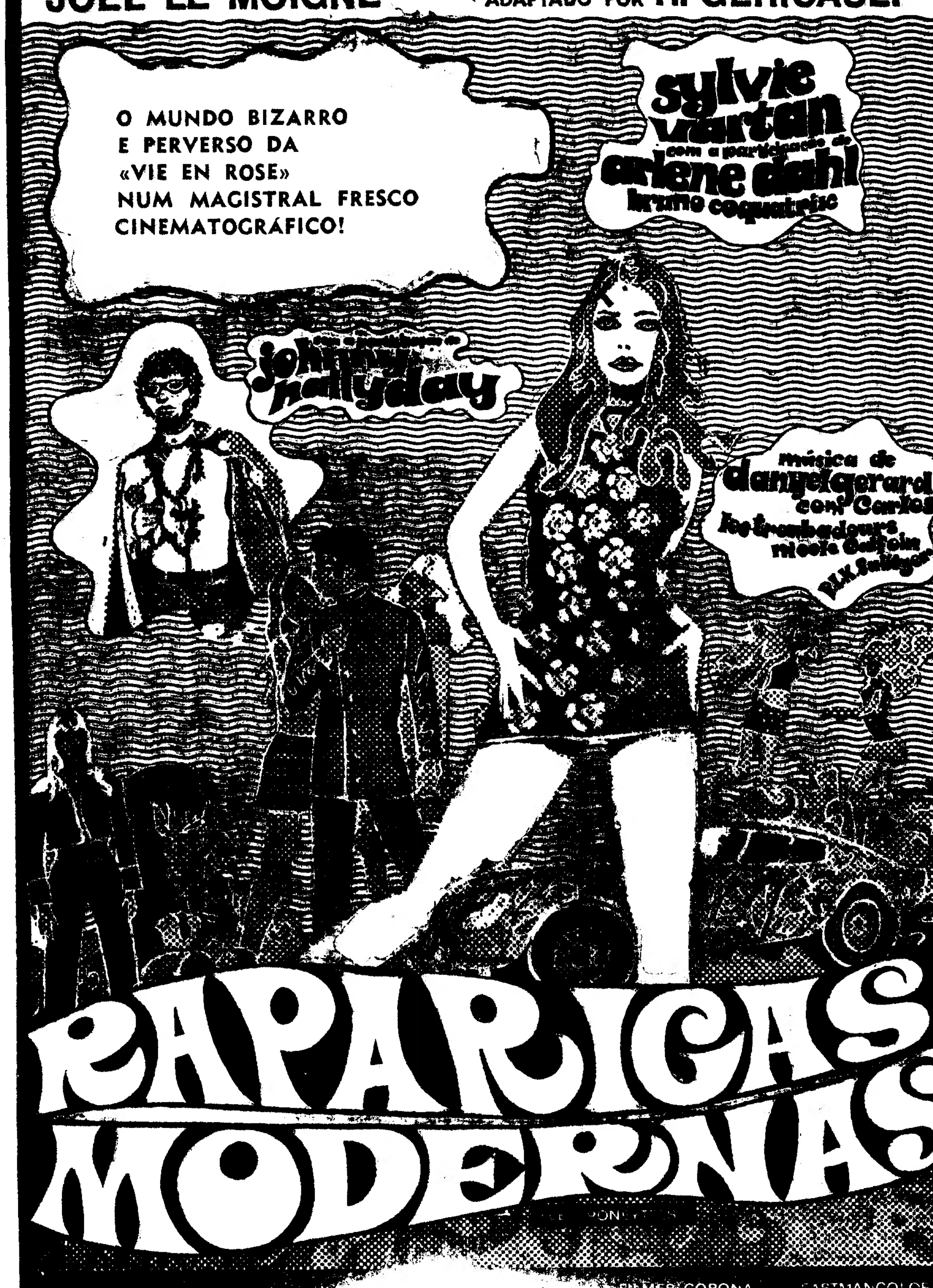
(Continua na 14.ª página)

SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
apresenta



HOJE, às 21.30

UM FILME DE
JOEL LE MOIGNE
ADAPTADO POR R. GERICAULT



ABC

IVONE SILVA

2 SESSÕES, às 20.45 e 23 horas
(Adultos)
HOJE
EM SENSACIONAL
ESTREIA
JOSÉ MIGUEL apresenta
A REVISTA POPULAR
ENA, JÁ FALA!

Original de PAULO DA FONSECA, CÉSAR DE OLIVEIRA e ROGÉRIO BRACINHA com musica de JOÃO NOBRE e JOÃO DE VASCONCELOS

com

IVONE SILVA ● RIBEIRINHO ● NICOLAU BREYNER ● HENRIQUETA MAIA ● ÓSCAR ACURCIO ● NATALINA JOSÉ ● CARLOS GONÇALVES ● ● CARLOS QUEIROZ e em reaparição FERNANDA BAPTISTA

UMA REVISTA POPULAR QUE VAI DAR QUE FALAR!

NICOLAU BREYNER

O PÚBLICO RI PERDIDAMENTE
VARIEDADES 7.ª semana
VASCO MORGADO apresenta
OS DIREITOS DA MULHER
2 HORAS A RIR
com
UM CASO MUITO SÉRIO
A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM
TRIUNFO DA
C.ª TEATRO ALEGRE
HENRIQUE SANTANA
IRENE ISIDRO | COSTINHA
LIA GAMA
MARIA HELENA | HENRIQUE SANTOS
LUISA DURÃO
HELENA ISABEL | BENJAMIM FALCÃO
HOJE. ÀS 21.45 H. — (Adultos)
DOMINGO, A TARDE, ÀS 16 H.

Um êxito clamoroso!
13.ª SEMANA DE ENCHENTES
A revista dos PARODIANTES DE LISBOA com CAMILO, FLORBELA, PAULA RIBAS, RUI DE MASCARENHAS — um espectáculo de VASCO MORGADO
em segundo mês de lotações esgotadas na sala fresquinha do
MONUMENTAL em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)
DOMINGO, A TARDE, ÀS 16 H.

HOJE — NOITE SENSACIONAL — HOJE NA
FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
NOITE À PROCURA DA ROLHA DOS VINHOS «MONTANHEZ»
GRÁTIS — TUDO — GRÁTIS
CENTENAS DE GARRAFAS DESTE FAMOSO VINHO VERDE «MONTANHEZ», MAIS DE UM MILHAR DE PROVAS E UM SORTEIO DE DEZ SABOROSOS PRÉMIOS
AO QUAL FICAM HABILITADAS TODAS AS PESSOAS QUE ADQUIRAM BILHETE DE ENTRADA NA FEIRA
ÀS 23 HORAS — O SENHOR «MONTANHEZ» FAZ DAS SUAS
APOTEOSE DE ROLHAS
10.000 — ROLHAS — 10.000
A FEIRA ESPERA-O — ABRE ÀS 19 HORAS
HABILITA-SE TAMBÉM A CINCO MOTORIZADAS CASAL, OFERTA MENSAL DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO

AGOSTINHO, AMARGURADO:

«ESTOU INOCENTE»

Um homem esmagado, dolorosamente surpreendido e com a sensação de ser vítima de uma injustiça gritante, foi o que se nos deparou depois de termos sido os primeiros a anunciar a Joaquim Agostinho que a sua análise anti-«doping» referente à última etapa da Volta dera resultado positivo, de acordo com informe oficial.

Ao vê-lo, acabrunhado, e ao escutar-lhe as magoadas queixas, feitas na sua mesma voz suave (mas enroquecida pela constipação que o apoquenta desde duas etapas antes da que terminou nas Penhas da Saúde), lembrámo-nos da exclamação que ontem teve, ao anunciarmos-lhe o facto, logo que terminou o circuito ciclista de Rio Maior, ganho ao «sprint» por Fernando Mendes, e em que Agostinho terminara em 9.º lugar:

— Não me diga!

E, ante a nossa insistência e a citação da fonte oficial donde provinera a notícia, o seu grito, que fez vibrar os diafragmas dos auscultadores:

— ESTÃO MALUCOS! ESTÁ TUDO MALUCO!

Escrevemos em caixa alta, porque foi assim mesmo que aqui reboou o berro de quem, após um esforço de ter pedalado cerca de 2500 quilómetros, nas mesmas condições de todos os seus adversários, mas á frente deles, se sentiu «roubado» de um título que, em seu entender, lhe pertence a ele, porque soube conquietá-lo.

Foi um Agostinho deprimido que se nos deparou na conferência de Imprensa onde fomos encontrá-lo, duas horas depois de lhe termos telefonado para Rio Maior. A depressão era causada pela injustiça. Agostinho estava ferido, sim, mas revoltado.

«TOMEI SEMPRE OS MESMOS MEDICAMENTOS»

Agostinho, na sede do Sporting, rodeado do dr. Pereira da Silva, vice-presidente da direcção, e de outros dirigentes do clube, uma vez reunidos os representantes dos órgãos informativos, exclamou:

— *Tenho a consciência limpa. Estou inocente, completamente inocente. A verdade é que sempre tomei, durante toda a Volta, os mesmos medicamentos. Fui submetido quatro vezes à análise «antidoping», porque é que não teria havido resultado positivo nas três anteriores (nas quais não estava avisado de que iria ser um dos examinados) e positivo na última, quando sabia, desde horas antes do início do contra-relógio, que viria a ser um dos quatro a submeter à análise?*

É voz corrente a todos quantos têm acompanhado provas por etapas, tanto em Portugal como no estrangeiro, que todos os corredores tomam numerosos medicamentos durante elas. Também todos sabem que, as mais das vezes, os corredores não fazem a mínima ideia dos produtos que lhes dão, ou os médicos, ou os enfermeiros, ou os massagistas, ou os treinadores. Ninguém deve ignorar, também, certas espécies de «doping» psicológico, que toda a gente aceita, e de que até se vangloria, como foi o caso do treinador de Eddy Merckx, que, na fase mais difícil da Volta á França deste ano, deu ao *campeonissimo*, por ocasião de um desfalecimento deste, uma mistura de água mineral com gás carbónico, corante inofensivo e um meio decilitro de champanhe, convencendo-o de que iria ingerir uma «superbomba» («bomba» é, em gíria ciclista, o nome atribuido aos estimulantes proibidos pela União Velocipédica Internacional). Pois Eddy renasceu do esgotamento, para ganhar a etapa com uma vantagem enorme, num percurso de montanha, o ponto forte dos seus mais fortes adversários.

«NAS PENHAS DA SAÚDE FOI NEGATIVO O RESULTADO»

Outra circunstância de peso apontada por Agostinho:

— *Como toda a gente sabe, ataquei a fundo na etapa das Penhas da Saúde, cujo traçado é favorável aos homens da montanha. Só não ganhei porque tive um «furo», como também todos sabem. Ora, isso obrigou-me a um esforço suplementar, para não perder tempo em relação a Andrade e Mário Silva e ganhar algum relativamente ao Fernando Mendes. Empreguei-me, por isso, a fundo, e ninguém poderá duvidar que, ali, eu tenha dado o máximo, num tipo de corrida que me é muito mais penoso do que o contra-relógio, que é a minha grande especialidade. Além disso, tinha-me constipado dois dias antes, e estava a ser medicamentado para que o mal não progredisse.*

Uma pausa para pigarrear, e o corredor acrescentou:

— *Ali não sabia que me iam submeter á colheita de urina, para análise. Pois foi o que fizeram, e logo na altura da chegada. Se eu andasse a ingerir estimulantes proibidos, era nessa etapa que precisaria mais deles. Pois o resultado foi negativo. Além disso, a colheita foi feita logo a seguir á chegada, enquanto que em Alvalade, por causa das aclamações do público, que me levou em triunfo, só pude ser examinado cerca de uma hora depois, ao mesmo tempo que o Fernando Mendes. Se eu me tivesse drogado especialmente na última etapa seria um caso de estupidez incompreensível, mais do que um caso reprovável do uso de drogas.*

Joaquim Agostinho ao lado de Manuel Graça. Este meio sorriso foi no regresso de Rio Maior, onde estava quando o «Diário de Lisboa» lhe anunciou que a análise fora positiva e ele tinha provàvelmente perdido a «Volta» a favor de Joaquim Andrade

AGOSTINHO BEBEU APÓS A CHEGADA

O corredor, através do longo interrogatório a que foi submetido por todos os jornalistas presentes, foi sempre firme e pareceu absolutamente sincero na sua convicção absoluta de que não ingeriu conscientemente qualquer estimulante proibido. «Só atribuindo-lhe qualidades de um actor extraordinário poderíamos admitir que ele tivesse estado a representar», foi o desabafo de um colega nosso, no final da conferência de Imprensa.

Ficou também estabelecido (há imagens de cinema, de televisão e películas de fotógrafos) a prová-lo, que Joaquim Agostinho bebeu líquidos, por mais de uma vez, na confusão e balbúrdia da chegada. Não há a certeza de que quem lhe deu esses líquidos a beber pertencesse aos representantes do Sporting ou ás organizações autorizadas a distribuir refrigerantes.

AGOSTINHO JÁ PROTESTARA QUANTO À MANEIRA COMO ERA EFECTUADA A ANÁLISE

O corredor sportinguista também sublinhou que, logo da primeira vez, protestara contra a maneira como era efectuada a colheita de urina, em Portugal. «Na Volta à França tudo funcionava de modo diferente e parecia-me mais seguro o processo deles. Disso dei conhecimento quando pela primeira vez me examinaram e também falei no caso ao nosso técnico e aos nossos dirigentes. Não quero suspeitar de nada, nem de ninguém, mas apenas admitir a possibilidade de um engano».

Agostinho acrescentou que, se fosse necessário, estaria disposto a recomendar contra-análise num laboratório estrangeiro.

Por seu turno, o dr. Pereira da Silva declarou estar o Sporting disposto a apoiar integralmente o seu ciclista e a recorrer a um rigoroso inquérito, «que poderá ir até à competência da Polícia Judiciária», para se apurarem todas as responsabilidades deste caso.

Durante a conferência de Imprensa na sede do Sporting

POR EQUIPAS... O Sporting passará para segundo

Como já ontem dissemos—a confirmar-se evidentemente, a sua drogagem — Joaquim Agostinho descerá para o sétimo lugar da classificação geral.

Se assim acontecer também será afectada a classificação geral por equipas pois, na etapa da tarde, o Sporting passando a não contar com o tempo efectuado por aquele ciclista, somará tempo superior ao dos portuenses.

Assim o F. C. Porto passará a ter 221 horas, 47 minutos e 48 segundos e o Sporting, 221 horas 49 minutos.

PELO «REGULAMENTO SOBRE DOPAGEM»

O caso pode demorar certo tempo a esclarecer

Para esclarecimento dos leitores transcrevemos seguidamente o articulado (aplicável ao caso de Joaquim Agostinho) contido no «Regulamento sobre Dopagem» da Federação Portuguesa de Ciclismo:

Art.º 7.º — 1. O liquido organico recolhido repartir-se-á por três frascos que serão fechados, lacrados, selados e codificados com um numero de que tomarão conhecimento os oficiais presentes.

2. Os frascos serão embalados e enviados aos laboratórios oficialmente reconhecidos.

3. O liquido organico contido num dos frascos será imediatamente analisado, conservando-se o conteudo dos restantes para contra-análise.

Art.º 8.º — Os resultados da análise do liquido organico serão comunicados pelo laboratório ao presidente da Federação e ao médico que procedeu á colheita.

Art.º 9.º — 1. No caso da análise provar a existência de substancias cujo uso se encontra vedado, o ciclista será convocado pela Federação que do facto lhe dará conhecimento.

2. O ciclista será ouvido pela Federação facultando-se-lhe promover a efectivação, dentro de 48 horas, de contra-análise cujos encargos, sejaj qual for o resultado, serão da sua responsabilidade ou do clube por que se encontra inscrito.

EFEITO SUSPENSIVO

Art.º 12.º — 1. Numa prova por etapas o ciclista que cometer infracções pela 1.ª vez, perderá o direito a prémios oficiais e particulares eventualmente ganhos, será penalizado em 15 minutos e passará ainda a ser submetido a «contrôle» sistemático até ao fim da prova. No caso de reincidência será imediatamente expulso.

Art.º 13.º — O pedido de realização de contra-análise tem efeito suspensivo.

As sanções produzem efeitos desde o momento em que o infractor for notificado da confirmação do resultado da primeira análise.

Assim, segundo a letra da regulamentação, o pedido de efectivação da contra-análise (já foram analisados dois frascos que conteriam a urina de Agostinho) terá efeito suspensivo. Quer isto dizer que o caso poderá demorar certo tempo a esclarecer por completo, pelo menos até ao fim do inquérito que o ciclista e o clube desejam.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

EXTERNATO INFANTIL E PRIMÁRIO
A ÁRVORE
TRAV. DO OLEIRO, 11, 2.º
(a S. Bento) — LISBOA-2
TEL. 690586 DAS 15 ÀS 19.30 H.
PEDAGOGIA MODERNA
Actividades Artísticas — Matemática Moderna — Iniciação às Ciências e à Música — Visitas de Estudo — Meios Audio-visuais — Ginástica e Jogos no Jardim

«SE AGOSTINHO ESTAVA DROGADO FOI ELE MESMO OU FOI ALGUÉM COM O SEU CONHECIMENTO»

—palavras de Joaquim Andrade no meio da festa inesperada

Joaquim Andrade rodeado pela mulher, a filha e os sogros junto á casa destes ultimos, em Maceira. A notícia viera há pouco de Sangalhos através do nosso jornal

PORTO, 4. — Joaquim Andrade, o segundo homem da «Volta» estava ontem em casa dos sogros, em Maceda, próximo de Ovar. Fomos até lá convencidos de que iríamos encontrar dificuldades para dar com a residência dos sogros do corredor. Mas os foguetes que rebentavam logo nos indicaram que estávamos na boa pista: eram lançados á porta do Café S. Pedro. Dentro, rapaziada em volta do «ídolo», Tudo a beber o que lhe apetecia, já que havia franqueza da casa...

Joaquim Andrade estava apertado entre os «fãs» locais, muitos deles em cima das mesas. Os homens dos jornais iam chegando e toda aquela gente só largava o Joaquim Andrade para os jornalistas e para os fotógrafos.

Andrade pareceu-nos um homem normalmente calado, o que confirmámos quando alguém disse: «Ele hoje está a falar muito». E assim era de facto. Isso só provava a grande satisfação que o assaltava, ainda que continue a manter algumas duvidas.

Para tirar algumas fotos com a família e com a filhinha ainda de meses, fomos a casa dos sogros. Casa de lavoura, modesta, de aldeia. Á entrada duas bicicletas, uma das quais a «vencedora» da discutida «Volta» deste ano. Mulher aos abraços, filhinha levantada do berço e as baterias de fotógrafos a fazer fotos para ressaltarem mais o sucedido. Depois, foi a volta para o café, para a festa com os amigos.

«Se é verdade creio que o Agostinho sabia estar drogado...»

Joaquim Andrade, rodeado por muitos admiradores e com cerveja á frente, começou por nos dizer como teve conhecimento da notícia:

— Fui dar um passeio de carro com a família. Onde primeiro me falaram no assunto foi na Fábrica de Calçado «Provável», em Mosteiró, na Vila da Feira, onde eu trabalhava. O patrão é muito meu amigo e eu fui cumprimentá-lo. Ali foi que me falaram, mas eu francamente julguei que era brincadeira. Pelo caminho, porém, mais algumas pessoas me falaram no assunto e eu comecei a acreditar. Em Ovar já fiquei com a certeza de que havia uma possibilidade de eu vir a conseguir o posto por que tanto lutara. E aqui em Maceda até já tive festa á chegada.

E acrescentou:

— Não foi preciso confirmar, porque entretanto telefonavam-me também alguns dirigentes do Sangalhos, todos satisfeitos: os srs. Ivo Neves, Nelo e Nelson Neves.

— Então já é certo?

— Bem, parece que há muitas probabilidades, mas eu continuo com uma duvidazinha. Bem vê: o Agostinho é hoje, no ciclismo, um nome grande. E está também num grande clube. Mas uma coisa parece ser certa: é que a análise dele saiu positiva.

— Daí?

— Eu não vou acusar um camarada, aliás, um camarada com quem me dou muito bem. A ser verdade era um gosto grande para mim, mas acusar não acuso, porque não vi nada. Digo apenas que eu e alguns companheiros ás vezes pensávamos e falávamos no assunto, dizendo como era possível o Agostinho nada fazer nas etapas em linha, não nos fugir e fazer tempos do «arco-da-velha» em etapas contra-relógio. E isso já vem do «Prémio Robbialac». Com vários companheiros cheguei a ter conversas sobre isso, como por exemplo com o Graça, do Tavira, e com o Américo Silva.

— E pelo tempo que ele fez no contra-relógio desconfiou de alguma anormalidade?

— Não, mas á volta para casa falei nisso com alguns companheiros da minha equipa. Pusemos o problema de que, se tal acontecesse, eu era o vencedor da «Volta». Parece impossível ter-se falado nisso e agora acontecer mesmo...

Prémio singular: um ano de barba e cabelo grátis para o homem de Travanca

«Fiz uma corrida excepcional»

— Entretanto o Joaquim Andrade fez também um tempo excelente na ultima etapa. Foi surpresa para si?

— Eu faço bons contra-relógios e o de Vila Franca a Lisboa saiu-me melhor que qualquer outro. Foi a minha melhor corrida no género. O que eu temia não aconteceu. Isto é, não ter disposição. Tive-a e fiz uma corrida excepcional. Quando me deram o «tempo» julguei ser o vencedor da «Volta». Depois soube o «tempo» do Agostinho e não pensei no caso. Paciência: ele era melhor e o segundo lugar já era uma honra para mim.

— Sabia que ia ser examinado no final?

— Não. Quando cheguei chamaram-me e fui logo dar a urina. Ali soube que os outros ainda não tinham ido e disseram-me que se não fossem seriam desclassificados.

«Nunca me droguei»

— Já se drogou alguma vez?

— Não. E digo-lhe que, a ser verdade, eu com vergonha nem saía de casa tão cedo se estivesse no lugar do Agostinho. Nas Caldas da Rainha o médico quando fiz uma análise disse-me que o café em excesso podia dar positivo, e eu que levava sempre café deixei logo de o levar. Depois, gosto de correr com a força que tenho e não com forças falsas. Corro desde 1964 e a minha melhoria deve-se apenas a uma melhor preparação. Antes ia de comboio para Sangalhos e treinava. Agora vivo lá e descanso e treino. Já tirei, nas cinco «Voltas» que corri, um 48.º lugar, um 8.º, um 12.º, e, agora, o segundo ou o primeiro. Julgo que é subir bem e sem drogas.

— E convenceu-se de que tirava esta classificação?

— Só a meio da «Volta». Ia bem classificado e aproximava-se a etapa das Penhas da Saude. Tenho a certeza que de momento ninguém é melhor que eu a subir. E também sou bom no contra-relógio. Isso deu-me a certeza que sem azar teria boa classificação.

— Mas o Agostinho era uma ameaça nisso mesmo...

— Era, sim senhor. Era mesmo de quem eu tinha mais receio. Talvez por isso eu me resignasse no final...

Cálculo errado?

O segundo lugar daria a Joaquim Andrade cerca de 50 contos. Deu também «sete ou oito fatos e mais umas coisinhas». Para os colegas de equipa vão 20 contos.

Entretanto Andrade é o «menino bonito» de Sangalhos. Ele conta:

— Ainda ontem, quando lá cheguei, fui ao barbeiro. No fim ia para pagar e ele disse: «Ó rapaz, daqui até á próxima «Volta» não pagas nada nesta casa, e podes cortar o cabelo e fazer a barba as vezes que te apetecer». Já vê que é boa gente...

Joaquim Andrade («posso esperar um pouco») sonha com a França e conta ir á Volta a São Paulo. Diz mais: nesta Volta a Portugal o melhor foi Fernando Mendes; a equipa do Sporting esteve muito incerta; o ciclista português com mais futuro é José Luís Pacheco, do Futebol Clube do Porto.

Mas o tema «dopping» voltaria ainda á conversa. Fizemos a Andrade uma derradeira pergunta:

— A ser verdade a drogagem de Agostinho, julga que foi ele ou alguém sem ele saber?

— Se fosse uma etapa em linha, acho que se podia dizer que ele até nem sabia que estava drogado. Mas numa etapa de contra-relógio, e se realmente estava drogado, ou foi ele que se drogou ou pelo menos isso foi feito com o seu conhecimento. E a estar drogado foi um cálculo que saiu errado. Com certeza que pensaram que com as manifestações finais, os abraços, os «louros» e as «voltas de honra» ninguém se lembraria das análises. Isto se de facto «ele» estava drogado! Se não estava, fez uma grande corrida e foi uma boa vitória. Eu sou amigo dele, mas também sou adversário e com o mal dele benefício eu. O que lhe posso dizer — já que não quero dizer o que espera, isto é, se desejo que seja verdade — é que sou contra o «dopping».

ANTÓNIO AUGUSTO

ora diga-nos...

— Que pensa do caso Joaquim Agostinho?

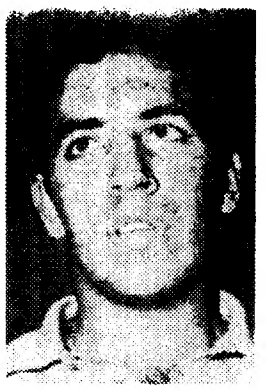
Uma verdade é que o famoso corredor continua a ter quem confie nas suas grandes possibilidades, e há, mesmo, quem não acredite que ele tenha vencido sob o efeito de drogas... Os analistas, porém, são peremptórios.

● *O sr. Rogério Jorge Lopes Correia, fotogravador, respondeu-nos:*

— Sou adepto do ciclismo, embora não pertença a nenhum clube. Acho que toda esta publicidade á volta do Joaquim Agostinho dá muito mau aspecto. Não acredito que o homem tenha tomado drogas, não acredito! Ele não tinha necessidade disso, pois é um corredor com grandes possibilidades. Não, não acredito! Olhe, tudo isto prejudica o ciclismo!

● *O sr. João da Silva, estudante universitário, disse-nos:*

— Acho mal... O caso tem muitas implicações... Bem vê, depois de o público ter aplaudido o Joaquim Agostinho como vencedor da «Volta», chega-se á conclusão de que, afinal, a vitória não é válida. Que o Agostinho foi o vencedor, não restam dúvidas! Se o fez legalmente, ou não, é que levanta problemas... Em minha opinião, um corredor tão regular como o Agostinho, e com provas dadas em França, não tinha necessidade de tomar drogas, de recorrer a esses expedientes.



● *Aluno do 2.º ano do Instituto Comercial, o sr. Rui Lourenço Amaral afirmou-nos:*

— Acho que tomar drogas é sempre coisa muito condenável, e isto em qualquer campo de acção humana. No caso do Joaquim Agostinho, o corredor portou-se de maneira antidesportiva. Tomar drogas, aliás, e como toda a gente sabe, é antibiológico. Por outro lado, devia-se ter tido conhecimento do resultado da análise mais cedo, porque o público confiou na vitória do Agostinho, e, agora, vem de rever a sua opinião. Devia haver mais cuidado nestas coisas! É lamentável...

EUSÉBIO AUTORIZADO A TREINAR NA LUZ

— Eusébio está autorizado pelo Benfica a treinar com a equipa do clube — declarou-nos esta manhã o dirigente Francisco Calado.

O treino da primeira categoria do Benfica, ao contrário do que se anunciara, não se efectuou hoje de manhã, mas sómente esta tarde, no Estádio da Luz.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Os E.U.A. preparados para apresentar desculpas à Coreia do Norte

PAN MUN JOM (Aldeia do Armistício Coreano), 4 — (R.) — Os Estados Unidos afirmaram hoje que estavam preparados para apresentar desculpas pelo voo de um helicóptero americano no espaço aéreo norte-coreano

O major general Arthur Adams, dos fuzileiros navais dos E. U. A., declarou á Coreia do Norte que o pedido de desculpas seria feito simultaneamente com a libertação dos três tripulantes do helicóptero, que foi abatido.

Não haverá guerra sino-russa —crê-se em Hong-Kong

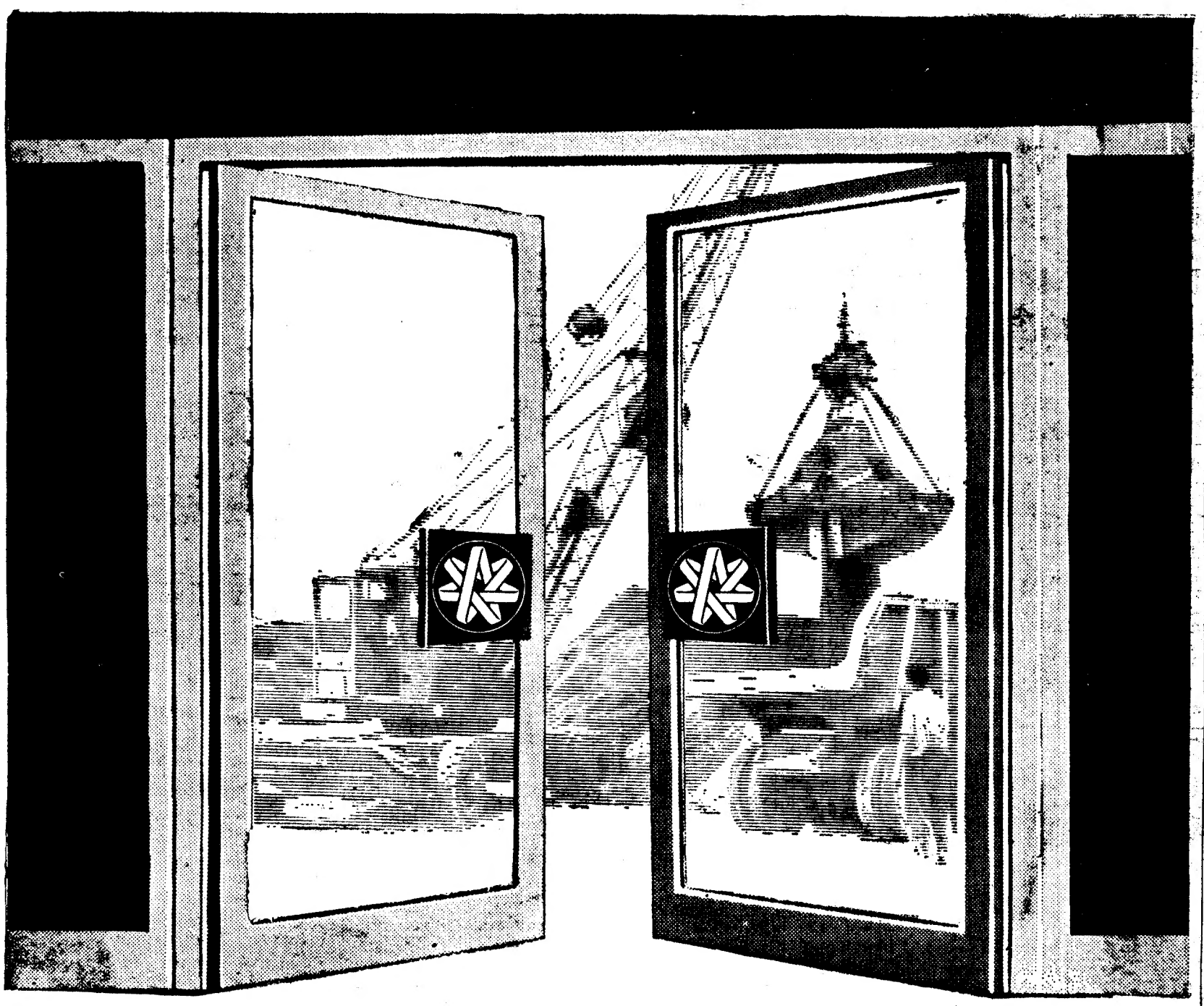
HONG-KONG, 4 — (A. N. I.) — Alguns observadores da nova fase da luta entre os dois colossos comunistas olham com certa ironia o desenrolar dos acontecimentos na zona fronteiriça e crêem que não haverá guerra sino-russa.

Na opinião dos sinólogos de Hong-Kong, Mao Tsé Tung é demasiado sagaz para que embarque numa aventura sem possibilidades de êxito. Sabe, também, que ninguém deseja hoje a guerra precisamente pelo lógico receio de que o mundo acabe num holocausto nuclear.

Por outro lado, sabe-se que no interior da China continental existem demasiadas discrepâncias, que não são apenas verbais. Em muitas províncias há autênticas rebeliões de guerrilheiros.

A Revolução Cultural abriu caminho á criação de uma autêntica frente interna de oposição ao Governo de Pequim. A solução prevista por Mao Tsé Tung e os seus adeptos é a de combater este fermento com a bandeira do patriotismo. Nada pode unir tanto um povo como a consciência de um perigo externo e Mao tem dirigido uma guerra ideológica em duas frentes: uma contra os norte-americanos que estão no Vietnam e outra contra os russos «revisionistas».

Os ataques contra Washington e Moscovo traduzem apenas, segundo os mesmos observadores, um desejo de unir todos os chineses, fazendo crer que «tal como os norte-americanos entraram no Vietnam também os russos querem entrar na Mongólia ou na própria China».



JUNTOS,
ABRIMOS TODAS AS PORTAS

No caminho do progresso,
participamos de um
esforço comum,
para construir realidades
perduráveis.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Posição da O. U. A. perante o G. R. A. E.

ADDIS ABEBA, 4 — (A. N. I.) — Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos países pertencentes á Organização da Unidade Africana (O. U. A.), reunidos em Addis Abeba, decidiram não recomendar aos seus chefes de Estado que seja retirado o reconhecimento da organização ao G. R. A. E. (Governo Revolucionário de Angola no Exílio) — afirma-se em círculos autorizados da conferência.

Na sua declaração, os ministros sublinham, porém, que, de futuro, só haverá reconhecimento de governos no exílio, «como este», se eles demonstrarem dinamismo.

Ao mesmo tempo, os ministros afirmaram que os «movimentos de libertação» devem convencer-se da «necessidade imperiosa de formarem uma frente unida», pondo de lado as divisões e rivalidades intestinas e entre os vários grupos.

«TOTAL LIBERTAÇAO DA AFRICA»

Chamando a atenção para a «situação alarmante e explosiva na África não libertada», a resolução aprovada depois de três horas de debates, nomeia a República da África do Sul, a Inglaterra, a França, a Espanha e Portugal como merecedores de censura especial.

Entre as diversas recomendações constantes desta resolução, contam-se as seguintes:

— Deve conceder-se maior apoio material, financeiro e político aos «movimentos de libertação».

Devem desencadear-se novas ofensivas diplomáticas e políticas, a todos os níveis das organizações internacionais, para a «total libertação da África».

— Não deve ser concedido o menor apoio aos movimentos não reconhecidos pela OUA.

— Melhor utilização dos meios de informação para «garantir o êxito da guerra psicológica feita do exterior».

Noutra resolução, aprovada pelos ministros, recomenda-se que, nas próximas sessões da ONU, os elementos da OUA levantem a questão do alargamento do Tribunal Internacional da Haia, de forma a aumentar o número de representantes africanos.

Os ministros voltam a reunir-se amanhã de manhã.

Actualidade internacional

HO CHI MINH: ANTI-IMPERIALISTA IRREDUTÍVEL

PARIS, 3 — (por Jacques Moalic, antigo correspondente da F. P. em Hanoi) — Uma barbicha de mandarim, cabelos raros que se tornaram completamente brancos, uma testa alta e curva, um rosto magro, por detrás dos óculos de aros grossos uns olhos escuros, vivos, móveis, sempre alerta, um olhar de «clandestino» perseguido mergulhado num rosto sereno.

Assim aparecia, nos últimos meses em Hanoi, á luz dos projectores, sobre a cena da grande sala da Assembleia Nacional, no meio de todos os dirigentes do Partido Comunista norte-vietnamiano, Ho Chi Minh.

Para a população, Ho Chi Minh era nestes anos um ancião amável e familiar, o «Tio Ho», como deferentemente lhe chamavam em Hanói. Ele retorquia, chamando aos jovens das milícias «meus sobrinhos e sobrinhas». Como o velho da tradicional família vietnamiana, era honrado, respeitado e obedecido.

Mas esta figura prezenteira, nas horas graves da guerra contra os «imperialistas americanos», cedia o lugar a uma personagem totalmente diferente, implacável e irredutível. «A guerra poderá durar ainda cinco, dez, vinte anos ou mais. Hanói e Haiphong poderão ser destruídas, mas o povo vietnamiano não se deixara intimidar...», exclamou ele em 17 de Julho de 1966, após os primeiros ataques da aviação americana contra os arredores da capital.

A guerra contra a primeira potência mundial parecia então coroar o destino extraordinário do jovem vietnamiano, que da revolta anticolonialista viera a desposar a causa da revolução mundial e se metamorfoseara sucessivamente em militante, em agitador da Terceira Internacional, em dirigente de partido e em chefe de Estado, para voltar a chefiar grupos de guerrilheiros antes de reaparecer a luz do dia como triunfador.

Quando nasceu em 1890 — no mesmo ano que Charles de Gaulle — na província de Nghe An, já estava marcado pelo destino: O seu pai era francamente anti-francês e a sua província natal foi um berço e um fermento da luta nacionalista.

O jovem que, em 1911, decidiu exilar-se e abandonou o Vietnam como moço de bordo no navio «La Touche-Treville» já era um patriota convencido e um adversário da dominação francesa Foi aos Estados Unidos, á África, tornou-se ajudante de cozinheiro, mergulhador, empregado de café. Entrou assim em contacto com a condição proletária, e ainda com o problema dos negros americanos.

Em 1917, no ano da Revolução de Outubro, chegou a França e fixou-se em Paris. Viveu precáriamente, como escreveu ele próprio, como fotógrafo assistente ou pintor de «antiguidades chinesas». Mas na sua existência, a etapa foi decisiva: o patriota, sem abandonar a luta nacionalista, colocou-se ao serviço da revolução mundial que é a única que pode, pensa ele, levar a libertação ao seu país.

Mas para alertar a opinião sobre o problema colonial da Indochina, estava disposto a tudo: um dia de 1919, alugou uma casaca e um chapéu alto para se encontrar com o presidente Woodrood Wilson e pedir o apoio dos Estados Unidos para um programa, aliás modesto, a favor dos seus compatriotas. Mas não conseguiu chegar ao pé do presidente americano.

Este fracasso levou-o a votar em Dezembro de 1920, no congresso de Tours, pela adesão do Partido Socialista Francês á 3.ª Internacional. Nesse areopago de militantes de bigodes, o jovem Nguyen Ai Huoc (primeiro duma longa série de pseudónimos, significando «aquele que ama o seu país»), perfeitamente imberbe e já envergando um casaco de ombros demasiado largos, interveio com a autoridade própria dum veterano, sem admitir interrupções, para pedir «o apoio do partido aos indígenas oprimidos».

Daí em diante, o seu caminho estava escolhido: a luta pela libertação nacional e social, que para ele se confundiam. A esta actividade sacrificou tudo o resto, mesmo a vida privada. «Não tenho família pessoal», diria num dia de 1959, durante uma discussão acerca dum projecto de lei sobre o casamento. «Tenho no entanto uma grande família, a classe operária do Mundo inteiro e o povo vietnamiano», acrescentou, revelando assim o segredo das únicas paixões que animaram a sua existência.

Seguiu toda a carreira dos «missionários» da revolução: frequentou as escolas do partido em Moscovo, assistiu a organização do Komintern, efectuou numerosas missões no estrangeiro. Uma delas, em 1924, levou-o de volta ao Extremo-Oriente, a Cantão, donde havia de lançar as bases dum autêntico Partido Comunista Indochinês.

O revolucionário indochinês transforma-se então, sob o nome de Ho Chi Minh («aquele que recebeu a luz») e desaparece.

Será precisa a segunda guerra mundial para o fazer reaparecer na China, no Yunnan, onde montava a organização que viria a ser o instrumento da independência, sob o nome de «Viet Minh». Lança na mesma altura a ordem da sublevação contra os franceses e os japoneses, o que não impede os chineses de Chang Kai Chek de o prender. Durante catorze meses, anda de prisão em prisão, algemado, indefeso contra a fome, a doença e os parasitas. Vive então uma odisseia que depois contara em pequenos poemas, saborosos e plenos de humor. «Felizmente, sou paciente e nada me demove», escreveu num deles.

Ho Chi Minh encontrava-se novamente em liberdade quando um professor de História, chamado Vo Nguyen Giap, passou revista, num dia de Dezembro de 1944, os 34 homens que constituíram a primeira brigada do Exército popular.

Os acontecimentos aceleraram-se: a capitulação japonesa, a rebelião geral, a proclamação em 2 de Setembro de 1945 da independência do Vietnam, depois a difícil negociação das futuras relações do novo Estado e da antiga metrópole.

Ho Chi Minh foi recebido em Paris em 1946 como chefe de Governo.

Mas a lua-de-mel não foi muito demorada.

Em 19 de Novembro, escapou-se de Hanói onde os franceses e os vietnamianos se enfrentavam. Só regressou oito anos mais tarde, esgotado por vários anos na resistência envelhecido mas «inabalável»: «O tio Ho», de cabelos brancos, nasceu e vai aguardar a nova prova, a ultima: a ofensiva aérea americana.

HO CHI MINH, de 79 anos, sucumbiu ontem a um violento ataque cardíaco, após ter adoecido na passada terça-feira, dia do 24.º aniversário da independência do seu país. Durante sete dias será observado luto nacional no Vietnam do Norte

A MORTE DE HO CHI MINH

Um deputado de Saigão pediu que as hostilidades sejam suspensas durante os dias de luto

SAIGÃO, 4 — (F. P.) — Ho Chi Minh, o pai da independência do Vietnam, que milhões de vietnamianos chamam «tio Ho», faleceu. Foi nestes termos que a Rádio das Forças Armadas americanas no Vietnam do Sul anunciou, num boletim especial ás 7 e 30 de hoje (0 e 30 de Lisboa), a morte do presidente do Vietnam do Norte.

Pela primeira vez a rede de Televisão americana havia na véspera á noite apresentado uma fotografia do «tio Ho», violando assim a proibição imposta pelo Governo sul-vietnamiano de publicação de retratos ou fotografias do grande «leader» vietnamiano.

A rádio governamental de Saigão também transmitiu a notícia na sua emissão das sete horas. Durante todo o dia de ontem tinha feito alusão á grave doença de Ho Chi Minh, enquanto na cidade toda a gente falava desse assunto.

Um deputado de Saigão, Ho Huu Tuong, lançou hoje um apelo a todos os dirigentes vietnamianos tanto do Sul como do Norte, assim como aos aliados, pedindo para suspenderem as hostilidades durante todo o período do luto.

«PODIA TER SIDO UM AMIGO SE OS E. U. A....»

NOVA YORK, 4. — (F. P.) — O «New York Times» anuncia na primeira página, a três colunas, a morte do presidente Ho Chi Minh e declara numa página interior que «os Estados Unidos não pensam que haja uma mudança na orientação das conversações de Paris».

O jornal nova-iorquino diz ainda num editorial: «Ho Chi Minh era um inimigo que podia ter sido um amigo se os E. U. A. tivessem sido mais fiéis a alguns dos mais nobres princípios que ele admirava». E mais adiante: «A luta pelo poder em Hanói constitui um novo desafio á diplomacia americana. Um novo Governo, ainda não estabelecido com firmeza, poderia hesitar em tomar iniciativas com vista á paz e ser tentado a cair numa política de intransigência dogmática, principalmente se os aliados tentarem explorar a sua provisória perturbação».

A SUCESSÃO

(Continuação da 1.ª página)

cial do Vietnam do Norte numa emissão de Rádio Hanói, dizendo que ele se encontrava gravemente doente.

Não foi senão cerca de 24 horas mais tarde — por volta da meia-noite T.M.G. de ontem — que Hanói confirmou boatos que circulavam intensamente que o homem conhecido como o pai do comunismo vietnamiano estava morto.

A comunicação oficial dizia que Ho Chi Minh sucumbira vitimado por um ataque cardíaco, acrescentando que os médicos fizeram tudo o que lhes foi possível para o salvar.

O comunicado apelava para o povo vietnamiano para continuar a sua luta para expulsar os americanos do Vietnam do Sul.

A vitória materializaria as «aspirações acalentadas pelo presidente Ho Chi Minh: A edificação de um Vietnam pacífico, unido, democrático, próspero e poderoso» — acrescentava.

Alguns observadores julgavam que a morte de Ho poderia dar novo ímpeto a tácticas mais duras dos comunistas nos campos de batalha ou a ataques contra cidades sul-vietnamianas.

UMA NOTÍCIA SENSACIONAL PARA TODOS OS ESTUDANTES

Se estuda, e quer completar o seu curso, mesmo em caso de morte por acidente ou de incapacidade total ou parcial do seu encarregado de educação;
Se quer que os seus filhos (ou quaisquer outras pessoas de cuja educação seja responsável) continuem a estudar, mesmo que V. venha a morrer por acidente ou seja atingido por incapacidade total ou parcial:

a Biblioteca Universitária Inova

(a colecção internacional que se publica simultâneamente em 9 países e planeada com 100 volumes)

World University Library

proporciona-lhe SEM QUAISQUER ENCARGOS essa segurança, no caso de já estar inscrito ou de se inscrever até 31 de Dezembro como assinante desta colecção.

Mais uma iniciativa do estilo EDITORIAL INOVA — em colaboração com a MUTUAL Companhia de Seguros.

Inscreva-se desde já na sua Livraria para receber, sem compromisso da sua parte, o folheto elucidativo desta iniciativa sensacional, ou envie-nos directamente o seu nome e endereço.

MUTUAL

EDITORIAL INOVA LIMITADA
Pr. Guilherme Gomes Fernandes, 84-3.º Porto

Colégio Tomás Ribeiro
TONDELA (Viseu) TELEF. 82266

Internato para educação de Rapazes. Ensino Liceal Completo. Colégio com longa tradição de óptimos resultados na Instrução e na Educação.

Exames no próprio Colégio. Peça mapa com os resultados, 176 examinandos do 2.º, 5.º, e 7.º anos na ultima época.
60% de disp. da prova oral do 2.º ano
Nenhuma reprovação
55% de disp. da prova oral do 5.º ano de Letras
Quatro excl.
85% de disp. da prova oral do 5.º ano de Ciênc.
Nenhuma Reprovação
Das 86 dispensas de Letras e Ciências do 5.º ano 42 são de notas entre 14, 15, 16, 17 e 18 valores e apenas três notas de 12 em Ciên.
57 alunos do 5.º ano fizeram todo o ciclo e todos se podem matricular no 6.º ano.

Dos 53 examinandos do 7.º ano, no Liceu de Viseu, esperamos ter 42 universitários no próximo ano, não contando com algum dos 9 alunos que foram aprovados apenas em três disciplinas.

ECOS

HÁ dias, em conversa casual, um turista francês, que acabou por se nos revelar arquitecto paisagista, gabava-nos o equilíbrio de proporções, a sobriedade e a elegância ornamental da Baixa pombalina. Lamentava, porém, que uma cidade com tão belas perspectivas e com uma luz tão pura, tão diáfana, como é Lisboa, estivesse a crescer atropelada e desordenadamente, ao sabor do capricho e do lucro individual, atirando para o céu verdadeiros monstros (com excepção do gigante da Praça de Londres e da zona relativamente aceitável da António Augusto de Aguiar, Bairro Azul e imedações). Insurgia-se o entendido visitante contra os horrores inomináveis da área nova da Praceta dos Estados Unidos e, de um modo geral, contra o aspecto sinistro dos chamados bairros sociais. Por que razão — interrogava-nos — abandonar toda a tradição da cal, do azulejo, do ferro forjado, em vez de a integrar em construções autênticamente modernas, claras e arrojadas? O que ele não podia de todo em todo suportar eram «os atrozes gaveloes floridos» de um novo-riquismo deplorável. «Rendem, não é verdade? Mas olhe que renderão a curto prazo». E, sem aguardar mesmo a resposta, acrescentava: «Vocês, enfim, os responsáveis por este estendal de pirismo caro, não têm o direito de estragar, de malbaratar um pecúlio que é de tovos vós». E tinha razão, porque em tudo isto há, de facto, atropelos de ordem estética, turística e social.

★

MAIS dois filmes fora de série denunciam em Veneza a alienação, o condicionamento, o embrutecimento que advêm do apelo ao consumo na sociedade da produção pela produção, que, sendo de facto a sociedade da publicidade, está bem longe de ser uma autêntica sociedade de consumo. São eles «Money money e «Le temps de vivre». Ambos terminam mal. Neles a publicidade confunde felicidade e conforto, segundo a nota crítica de André Bercoff publicada no **Express**. «A publicidade lança o homem numa incessante corrida à aquisição de bens mais ou menos úteis, num perpétuo incitamento à despesa». O sociólogo Edgar Morin afirma que, através da publicidade, o dinheiro, sempre insaciável, se dirige a Eros, sempre subalimentado. Sê bela e compra, diz-se à mulher objecto. Sê viril e terás crédito, diz-se ao homem hipnotizado.

Nunca a publicidade foi como actualmente é campo favorito de batalhas cinematográficas. José Varela, Jean Luc-Goddard, Alain Cavalier, de um lado, Pierre Grimblat, Richard Lester, do outro.

De toda a maneira, a influência do filme publicitário no cinema de ficção parece tornar-se realidade incontestável. Tal como a paixão pelo objecto. Goddard, o cineasta que denuncia com mais ardor o mundo da alienação publicitária, é um criador de objectos. Identificá-lo, porém, sem lhe buscar as motivações, com a moda **pop**, seria um erro crasso.

★

UM português, simpático, educado, até inteligente, mas vivendo a leste das questões sociais, foi recentemente a Paris, «sacrificar no templo da cultura». E muito admirado ficou com as reacções que despertou. Num ambiente burguês endinheirado, acharam-no de uma cortesia requintada, disseram-lhe que em França se iam perdendo aqueles modos tão finos, aquele jeito de beijar a mão às senhoras, etc. Na rua, porém, teve dissabores ao confessar-se português. E, espantado, conta ingènuamente: «Confundiram-me com os emigrantes que por lá há, gente que viola, que mata». Gente condenada à condição de infra-humanidade.

Portugueses presos quando entravam em Espanha clandestinamente

PUENTEAREAS (Espanha), 4 — (A. N. I.) — Sete portugueses foram, ontem, presos pela Guarda Civil espanhola, quando atravessavam clandestinamente a fronteira — anunciaram, hoje, as autoridades de Puenteareas.

Os nomes dos detidos são Manuel Oliveira da Silva, Bernardino Gomes Mota, Manuel Pereira, Manuel Domingos Peixoto, António Gorga Alves, Manuel Correia e Maria das Dores Oliveira Rodrigues.

A Guarda Civil deteve, também, os espanhóis José Garcia Estevez e Armando Fernandez Gonzalez, que auxiliaram os portugueses a atravessar a fronteira.

Todos os presos foram postos á disposição do governador civil da Província.

Alfredo Vieira Pinto

Passa amanhã mais um aniversário da morte do nosso saudoso amigo Alfredo Vieira Pinto, que foi administrador da Renascença Gráfica e um dos grandes obreiros do «Diário de Lisboa». Por esse motivo, sua família e a Renascença Gráfica mandam celebrar missa sufragando a sua alma, ao meio-dia, na basílica dos Mártires.

Em três linhas

O dr. Alexandre Morujão foi nomeado professor extraordinário de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

///

O dr. António Arnaldo de Carvalho Sampaio, inspector superior de Saúde e Higiene do quadro de pessoal técnico da Direcção-Geral de Saúde, foi nomeado para exercer (interinamente e por acumulação) as funções de director do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge.

///

O contra-almirante Jerónimo Henrique Jorge foi dispensado das funções de vogal na Comissão Técnica de Cooperação Económica Externa, como representante da Junta Nacional da Marinha Mercante.

Operária: — **Não me importava de trabalhar mais para ganhar mais!**

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

TRABALHO A MEIO TEMPO — 1

Muitas mulheres gosta de conciliar a profiss com a vida familia

A UMA DEZENA de donas de casa, atarefadas com o serviço doméstico e os cuidados a dispensar aos filhos, formulámos a seguinte pergunta:

— *Se lhe aparecesse um trabalho a meio tempo, segundo as suas habilitações, empregar-se-ia?*

A sessenta mulheres empregadas casadas e com filhos, a braços com o problema da conciliação do seu trabalho profissional com a vida doméstica, inquirimos:

— *Gostariam de trabalhar em regime de meio tempo? Porquê?*

O HOMEM E O TRABALHO FEMININO

Que pensa o marido, ou o futuro marido, do trabalho profissional da mulher?

Depoimento de um jornalista, de 25 anos, solteiro:

— Bem, a sociedade moderna criou condições de trabalho para a mulher — e isso é bom, porque lhe dá direitos de cidadania e de igualdade, como ser humano e penante que é. Eu entendo que há, essencialmente, um direito ao trabalho, direito esse que, em princípio, desconhece diferenças sexuais. O trabalho da mulher fora do lar é, hoje, perfeitamente aceitável, já que a vida dos nossos dias criou condições para isso. Pode falar-se, antes de mais, do problema financeiro, das dificuldades que atravessam os jovens casais, e que podem atenuar-se, certamente, se ambos trabalharem e ganharem. Não me repugnava, de forma alguma, que a minha mulher trabalhasse fora de casa, desde que auferisse vencimento compensador e de acordo com as suas reais aptidões e possibilidades. No entanto, entendo que, no nosso País, o nível dos ordenados pagos ás mulheres é excessivamente baixo — o que leva a pôr o problema sobre a rentabilidade de se ter a mulher empregada. É que há que chegar á conclusão sobre o seu afastamento do lar, durante algumas horas, com a consequente necessidade de admitir criada ou mulher a dias ou, ainda, ama para as crianças, não será mais oneroso para o orçamento familiar.

Com estas duas questões tentamos equacionar o problema da mulher portuguesa perante o trabalho: por um lado, mulheres que trabalham sete ou oito horas por dia e se encontram sobrecarregadas com o serviço doméstico e os cuidados a prestar aos filhos; por outro, mulheres que se dedicam exclusivamente ao trabalho doméstico e que, por razões económicas, psicológicas ou de realização gostariam, se isso fosse possível, sem prejudicar a vida familiar, de ter uma actividade profissional.

As respostas-tipo podem sintetizar-se nos dois seguintes depoimentos, o primeiro de uma dona de casa, casada, com dois filhos:

— *Com certeza que me empregaria da parte da tarde, se para isso tivesse tempo. Com os filhos pequenos não posso. Nem todas as mães têm a quem deixar os filhos, mesmo que seja premente a necessidade de trabalhar. O trabalho fora de casa, além de ser proveitoso econòmicamente, liberta-nos e distrai-nos um pouco, o que é muito necessário a quem tem as obrigações de uma casa de família. Convive-se e enriquecemo-nos com o que de bom possuem os outros.*

O segundo depoimento é de uma médica, casada, com três filhos:

— *Gostaria de o poder fazer para acompanhar melhor a educação dos meus filhos e ser eu a dirigir a minha própria casa; mas não posso fazê-lo, porque, em regime de meio tempo, não ganharia o suficiente para manter a minha família.*

Solução ideal?

O trabalho a meio tempo e «part-time» parece ser considerada a solução ideal pela mulher que deseja ou necessita de trabalhar.

Num recente inquérito realizado em França obtiveram-se os seguintes e significativos números: 57% das mulheres desejariam trabalhar a meio tempo, a fim de poder conciliar as obrigações familiares e a sua actividade profissional. 42% das mulheres que trabalham a tempo completo gostariam poder trabalhar só uma parte do dia para terem maior liberdade. As mulhe-

Por ANTÓNIA DI

res com trabalh numa da: 50% centage paração sional dros m ensino, ainda pregos e infim rias nã dizer: com ta de a comple qualific lho. Os a ope absolut económ hora q rio po para o a dispo para h e até de outr sem qu sua i dade p

de trabalhar. O trabalho fora de casa, além de ser proveitoso econòmicamente, liberta-nos e distrai-nos um pouco, o que é muito necessário a quem tem as obrigações de uma casa de família. Convive-se e enriquecemo-nos com o que de bom possuem os outros.

dinheir pensar vre me

Aindo

O ex ficado poimen entre o meio te — *Nã trabalh ro que mesmo dia* — ria de auferir

Outra um fil afirma — *Pr olhar p primei -me fa nho. N trabalh nhar n denado*

E ou anos e — *M chega. a tra sos. G só mei*

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA
A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

tariam
issão
iar

es com um curso superior rabalham a meio tempo numa percentagem elevada: 50%. Diminui essa percentagem segundo a preparação cultural e profissional da mulher: nos quadros médios, 37 % e nos do ensino, 35 %, tornando-se ainda mais fraca nos empregos de escritório (21%) e ínfimas entre as operárias não qualificadas. Quer dizer: a mulher sujeita-se com tanta mais boa vontade a trabalhar a tempo completo quanto menos qualificado é o seu trabalho. Os motivos são óbvios: a operária trabalha em absoluto por necessidade económica. Diminuir uma hora que seja ao seu salário pode ser catastrófico para o seu orçamento. Daí a disponibilidade constante para horas extraordinárias e até para a acumulação de outras tarefas eventuais, sem qualquer contacto com a sua profissão. A necessidade premente de ganhar

DE SOUSA

dinheiro não lhe permite pensar numa vida mais livre menos atarefada.

Ainda vou para casa trabalhar

O exposto pode ser verificado por alguns dos depoimentos que recolhemos entre operárias. Trabalho a meio tempo?

— *Não me importo de trabalhar o dia todo. Claro que se me pagassem o mesmo trabalharia só meio dia* — diz-nos uma operária de 17 anos, casada, a auferir 30$00 diários.

Outra, de 44 anos, com um filho e 47$50 diários, afirma:

— *Preferia, para poder olhar pela minha casa, mas primeiro o trabalho. Faz-me falta o pouco que ganho. Não me importava de trabalhar mais para ganhar mais. Preciso do ordenado todo.*

E outra, com 40$00, 47 anos e um filho:

— *Mesmo assim não me chega. Ainda vou para casa trabalhar noutras coisas. Gostaria de trabalhar só meio dia, mas...*

Afirmação de uma dona de casa: **— O trabalho profissional liberta-nos e distrai-nos**

Todos os depoimentos são unânimes.

— *Realmente, gostava de trabalhar só da parte da manhã ou da tarde, mas tenho de trabalhar até de noite para ter a vida direita. De vez em quando sabia-me bem ficar em casa* — confessa uma operária de 37 anos, com um filho e 47$50 diários, que, a prosseguir, define o ideal de vida da operária e de toda a mulher para quem o trabalho não é um meio de promoção, mas escravização: — *Acho que os maridos deviam ganhar o suficiente para a mulher poder ficar em casa, não para viver à grande, mas de forma a que chegasse.*

Em percentagem, 100 % das operárias portuguesas que entrevistámos gostariam de trabalhar só meio dia, mas desejam trabalhar o dia todo, para receberem o ordenado completo. Mais horas até, para aumentar o salário.

Quanto a trabalhar a meio tempo, disse-nos uma operária de costura:

— *Seria óptimo que me pagassem o mesmo dinheiro só por meio dia. Ia para casa e de tarde sempre poderia trabalhar para fora...*

A LEI E O TRABALHO A MEIO TEMPO

Em despacho do ministro das Corporações, de 6 de Janeiro de 1958, numa série de normas que os delegados do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência deveriam esforçar-se por integrar nas cláusulas das convenções colectivas de trabalho em matéria de trabalho feminino preconizava-se que deveria admitir-se a possibilidade de emprego a meio tempo, desde que os interesses familiares da mulher trabalhadora o exigissem e não houvesse sacrifício incompatível para a entidade patronal.

Finalmente, o artigo 117.º, n.º 2 do Decreto-Lei n.º 47 032, de 27 de Maio de 1966, veio consagrar que «Às mulheres com responsabilidades familiares deve facilitar-se o emprego a meio tempo, reduzindo-se proporcionalmente a retribuição e todos os encargos que sejam devidos pela entidade patronal em função dos seus trabalhadores.»

POR MOTIVO DAS DERROCADAS DE PRÉDIOS

A SUSPENSÃO DAS DEMOLIÇÕES PEDIDA NUM COMUNICADO DA ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS

Da Associação dos Inquilinos Lisbonenses recebemos este comunicado:

«Na maré alta das derrocadas propositadas e do ciclone das demolições, a Câmara Municipal de Lisboa declara publicamente a sua resolução de obrigar os proprietários dos prédios a fazer obras de conservação e beneficiação, supomos mesmo como determina o Regulamento Geral das Edificações Urbanas e se for preciso procedendo ás obras coercivamente, de harmonia com o Art.º 166.º.

«Embora esta Associação dê o seu inteiro aplauso á decisão da Câmara Municipal, julga sobretudo de primordial importância reformar um sistema que até aqui não operou, obrigando a mesma Câmara a vir declarar públicamente que ninguém cumpre as suas determinações, mesmo com mais outra Comissão de Vistorias.

«Ora como o problema se agrava quotidianamente, até porque os próprios despachos sobre os requerimentos solicitando vistorias e providências normalmente são tão ambíguos que, na verdade, não têm força compulsiva, receia a A. I. L. que a decisão da Câmara, agora reafirmada, não possa vir a ter a eficiência que as graves circunstâncias acumuladas exigem, a concluir pelos antecedentes, e ainda porque os casos são tantos que o seu elevado número por acumulações venha também agora a justificar a impossibilidade da execução da lei

«Afigura-se a esta Associação que a vigência da lei n.º 2088, que é a causa directa desta degradação da habitação e cada vez mais a agravar o problema, só, portanto, a sua suspensão imediata da lei e de qualquer demolição já aprovada pode deter a avalancha e dar possibilidade aos serviços camarários de efectivamente agirem como determina a lei.

«Seria oportuno ainda esclarecer até que ponto se torna efectiva a responsabilidade por danos, perdas de vidas ou haveres que ocorrem com desmoronamentos, falta de condições de habitação ou a transferência forçada, que a Câmara agora faz impender e declina sobre os responsáveis das faltas de reparações.»

Novas disposições para militares sem comissão no ultramar

A folha oficial publicou o seguinte despacho do Conselho Superior de Defesa Nacional datado de 1 de Agosto:

«O Conselho Superior de Defesa Nacional, sob proposta do ministro da Defesa Nacional e tendo em vista ajustar ás disposições da Lei n.º 2135, de 11 de Julho de 1968, as práticas actuais do serviço militar efectivo, decidiu, nos termos do n.º 3 do artigo 45.º e do n.º 2 do artigo 47.º da referida Lei, o seguinte:

a) Conservar nas fileiras como convocados, quando necessários ao serviço, os militares não nomeados para o Ultramar que terminem o período normal de dois anos de serviço efectivo, enquanto se mantiverem, por imposição de serviço, em forças destacadas os militares da mesma classe;

b) Autorizar a convocação, nominalmente ou por classes, dos oficiais do quadro de complemento na disponibilidade e dos pertencentes ás quatro classes mais recentes das tropas licenciadas que sejam necessários para satisfazer as exigências de enquadramento das unidades em serviço no Ultramar.»

Embaixada do Brasil

Em comemoração da data nacional brasileira, o embaixador do Brasil e a Senhora de Ouro-Preto receberão os brasileiros, residentes e de passagem em Lisboa, no próximo sábado, dia 6 do corrente, ás 12 horas, na sede da Embaixada do Brasil, Rua da Emenda, n. 53.

TERMINADAS AS PONTES DE GALAMARES E DA VÁRZEA DE COLARES

COLARES, 4 — Então já, felizmente, terminadas, com grande utilidade do público e do Turismo, graças á colaboração de competentes técnicos de diversos ministérios, as tão desejadas pontes da Ponte Redonda, em Galamares, e da Várzea de Colares.

Mas Sintra litoral está a tornar-se uma fonte de riqueza continua e infindável, e, portanto, digna de todas as construções públicas, que, afinal, dirigem as suas receitas ao Estado.

Impõe-se, já, aos mesmos excelentes serviços construir a obra da ponte do Camarão e o arranjo da parte que lhe diz respeito, como os perigosíssimos quatro caminhos que ficarão a dezenas de metros dela.

Há, ainda, neste vasto programa que é imprescindível executar, para não desperdiçar uma riqueza inestimável, uma ponte a fazer: a do Rodízio, num local onde se encontram todos os veículos que vêm da Praia das Maçãs, ou a ela se dirigem, não contando com os milhares que se dirigem (ou de lá vêm) á Praia Grande, a Almoçageme e a numerosas povoações. Mas esta obra é da obrigação da Câmara Municipal de Sintra para a qual chamamos a atenção do problema.

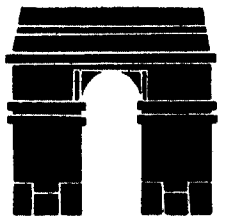
AS JÓIAS E AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES
FUNDADA EM 1870
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Dr. Coelho de Castro
Já se encontra em Nova York, a trabalhar no Mount Sinai Hospital, no serviço da sua especialidade, dirigido pelo prof. Siffert, o cirurgião ortopédico dr. Coelho de Castro.

JÓIAS
Antigas e modernas Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 225

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ


Gravataria PARIS
RUA AUREA, 172
ESTÁ LIQUIDANDO
RESTOS DAS SUAS
COLECÇÕES DE VERÃO
HOMEM E SENHORA
CASACOS
CALÇAS
CAMISAS
GRAVATAS

Diário do Porto

O F. C. PORTO NEGOCEIA COM DOIS GUARDA-REDES

A direcção do F. C. Porto voltou a reunir com os órgãos da Informação. Estiveram presentes os srs. Afonso Pinto de Magalhães, drs. Miguel Pereira e Fernando Cabral, Venceslau Teixeira, António Ferreira, Jorge Nuno, Hernani Silva e José Moreira.

Como de costume a rubrica «futebol» predominou. Soube-se que foi reduzido para 26 o numero de profissionais de futebol, além de que o clube está em negociações com dois guarda-redes para um possível contrato, já que neste sector o F. C. Porto apenas conta com um elemento em boas condições físicas porque os outros dois (Rui e Vaz) estão lesionados. O F. C. Porto procura, também, um jogador brasileiro de real categoria: um avançado, claro.

A digressão da equipa de andebol pela Alemanha e Jugoslávia, e o comportamento da equipa de ciclismo na «Volta a Portugal», foram outros assuntos tratados na reunião. É oportuno, também, referir que a festa de Américo rendeu para o jogador cerca de 300 contos.

Condecorado um antigo edil

Foi agraciado com o grau de comendador da Ordem de Benemerência o sr. eng.º António Fortes Veiga de Faria, que, durante alguns anos, exerceu o cargo de vice-presidente da Camara Municipal.

Decorrem com interesse os trabalhos do Congresso da N. A. T. O. sobre Investigação Operacional

Na Faculdade de Engenharia prosseguem, com muito interesse, os trabalhos, que visam temas de flagrante actualidade, do Congresso da N. A. T. O. sobre Investigação Operacional. Foram apresentadas, esta manhã, duas comunicações, uma da autoria do congressista R. S. Hatch, sobre «Desenvolvimento de algorítimos para colocação optimizada nas transferências de pessoal»; e a outra, de E. R. Roba, denominada «Aplicação do método electre na selecção do pessoal».

Depois do almoço, os congressistas partiram para Barcelos em visita á típica feira semanal. Ali, o presidente do Município ofereceu-lhes, nas ruínas dos Paços dos Duques de Barcelos, um beberete. Dali os congressistas seguiram para Braga, onde após a visita á Sé, o chefe do distrito lhes oferecem um jantar no Bom Jesus do Monte.

O VOO DAS AVES

VILA FERNANDO (Alto Alentejo), 4 — Foi aqui apanhado um pássaro, conhecido nesta região por «flosa», portador de uma anilha com a seguinte inscrição: «N.º 2314399 — Rikgmugbum — Estokolmo».

Utentes da linha de Sintra fazem bicha, em Benfica, para apanhar os autocarros que os levarão ao Rossio

DOIS DESCARRILAMENTOS (EM BARCARENA E NA CRUZ DA PEDRA) PROVOCARAM ATRASOS NA LINHA DE SINTRA

Dois comboios saltaram dos trilhos, esta manhã, ás 7 horas e ás 8 e 45, respectivamente, na estação de Barcarena e no apeadeiro da Cruz da Pedra (Jardim Zoológico). E surgiram os inevitáveis atrasos, que prejudicaram muitas centenas de utentes da «acidentada» linha de Sintra.

Cerca das 7 horas, quando a composição, de que era maquinista o sr. António Nogueira, arrancava, a segunda carruagem saltou dos trilhos. Foi o condutor do comboio, sr. José de Sousa Belchior, que deu pelo facto, alertando imediatamente o maquinistra, por meio de uma campainha. A velocidade do comboio, que seguia de Lisboa para Sintra, era de 3 ou 4 quilómetros-horários, e não houve, assim, qualquer situação de perigo.

A origem do acidente esteve na queda, á linha, de uma peça pertencente ao sistema de travagem da composição — objecto metálico, que, tombado sobre o cimento da passagem de peões, obrigou as rodas da segunda carruagem a saltar dos trilhos.

Os comboios da linha de Sintra passaram a funcionar em sistema de via única, a partir da hora do acidente, com mudança no Cacém.

Cerca das 11 horas, esperava-se, ainda, na estação de Barcarena, pela chegada do comboio de socorro, que, entretanto, tivera de seguir para o apeadeiro da Cruz da Pedra, onde se dera outro acidente.

A negligência foi a causadora do acidente da Cruz da Pedra

A escassos metros do apeadeiro da Cruz da Pedra, uma composição, que seguia, em velocidade, de Lisboa para Sintra, cerca das 8 e 45, teve idêntico acidente. A carruagem motora saltou dos trilhos, ficando atravessada e impedindo, por isso, o tráfego nas duas vias.

Origem do acidente: negligência do pessoal que trabalhava na linha. Alguns operários — segundo nos foi afirmado — instalavam um carril de incursão, que haviam trazido do depósito. Aconteceu que o comboio vinha atrasado, e os operários não se tinham informado se ele já havia passado. Ao aperceberem-se da sua aproximação, houve certa precipitação, e o pé de um dos operários ficou preso entre dois carris. Os seus camaradas conseguiram retirá-lo daquela situação crítica, mas não tiveram tempo de remover o troço de carril. E o acidente surgiu.

Chefe da 12.ª secção de via, o eng.º Marques de Campos, que assistia, no local, ás operações de carrilamento da composição, classificou o acidente de «muito invulgar» e afirmou que iam ser apuradas responsabilidades, terminando por dizer que, no entanto, isso já nada resolvia.

As 11 e 30, aproximadamente, a composição voltava aos trilhos.

Entretanto, centenas de pessoas utilizavam-se dos autocarros de dois andares, da Carris, alugados pela C. P., que asseguravam o transporte do Rossio até á estação de Benfica e vice-versa.

Os atrasos, como se calcula, foram muito acentuados.

Só depois de carrilada a composição da Cruz da Pedra o comboio de socorro pôde seguir para Barcarena, a fim de efectuar idêntica operação.

O tráfego, cerca do meio-dia, foi restabelecido, embora com uma limitação: a existência de via única entre Queluz e Cacém. Espera que hoje, por todo o dia, se restabeleça o tráfego nas duas vias. Os autocarros da Corris foram, entretanto, dispensados.

CALENDÁRIO DESPORTIVO

HÓQUEI EM PATINS — *Campeonato Regional de Juniores:* Académico-Vigorosa (21 e 45), no Lima. *Juvenis:* Fanzeres-Vigorosa (20 e 45), no Lima.

NATAÇÃO — Na piscina do Fluvial, ás 21 e 30, tentativa de «records» para juniores, por nadadores do Clube Fluvial Portuense.

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

A contar para o torneio Luso-Galaico, de basquetebol, realizaram-se os jogos entre equipas portuenses, a contar para a treceira jornada, cujos resultados foram: Académico, 42-B. P. M., 51; Vasco da Gama, 47-F. C. Porto, 46.

Farmácias de serviço esta noite (1.º turno)

ANACLETO DE BARROS, Rua do Loureiro, 104 (Tel. 3-5075) • **CAMARÉIRA**, R. do Heroísmo, 90 (Tel. 5-2583) • **CANAVARRO**, R. da Restauração, 53 (Tel 6-0754) • **CONFIANÇA**, R. de Santa Catarina, 960 (Tel. 2-2884) • **COSTA CABRAL**, R. de Costa Cabral, 1832 (Tel. 4-0780) • **FIGUEIREDO**, Rua de Cedofeita, 25 (Tel. 2-1620) • **FONTE DA MOURA**, R. de Lanzer, 1463 (Tel. 68-1444) • **MONTE DOS BURGOS**, R. do M. dos Burgos, 802 (Tel. 6-2279) • **MONTE CÁTIVO**, Rua do Monte Cativo, 444 (Tel. 4-1687) • **NOVA AVENIDA**, Av. Fernando Magalhães, 692 (Tel. 5-2250) • **PADRÃO**, L. do Padrão, 342 (Tel. 6-2149) • **PARENTE**, R. das Flores, 14 (Tel. 2-1611) • **POMBEIRO**, Campo dos Mártires da Pátria, 152 (Tel. 3-1295) • **SÁ DA BANDEIRA**, R. de Sá da Bandeira, 236 (Tel 3-6687) • **NACIONAL**, R. Senhora da Luz, 56 — Foz (Tel 68-0833)

Uma criança atacada por abelhas

VISEU, 4 — Atacada por um enxame de abelhas enfurecidas, a pequenina Ana de Jesus Piloto, de seis meses, residente, com os pais, em Fragosela, ficou com o rosto em mísero estado. Foi conduzida ao Hospital da Misericórdia.

Homenagem a um médico

No Hotel do Ofir haverá na segunda-feira, um jantar de homenagem ao médico-cirurgião, sr. dr. Queirós de Faria, recentemente nomeado director-clínico do Hospital de Fão.

Espectáculos para hoje

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Mãos á obra!» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (21 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Musica no coração» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «O Detective» (17 anos)
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «O deserto maravilhoso» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Sete noivas para sete irmãos» (12 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Comissário X no Vale dos Mil Montanhas» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «E tudo o vento levou!» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «Ânsia de amar» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Um homem em leilão» e «Mata-Hari, agente H-21» (17 anos).
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Homens desesperados» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Boa sorte, Gringo!» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Gigantes em duelo» (17 anos).

Amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (21 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «Musica no coração» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «O Detective» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 15 e 30: «O deserto maravilhoso» (12 anos).
BATALHA — Às 15 e 30: «A ânsia de amar» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15: «O regresso do Mascarilha» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Sete noivas para sete irmãos» (12 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «Comissário X no Vale dos Mil Montanhas» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «Boa sorte, Gringo!» (12 anos)
JÚLIO DINIS — Às 15 e 30: «Ladrões de bicicletas» (17 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «E tudo o vento levou»! (17 anos).

VIDA SOCIAL

ÁLVARO CLEMENTE

Por via aérea, chegou a Lisboa o industrial português de Caracas comendador Álvaro Clemente, mais conhecido por «o alfaiate internacional», recentemente condecorado pelo Governo venezuelano.

Álvaro Clemente, que é de Loulé, vem passar férias com a esposa e filhos e seguirá depois, em viagem de negócios, para Paris, Milão, Roma e Londres, projectando criar em Lisboa um estabelecimento internacional igual ao de Caracas e aos que vai criar em Porto Rico e Nova York.

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

REPORTAGEM DO EXTERIOR

Pelas 22 horas a R.T.P. transmite uma reportagem do exterior que ocupará todo o resto do serão. Como é de prever será um espectáculo cheio de movimento e entusiasmo este que o Programa Nacional apresenta esta noite.

PORTUGAL ALÉM DA EUROPA

A Agência Geral do Ultramar apresenta pelas 19 e 45 o seu programa «Portugal Além da Europa» com uma interessante entrevista com o padre Carlos Easternan missionário que há 40 anos vive no Sul de Angola e publicou obras suas sobre o folclore e etnia desta região.

«Portugal Além da Europa» é um programa orientado pelo dr. Manuel Osório.

ACTUALIDADE DESPORTIVA

Cerca das 20 e 5 é apresentada a rubrica «Actualidade Desportiva» com um filme sobre a final da Taça de Honra da Associação de Futebol de Lisboa.

MÚSICA VIVA

Uma nova rubrica de música erudita surge, a partir de hoje pelas 21 e 35, nos «écrans» de TV. Intitula-se «Música Viva» e o primeiro programa conta com a participação da artista brasileira de guitarra clássica Maria Livia São Marcos e é dedicado ao violão no Brasil.

Maria Livia São Marcos interpreta as seguintes obras de compositores brasileiros:

«O Mar», de Manuel São Marcos; «Prelúdio n.° 7», de Vila Lobos e «Estudo n.° 7», do mesmo autor; «Ponteiro», de Osvaldo Lacerda; «Flor Amorosa», de Catulo de Paixão Cearense e «Batucada», de Isaías Sávio.

2.° PROGRAMA

O 2° Programa desta noite é preenchido totalmente por repetições, como Notícia do Espectáculo, exibido já no dia 31 p. p. Segue-se um filme da série Desilu Playhouse, que no 1.° Programa passou no dia 2-6-63. Pelas 22 e 50, «Em Foco», de 27-8-69, e, finalmente, o programa do dr. David Mourão-Ferreira «Imagens da Poesia Europeia», no 1.° Programa de 1-9-69.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 9: Abertura; 19 e 2: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Portugal além da Europa 20 e 5: Actualidade Desportiva; 20 e 30: Parada da Indústria; 21: Telejornal; 21 e 35: Musica Viva; 22: Reportagem do exterior; 23 e 45: Marcha do Mundo; 0 h: Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Notícia do Espectáculo, 2 e 55: «Desilu Playhouse»; 22 e 50: Em Foco; 23 e 15: Imagens da Poesia Europeia; 23 e 30: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura; 19 e 02: Nos Bastidores da Aventura Programa para jovens; 19 e 30: Telejornal — 1.ª edição; 19 e 45: A Criança perante a vida, por Ana Maria Varela Cid; 20 e 05: Cartaz TV. Os principais programas da próxima semana apresentados por Jorge Alves; 20 e 35: Conheça um Portugal Desconhecido; 21: Telejornal — 2.ª edição Inclui o Boletim Meteorológico; 21 e 35: Grande Plano; 22: Noite de Cinema «Armadilha Amorosa». Grande metragem com os seguintes intérpretes principais: Frank Sinatra, Debby Reynolds, David Wayne e Celeste Holme 28 e 50: Marcha do Mundo. Serviço informativo; 0 e 05: Meditação e fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal — 2.ª edição. Inclui o Boletim Meteorológico (simultâneamente com o I Programa); 21 e 31 Folhetim Bela e Sebastião — 6.° episódio (No I Programa em 1-5-69); 21 e 55: Zip-Zip Programa realizado no Teatro Vilaretf Produção de Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia. Realização de Luís Andrade. (Programa n.° 11) (No I Programa em 4-8-69): 00: Fecho

Rádio

EMISSORA — I.° Programa — 45 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte. 6 e 32: Que quer ouvir; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde — Canções do Nosso Tempo; 17 e 25 A orquestra de... 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro 8 e 40: Musica e sonho; 19: Cartaz dos espectáculos, 19 e 45: Rádio Rural — Musica só musica: 20: Diário Sonoro 20 e 20: Solistas Ligeiros; 20 e 40: 19.° Episódio do folhetim «Amor Supremo»; 21: Jornal de Actualidades, 21 e 30: O guitarrista Laurindo Almeida; 21 e 40: Variedades, 22 e 30: Musica de Jazz; 1: Fecho

2.° Programa — 397, m—755 kc/s — Às 16 e 15. Musica sinfónica; 16 e 30: 2.° Acto da ópera «Cosi Fan Tutte» (Mozart) — solistas, Coro de Camara da Rias de Berlim e a Orquestra Filarmónica de Berlim dirigida por Eugen Jochum; 18 e 05: Musica do século XX; 19: Crítica literária, pelo dr. João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore português — Musica da Ilha de Santa Maria e da Ilha Terceira (Açores) — recolhida por Artur Santos; 19 e 25: Musica de piano — Obras de Debussy, por Hans Henkmans: 20: Diário sonoro; 20 e 20 Musica instrumental; 20 e 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia dirigido por Friedrich Wilhelm Verner, preenchido com musica portuguesa antiga; 20 e 50: Concerto n.° 1 em si bemol maior op. 4 (Vivaldi) — orquestra «I Musici»; 21: Orquestra Sinfónica de Barberg dirigida por Fritz Lehman; 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pela pianista Maria Cristina Pimentel, preenchido com obras de Mozart, Beethoven, Schuber e Schumann; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano — Obras de Schubert e Bela Bartok — por Alfred Cortot e Gyorgy Sandor; 23 e 30: Concerto pelo Quarteto Endres em Munique (1.ª Parte) — num programa cedido pelo Instituto Alemão, obras de Mozart e Haydn; 0 e 01: «Sheherazade» — Suite Sinfónica op. 35 (Rimsky-Korsakov)— Orquestra Filarmónica sob a direcção de Lovro von Matacic; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Recital; 19 e 40: Noticiário; 19 e 44: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal — Entre as 20 e as 21: Hoje convidámos... 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio platcard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa Noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações, 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENACENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Brasil; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Vozes da Itália; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 12 ás 14 e 30 **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e 22 ás 2. **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

2.° CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

LEIXÕES - BENFICA

Domingo, 7 de Setembro

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Lisboa a Leixões e volta, no dia 7 de Setembro por ocasião do desafio de futebol «Leixões-Benfica», ao preço de 140$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Santa Apolónia)	6-25
Chegada a Leixões	11-30
Partida de Leixões	19-00
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia)	0-22

Bilhetes á venda na Secretaria do Sport Lisboa e Benfica e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

FRIGORÍFICOS IGNIS

· Maior capacidade em menor espaço

· A maior e melhor linha

Uma marca de prestigio ao seu dispor nas melhores condições de aquisição em:

ELGA, LDA.

AV. ALMIRANTE REIS, 104-B
T. 42175 — LISBOA

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

SAPATARIA S. MARCOS

PRAÇA DE LONDRES N.° 4-F ★ LISBOA

DE 1 A 15 DE SETEMBRO

LIQUIDA RESTO DE COLECÇÃO

A PREÇOS EXCEPCIONAIS

CAMISARIA PHOEBUS

RESTOS DE COLECÇÕES DE VERÃO

PREÇOS ABAIXO DO CUSTO

RUA DO OURO, 285-287

LOTES PARA MORADIAS

NOS MELHORES LUGARES DE CASCAIS

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

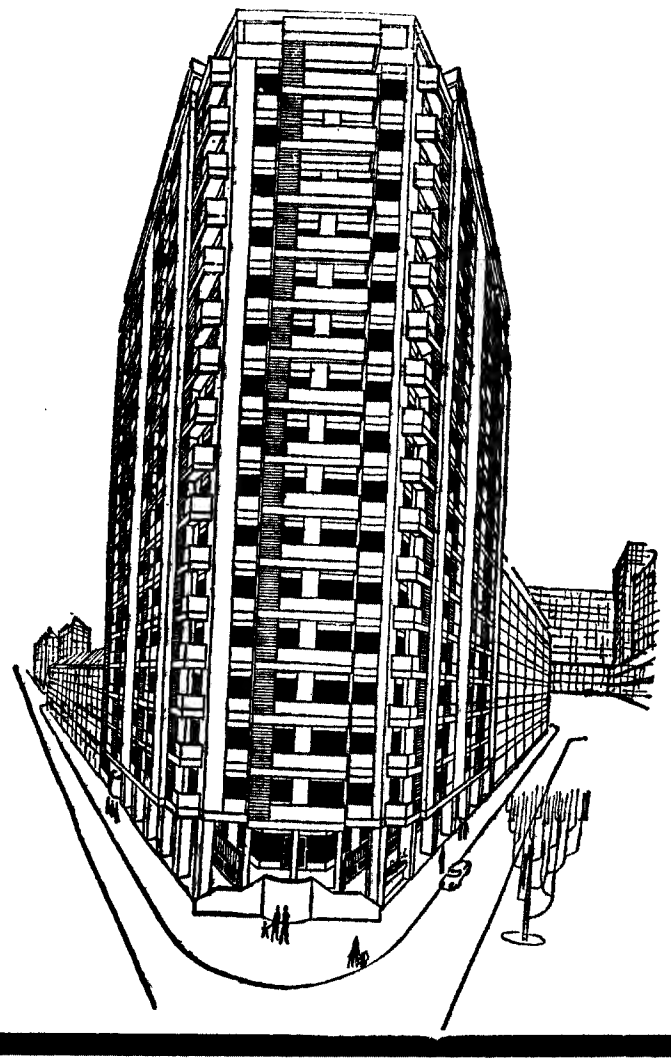
Em óptimos locais, com lindo pinhal, para vivendas isoladas ou geminadas

Mostra-se no local (COBRE — CASCAIS)

Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Estrada Marginal, Lote J M E - 2.° C (por cima do Supermercado)

Telef. 282345-282388 CASCAIS



Edifício Oeiras

Este edifício será o maior do Distrito de Lisboa. Comportará cerca de 200 fogos

Compre a sua habitação neste edifício e quando ele estiver concluído terá em frente um Parque Desportivo equipado com Piscina

J. PIMENTA, S. A. R. L.

assegura-lhe um rendimento de 6 a 10 %, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente, garantido por escritura pública.

Apartamentos em exposição em: Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal) e Cascais (por detrás do Hotel Baía)

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais e Lisboa.

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.º, Esq.º — Tel. 45843-47843
QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 952021-952022
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 933679

Chega amanhã a Lisboa a Banda da Força Aérea dos E. U. A.

Chega amanhã, ás 14 horas, ao Aeroporto da Portela, em três aviões especiais, a Banda da Força Aérea dos Estados Unidos da América, que vem dar um concerto, patrocinado pela Comissão Portuguesa do Atlantico (Iberland) e pela Embaixada Americana e integrado nas comemorações do XX aniversário da N. A. T. O.

O unico concerto que a Banda dá em Lisboa, sob a regência do tenente-coronel Arnald D. Gabriel, no qual participa também o famoso cojunto vocal «The Singing Sergeants», decorrerá no Cinema Monumental, amanhã, ás 18 e 45.

Os poucos convites que restam para este espectáculo podem ser requisitados na Embaixada dos Estados Unidos da América, Avenida Duque de Loulé, 39, Lisboa.

Teatro pelo G. D. dos Telefones

Amanhã, ás 18 e 30, no Cinema Tivoli, o grupo cénico do Grupo Desportivo do Pessoal dos Telefones leva á cena a peça de John Millington Synge «O Valentão do Mundo Ocidental».

Necrologia

FUNERAIS

Dr. Afonso de Barros Miranda Simão

Para o cemitério dos Prazeres seguiu esta manhã o funeral do sr. dr. Afonso de Barros Miranda Simão, clínico dos Serviços Médico-Sociais da Empresa Nacional de Publicidade, ontem falecido no Hospital de Santa Maria. O extinto, que contava 56 anos e era natural da freguesia de Vera Cruz, Aveiro, deixa viuva a sr.ª D. Maria Emerenciana Amado da Cunha Seixas Vital de Barros Simão.

SUFRÁGIOS

D. Francelina Ribeiro Ferreira

No 11.º aniversário, que hoje passou, do falecimento desta virtuosa senhora, foram rezadas missas por sua alma, na igreja dos Mártires e na matriz de Alvaiázere.

Militares falecidos no Ultramar

BISSAU, 4 (A. N. I. e L.) — Por doença morreu na Guiné, o soldado Cipriano Djata, do recrutamento provincial, filho de Cuchi Djata e de Imsiba Sambu.

*

LUANDA, 4 — (A. N. I. e L.) — Vítima de desastre faleceu em Angola, o soldado Américo Ribeiro Sequeira, natural de Proença-a-Nova, filho de Albertino Diogo Ferreira e de Nazaré Ribeiro.

Também morreram, devido a desastres, o primeiro-cabo Manuel Valverde Eugénio, natural de Santa Susana (Redondo), filho de João António Eugénio e de Cecília Rosa Valverde, e o soldado Geraldino da Conceição Silva, natural de Barcelos, filho de Maria Angelina Costa Silva.

O Município de Coimbra

ocupa-se do importante problema da abertura da Avenida Central

COIMBRA, 4 — Na reunião da Camara Municipal, o presidente, sr. eng. Araujo Vieira, recordou que, em Junho, apresentara á Camara as bases do contrato para a elaboração do projecto da Avenida Central, da autoria do sr. arquitecto Januário Godinho, no qual se esclareciam questões técnicas relativas ao referido projecto e certas duvidas, tendo sido debatidos pormenores que interessavam á sua elaboração. No entanto, — acrescentou — ficaram de ser postos, oficialmente, pormenores contratuais que defendessem melhor os interesses do Município, sem prejudicarem, todavia, o autor daquele trabalho. Para isso, foram postas as seguintes condições:

«A assistência técnica que o segundo outorgante se obriga a prestar á Camara Municipal de Coimbra referente á base ultima terá a remuneração de dois mil escudos por cada dia que o segundo outorgante esteja em Coimbra para acompanhar ou fornecer elementos necessários ao prosseguimento da obra. Poder-se-á ainda acordar numa remuneração mensal a estabelecer entre as duas partes contratantes. A Camara Municipal de Coimbra, como primeira outorgante, poderá, se assim lhe convier, rescindir este contrato após a apresentação dos estudos preliminares: alínea a), ou do anteprojecto; alínea b), mediante o pagamento ao segundo outorgante de, respectivamente, um terço ou dois terços do valor do trabalho objecto deste contrato, isto é, 300 000$00 ou 720 000 escudos.»

Nas bases das condições apresentadas — disse o sr. eng. Araujo Vieira —, poder-se-ia interpretar o espírito que presidirá á sua redacção, pois o projecto fora dividido em três fases, e a cada uma das quais correspondia um terço da importancia total do trabalho. Depreende-se, por isso, dessas mesmas bases, que a fase seguinte do projecto não poderá começar sem a aprovação da anterior. Esse facto, desde que não se aprove uma das fases está terminado aqui o trabalho do arquitecto, se a Camara entender que este o deve continuar. Como aquelas bases já interpretaram o pensamento da Camara o seu autor não teve a mínima duvia em aceitar as cláusulas referidas.

Aceleração dos trabalhos

O sr. eng. Araujo Vieira disse ainda, que, com este acordo, se tinha deligenciado no sentido de se renovarem receios que podiam impedir o andamento das obras de abertura da Avenida Central e que, na medida das possibilidade, se tem procurado resolver o andamento desta realização. Informou ainda que da ultima vez que esteve com o sr. ministro das Obras Publicas, esse membro do Governo manifestara o maior interesse em ajudar a Camara e promover a aceleração deste melhoramento indispensável ao desenvolvimento da cidade.

A terminar o sr. eng.º Araujo Vieira declarou que sem projecto e estudos concluídos não era possível caminhar-se, ou mesmo solicitar uma ajuda efectiva. Nesta fase — acentuou — a não ser as questões contratuais ou técnicas, nenhumas objecções terão lugar se se pretender continuar com os trabalhos da Avenida Central, pois até os problemas financeiros do projecto só se vencem no próximo ano.

Os órgãos da informação têm-se referido por diversas vezes, á morosidade dos trabalhos da Avenida Central, não tendo atribuido responsabilidades, pois reconhecem que obras desta natureza com tantas implicações, são necessáriamente demoradas. A aquisição de prédios, as indemnizações aos locatários e a aprovação dos projectos, constitui um processo trabalhoso.

O contrato foi aprovado.

O presidente referiu-se, ainda, á proposta aprovada pela Camara para que fossem apresentados cumprimentos ao sr. prof. dr. Bissaia Barreto, convidando a vereação a acompanhá-lo á residência daquele professor.

Foram tratados outros assuntos, e o vereador do pelouro de Incêndios, sr. António Miranda Veloso justificou a demora de socorros, por parte dos Bombeiros Municipais, no acidente em Cernache.

ELVAS
Telef. 245
QUINTA DAS ÁGUIAS
LOCAL APRAZÍVEL

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

Continuação da 5.ª página)

Grande Gucrra) faz de *A Rapariga da Mala* um filme curioso, uma sátira de costumes com uma certa agudeza crítica e alguma mordacidade. O paralelismo que se esboça entre a vida britânica e a existência siciliana não deixa de justificar uma atenção particular e demonstrar um espírito de observação incontestável. De qualquer forma, porém, *A Rapariga da Pistola* não é certamente uma grande comédia. Falta-lhe uma maior vivacidade de ritmo, um outro sentido inventivo, uma maior contundência. Mesmo assim é filme que se pode aconselhar sem tibieza, pois constitui um divertimento inteligente e saudável, para além de oferecer um excelente trabalho interpretativo de Mónica Vitti, aqui bastante bem dirigida pela mão de Monicelli, homem particularmente apto na direcção de actores.

LAURO ANTÓNIO

• *NO ODEON*

TÍTULO — «A Morte do Dragão».

REALIZAÇAO — Michael Moore, 1967 (E. U. A.).

INTÉRPRETES — Jack Palance, Fernando Lamas, Aldo Ray, Alizia Gur, etc.

Hong-Kong tem servido para inúmeros filmes de aventuras e «suspense», com drogas e tráfego de armas e pessoas. Certamente que atraídos pela «magia do Oriente ocidentalizado», os produtores não dão por mal empregues os cobres enterrados neste tipo de empreendimento cinematográfico *A Morte do Dragão* é, portanto, e sómente, mais um filme de acção que tem como cenário as terras e as gentes orientais de Hong-Kong. Salienta-se, contudo, que Michael Moore, o realizador, teve facilitado o seu trabalho com o facto de conseguir recrutar para a sua equipa de intérpretes, actores como Jack Palance e Aldo Ray (não falando já de Fernando Lamas) que lobram, mesmo a brincar, emprestar um cunho de agilidade do argumento de *A Morte do Dragão...*

C.

Artes plásticas

VII Salão de Arte Moderna da Costa do Sol

Encerra no dia 9 o VII Salão de Arte Moderna do Estoril, que reune um valioso conjunto de obras de aguarelas, cerâmica, desenho, escultura, esmalte, gravura, guache, mosaico, óleo, pastel, tapeçaria, têmpera, colagem e vitral.

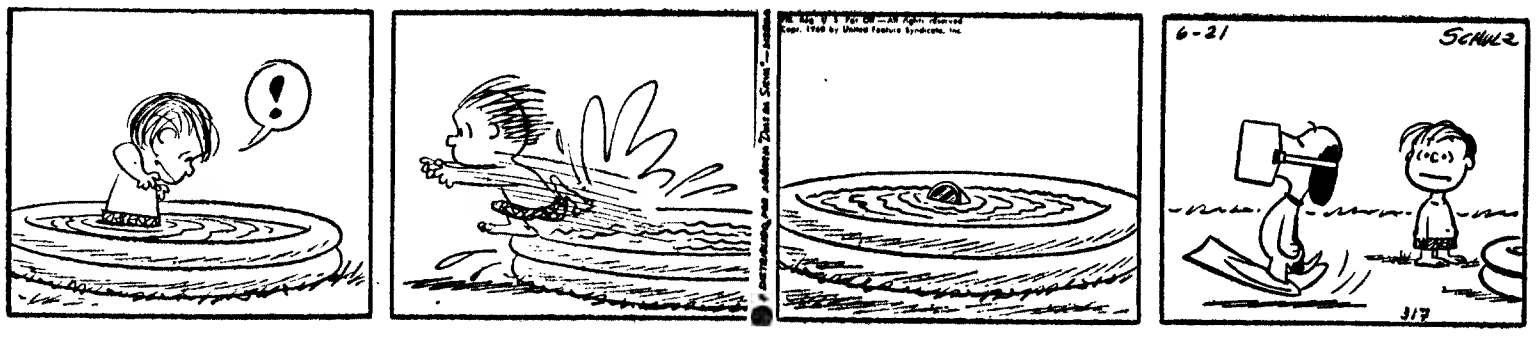
O salão pode ser visitado todos os dias, das 10 ás 22 horas, na sede da Junta de Turismo da Costa do Sol, entidade organizadora. A entrada é livre.

A esta exposição segue-se a de João Prestrello, de gravuras e iluminuras dos séculos XV a XVIII.

Exposição de pintura na Nazaré

NAZARÉ, 4 — Está patente ao publico, com grande êxito e até o dia 15, no salão da Comissão de Turismo uma interessante exposição de pintura do jovem artista Francisco Pesseguelro. Pintura espoada de arabescos e de inutilidades barrocas, propõe, pelo menos, uma atitude de expectativa, em face da honestidade de temas e processos.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

Palavras cruzadas

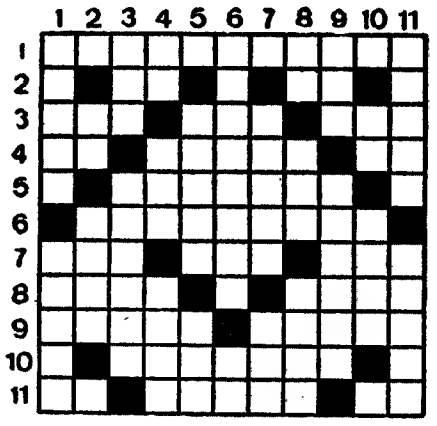
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5288

HORIZONTAIS: 1 — Tornariam livre. 2 — Artigo definido. Grande ribeira da Ásia Russa. Apelido. 3 — Felicidade. Conveniência. Mitologia (abrev.) 4 — Artigo definido. Moeda de ouro. Compaixão. 5 — Debate. 6 — Freguesia do concelho de Oeiras. 7 — Pátria. Pedra de altar. Termo. 8 — Vagueia. Rosto. 9 — Tumor, constituído por tecido musculoso. Maneiras. 10 — Cortara com serra. 11 — Pronome reflexo. Em tempo algum. Nome de Buda, na China.

VERTICAIS: 1 — Animais carnívoros semelhantes a cães. Sentenços. 2 — Pertences. Cidade de Itália. 3 — Bondoso. Veículo de rodas para transporte de coisas ou pessoas. 4 — Preposição. Ver. Assim seja. 5 — Fêmea do porco. Sapo do Amazonas. 6 — Tremera com frio. Rádio (s. q.). 7 — Rezara. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. 8 — Reis. Estime. Enrubesce. 9 — Seguiam. Aborrece. 10 — Idem (abrev.). Freguesia do concelho de Barcelos. 11 — Cousa inacreditável, sem realidade (pl.). Resmungo.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5287

HORIZONTAIS: 1 — ABRIL. Piada. 2 — Ruar. FRIO. 3 — Ali. Gap. Aar. 4 — Meada. Rombo. 5 — Assas. Ereos. 6 — Rossi. 7 — Tapas. Sorva. 8 — Alisa. Anuir. 9 — PÃO. SSS. Ina. 10 — Airó. E. Anho. 11 — Isara. Grãos.

VERTICAIS: 1 — Arama. Tapa. 2 — Bules. Alais. 3 — Raias. Piora. 4 — Ir. Darás. Or. 5 — Gasosas. 6 — Dá. Sé. 7 — Pressas. 8 — If. Orion. Ar. 9 — Arame. Ruina. 10 — Diabo. VINHO. 11 — Aoros. Araós.

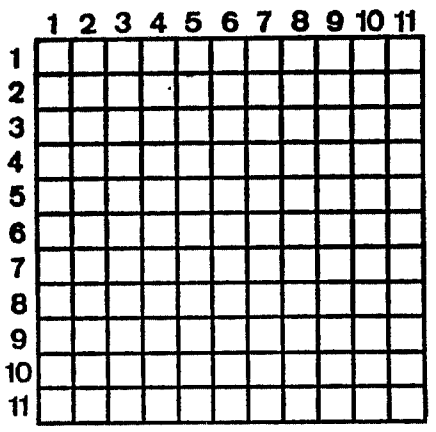
Provérbio: ABRIL FRIO — PÃO E VINHO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9131

HORIZONTAIS: 1 — Pesado. Insecto do género pulex, parasita do homem e de animais domésticos. 2 — Que é do ar. Agucem. 3 — Ir para fora. Descerrei. 4 — Irmã da mãe. Cidade de Espanha. Medida de líquidos usada na Alemanha. 5 — Campeão. Solta trinos. Seguia. 6 — Hesitara. 7 — Anual. Ilha do Mediterrâneo onde Napoleão esteve exilado. 8 — Recuas. 9 — Preposição. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Pega. 10 — Bebedeira. Lula. 11 — Inunda. Pequena cobra da América.

VERTICAIS: 1 — Consumia. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 2 — Verdadeiras. Cidade do Brasil. 3 — Contigo. Deus dos pastores. Pronome pessoal. 4 — Ler. Assola. Prata (s. q.). 5 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Prefixo que designa três. Aqui. 6 — Polir. Nome de fruta. 7 — Utensílio doméstico. Ilha do estado da Baía (Brasil). Preposição e artigo definido. 8 — Designa admiração, consaço (Interj.). Clima. Rio de Itália. 9 — Goza. O mais. Prefixo que designa ar. 10 — Dai o ser a. Não mais (intrj.). 11 — Tratada com mimo. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9130

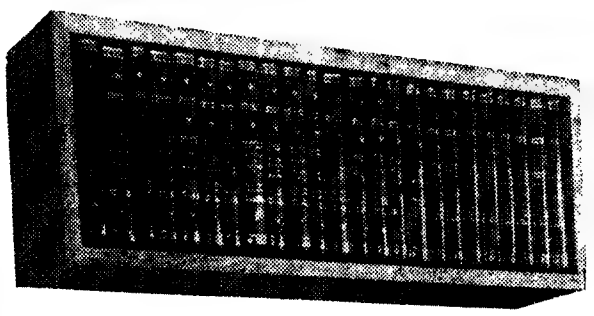
HORIZONTAIS: 1 — Fatia. Sulca. 2 — Erada. Iriam. 3 — Sal. Rua. Nio. 4 — Tiago. Sacar. 5 — Ásia. Terá. 6 — Só. Tu. 7 — Pott. Rama. 8 — Apecu. Aatos. 9 — Rei. Rer. Ira. 10 — Armar. Corri. 11 — Maomé. Arais.

VERTICAIS: 1 — Festa. Param. 2 — Arais. Opera. 3 — Talai. Teimo. 4 — Id. Gasto. Am. 5 — Aaro. Urre. 7 — Sias. Arca. 8 — Ur. Aturo. Or. 9 — Lince. Atiro. 10 — Caiar. Morri. 11 — Amoro. Asais.

UMA OPORTUNIDADE

Valorize a sua biblioteca comprando uma série de 24 volumes no formato de 16,5x11 cm, encadernados em balacuir e apresentados numa ESTANTE DE BOA MADEIRA, tudo por 600$00—importância que pode ser liquidada em 20 prestações mensais de 30$00

48 volumes, numa ESTANTE DUPLA, tudo por 1.200$00 em 20 prestações mensais de 60$00



Para a escolha das obras, remeteremos sem qualquer compromisso, a quem a solicitar, uma lista das mesmas

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS E RESPECTIVA ESTANTE CONTRA O PRIMEIRO PAGAMENTO

O interessado deverá solicitar um impresso-proposta à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO

ou à FILIAL EM LISBOA

AV. ALMIRANTE REIS, 102-R/C-DTO. — LISBOA 1

RECORTAR ESTE CUPÃO E REMETER A

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires Gouveia, 27

:—: PORTO :—:

(D. L.) Agradeço me enviem um impresso-proposta e lista de obras para a sua aquisição na modalidade PAGAMENTOS SUAVES

NOME (bem legível) .....

.....

ENDEREÇO .....

.....

Caminhos de Ferro Portugueses

CARRUAGENS DIRECTAS DE VIANA DO CASTELO, BRAGA, CASTELO BRANCO E FARO COM DESTINO A HENDAIA PARA O TRANSPORTE DE TRABALHADORES DE REGRESSO DE FÉRIAS DE VERÃO

Comunica-nos a C. P. que para transporte, em 2.ª classe, de trabalhadores portugueses de regresso de férias de Verão, põe em circulação carruagens directas com destino a Hendaia, ás terças e sextas-feiras, no período de 12 de Agosto a 19 de Setembro, com partida de Viana do Castelo ás 7-42, Braga ás 9-15 e Castelo Branco ás 11-30 e ás quintas-feiras, de 14 de Agosto a 18 de Setembro, com partida de Faro, ás 23-04.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 4 de Setembro de 1939 publicava:

«WASHINGTON, 4 — A comoção provocada pelo torpedeamento do «Athenia» é considerável. Recorda-se o torpedeamento do «Lusitânia» mas acrescenta-se que o de hoje tem ainda menos desculpa visto que não se podia ignorar que o «Athenia» não levava a bordo armas nem munições, mas apenas refugiados americanos e canadianos que regressavam de diversos pontos da Europa.

«Pergunta-se já se o Governo alemão resolveu fazer a guerra sem mercê, como aquela com que o Kaiser ameaçou a América antes mesmo que este país se tivesse colocado ao lado dos aliados.»

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

SECRETARIA

VENDA DE LOTES DE TERRENO EM CASCAIS

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 6 de Setembro, pelas 15 horas, na Sala das Sessões dos Paços do Concelho, serão vendidos, em hasta pública, os lotes de terreno abaixo discriminados:

1 lote com 189,5 m2, situado no Bairro das Fontainhas, em Cascais, destinado a um prédio de rendimento com 3 pisos, pelo preço base de licitação de 1600$00 cada metro quadrado;

1 lote com 251 m2, situado no Bairro da Assunção, em Cascais, destinado a um prédio de rendimento com 4 pisos, pelo preço base de licitação de 1800$00 cada metro quadrado;

2 lotes com 204 m2 cada, situados na Amoreira, destinados a prédios de rendimento com 3 pisos acima do nível da Avenida do Ultramar, pelo preço base de licitação de 1100$00 cada metro quadrado;

1 lote com 176,64 m2, destinado a estabelecimentos comerciais, situado na Avenida Gago Coutinho, junto ao Bairro da Federação das Caixas de Previdência na Parede, pelo preço base de licitação de 800$00 cada metro quadrado;

3 lotes com áreas entre 360 m2 e 374 m2, destinados a construção de moradias com 1 fogo, situado junto à Rua Julio Dantas, na Pampilheira, em Cascais, pelo preço base de licitação de 400$00 cada metro quadrado;

4 lotes com áreas entre 303 m2 e 391 m2, situados junto à Rua de Santa Joana, em Cascais, destinados a construção de moradias com 1 fogo, pelo preço base de licitação de 350$00 cada metro quadrado.

Cascais, 18 de Agosto de 1969.

O presidente da Câmara
António de Azevedo Coutinho
Eng.º-Agrónomo

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

«TAÇA DE HONRA» DA A. F. L.

O BELENENSES FOI O MELHOR — O TROFÉU FICOU «AZUL»

O Belenenses foi, sem duvida, a equipa mais regular da «Taça de Honra». E foi, igualmente, dos clubes que nela participaram, um dos que mais a sério encarou a sua participação na prova. Os «azuis» não têm culpa dos seus adversários alinharem com conjuntos onde faltaram titulares. A colectividade belenense fez a sua obrigação. Quanto mais não fosse, só por isso já o Belenenses mereceria a vitória. Que pode muito bem marcar o reesurgimento do seu futebol, o seu regresso ao primeiro plano. Benfica e Sporting escolheram o caminho das experiências. O Atlético assinalou uma presença digna. Seja como for, honra ao Belenenses, vencedor da «Taça de Honra».

... marcado por Ernesto e segundo golo do Sporting

Belenenses-Benfica (1-1)

• Os «azuis» ganharam aos pontos

Não nos levem a mal que estabeleçamos certa analogia entre este Belenenses-Benfica e um combate de boxe (sem nada de pejorativo na comparação). De facto, o «nulo» verificado no marcador acabou por dar aos «azuis» o triunfo no torneio. Vitória por «cantos», que se assemelham aos «pontos» que o pugilista acumula durante a peleja.

Realmente, os «azuis» dominaram e conduziram o jogo, enquanto os «encarnados» preferiram actuar em «contra», na esperança de conseguir um soco feliz que pusesse *K.O.* o antagonista. E valha a verdade que, no período a seguir ao golo dos homens do Restelo, os da Luz estiveram quase a atingir o seu objectivo. Mas isso bulia com a verdade do desafio, embora os benfiquistas hajam construido nessa fase o mais belo lance do desafio e criado a oportunidade mais flagrante.

Todavia, no cômputo geral da hora e meia, o Belenenses portou-se como o candidato mais firme, pertinaz e constante. O seu êxito, de claro que se tornou, está fora de qualquer contestação válida.

O domínio territorial belenense principiou com o começo do encontro. Viu-se então o Benfica optar deliberadamente pelo contra-ataque, como actualmente se usa e, quantas vezes, com resultados satisfatórios.

Saltava á vista a disposição dos «onzes»: Belenenses instalado no meio-campo defendido pelo antagonista; Benfica morador nessa zona, apenas daí saindo para visitar a grande área «azul» quando lhe era possível.

Porém, os «azuis» mostraram-se um tanto prolexos, demasiadamente platónicos no desenvolver do seu futebol. Mesmo assim, a defesa do Benfica (Nascimento incluido) trabalhou muito e bem, encantado até com o excesso de passes e a insistência «azul» da utilização do corredor central.

O minuto 41 insinuou que os «rubros» estavam dentro da razão: «livre» contra o Belenenses, confusão na área de rigor, remate de Aguas contra o corpo de um adversário e recarga pronta e bem dirigida de Abel.

A primeira parte ficou decidida.

O segundo tempo iniciou-se com uma perdida de Abel, que antecedeu um prolongado «forcing» do grupo de Belém. Que viria a ter consequências aos 13 minutos. Ernesto meteu-se pela defesa «vermelha» e, da linha de cabeceira, cedeu o esférico, em passe atrasado, ao seu companheiro Saporiti e o argentino, com um toque habilidoso, teve artes de obter o tento, metendo a bola por uma nesga entre Nascimento e o poste.

Sucedeu-se depois o melhor período benfiquista. Aguas e Pavão abeiraram-se, um de cada vez, dos postes da baliza contrária, e desperdiçaram tentos muito possíveis.

Voltou o Belenenses á carga, pois o Benfica dava indícios de quebra e os jogadores de Belém pareciam mais frescos. Contudo a luta aqueceu e um período feio foi inaugurado por uma quizília Ernesto-Vitor Martins e antecipou o final do embate, que terminou sem o agrado que chegou a registar.

Luciano cotou-se como o numero um dos belenenses, seguido de Saporiti. Abel e Nascimento, com o senão da falha de que saiu o golo do empate, sobressaíram nos benfiquistas.

Arbitragem de Armando Castro algo inconsequente. Dirigiu bem durante longos períodos, mas incorreu em alguns deslizes.

As equipas:

BELENENSES — Mourinho; Rodrigues, Quaresma, Freitas e Murça (Esteves), Luciano e Quinito; Laurindo (Camolas), Ernesto, Saporiti e Godinho.

BENFICA — Nascimento; Fernandes, Humberto Fernandes, Marques e Tomás; Vitor Martins e Matine; Praia (Pavão), Abel, Aguas e Diamantino (Nené).

As substituições verificaram-se ao intervalo.

FRANCISCO CAMILO

SPORTING-ATLÉTICO (2-0)

• VITÓRIA (NORMAL) DOS MAIORES NOMES

O Sporting teve sempre ascendente, conseguindo perante a jovem turma do Atlético um resultado que apenas não subiu mais (na sua expressão numérica) porque foi um facto incontroverso o empenho e a generosidade colocados pelos alcantarenses na esgrima com os jogadores de Alvalade.

As equipas alinharam assim:

SPORTING — Carvalho; Barão, Bastos, Caló e Celestino; Dani e Orlando (Panhufa); Manuel Duarte, Ernesto, Manaca (Juvenal) e Oliveira Duarte.

ATLÉTICO — Gaspar; C. Guilherme, Durand, Rogério (João Luís) e João Guilherme; Horta (Portela), Pinhal; Raul, Formiga, Raimundo e Carlos Jesus.

Arbitrou António Rocha, e os tentos foram conseguidos por Oliveira Duarte (aos 24 minutos) e Ernesto (aos 65 m., na conversão de uma grande penalidade).

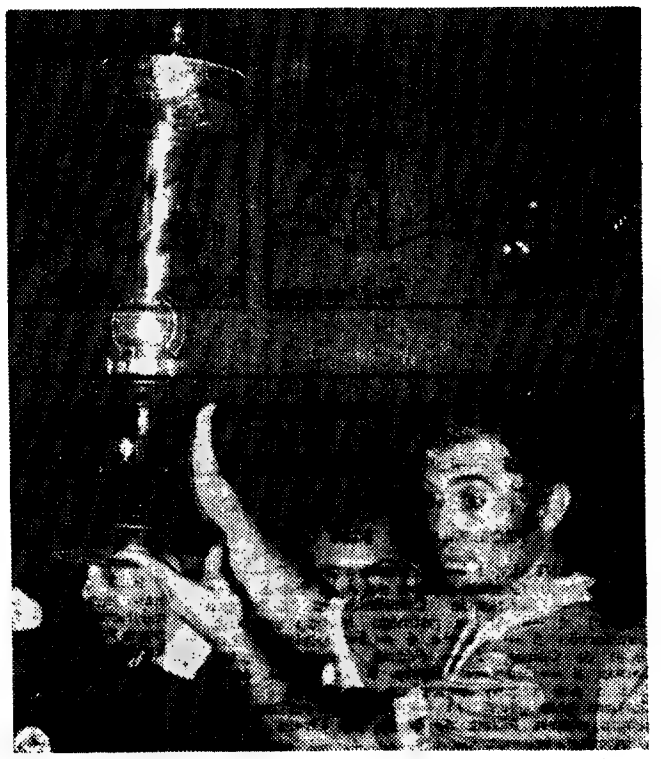
Os primeiros vinte minutos foram francamente bem jogados, actuando-se em velocidade e com intenção. Mais poder e positivismo do Sporting, alegria e jeito nos alcantarenses, que, porém, se esqueceram de rematar.

Depois de estar a vencer por 1-0, o Sporting actuou com á-vontade e cabeça, encontrando na réplica dos alcantarenses um excelente estímulo. Nem no 2.º tempo o Atlético quebrou perante o maior poder físico do adversário, continuando a oferecer excelente réplica, mas «esquecendo-se» de rematar...

Note-se, porém, que dois golos são uma grande diferença para o futebol praticado, ainda que não esteja em dúvida a justiça da vitória «leonina».

No Sporting devem salientar-se as actuações de Bastos, Caló, Carvalho, Dani, Barão e Celestino.

Entre os alcantarenses, salientemos Durand, Rogério, Pinhal, Horta, Jesus, Raul e João.



Rodrigues apresenta ao publico a «Taça de Honra» ganha pelo Belenenses

DISSERAM OS TREINADORES

MÁRIO WILSON
(BELENENSES)

O empate está certo, mas os doze cantos ganhos pela minha equipa provam bem da intensidade dos seus ataques. O encontro fez prova de que as reservas, por vezes, ganham ás primeiras: e não é só nos treinos...

Este triunfo é um estímulo para o Belenenses que, assim, iniciará o campeonato com maior confiança. E muita serenidade.

OTTO GLÓRIA
(BENFICA)

É uma pena que, por força do calendário, do Nacional os clubes tenham de fazer disputar a «Taça de Honra» pelas suas equipas de reserva. Enfim, foi um bom jogo. E o Belenenses está de parabéns pela vitória obtida. O Benfica apresentando a sua turma secundária conseguiu um empate honroso, apenas batida por «cantos» e podendo dizer que saiu de cabeça levantada deste bonito Estádio do Restelo.

FERNANDO VAZ
(SPORTING)

O encontro foi muito bem jogado, na 2.ª parte (pelo Atlético) tendo o Sporting sido superior na primeira metade. Gostei, francamente, do Atlético. É uma equipa jovem e recheada de elementos de muito valor, capazes de fazerem boa figura na segunda Divisão. Pelo seu trabalho fizeram jus ao chamado ponto de honra. Embora seja cedo, antevejo uma boa época para a prometedora equipa alcantarense.

JOSÉ DO CARMO
(ATLÉTICO)

O comportamento da minha equipa foi aquilo que aguardava, dada a juventude e inexperiência do conjunto. Estou satisfeito, pois cumpriram com as minhas instruções e demonstraram excelentes qualidades de coragem e perseverança no esforço, nunca se afastando da ideia de não se desfazerem da bola á toa. Daí resultou uma presença agradável na competição. O Sporting é-nos superior e o seu triunfo foi natural. Só com reservas como estas o clube já poderá aspirar a um bom campeonato esta época.

A turma belenense que interrompeu a série de vitórias benfiquistas na «Taça de Honra»

Ballantine's
O Supremo Whisky Escocês

Quanto mais V. Fxa. entender de Whiskies mais gostará do Ballantine's

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
RUA DO ALECRIM, 73 LISBOA

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
RUA DO BONJARDIM, 421 PORTO

O Benfica venceu o Sporting no «regional» de hóquei em patins

Os campeonatos de hóquei em patins (1.ª e 2.ª divisões), da Associação de Patinagem de Lisboa, prosseguiram, ontem, com os encontros, cujos resultados a seguir anotamos:

1 DIVISÃO:

Oeiras, 3-Física, 4
Cascais, 5-Salesiana, 0
Sporting, 0-Benfica, 2
C. U. F., 1-Paredе, 0
Sintra, 1-P. Arcos, 7

O desafio de maior expectativa disputou-se em Alvalade, entre «leões» e «encarnados». O triunfo obtido pelos benficas permitiu-lhes a manutenção do primeiro lugar, de Ourique, o ultimo lugar da tabela classificativa.

A classificação geral ficou assim estabelecida:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Benfica	10	7	1	2	55-27	25
P. Arcos	8	6	—	2	42-24	20
Oeiras	8	4	2	2	35-23	18
C. U. F.	8	4	2	2	25-18	18
Sporting	8	4	1	3	28-24	17
Belenen	8	3	2	3	33-38	16
Sintra	8	3	2	3	26-36	16
Salesia	8	3	1	4	30-34	15
Cascais	9	3	—	6	28-27	15
Parede	8	3	—	5	17-25	14
C. Our.	9	2	—	7	28-51	13
Física	9	1	2	6	25-45	13

Vitória do Estremoz em Algés

No rinque da Liga dos Melhoramentos de Algés, realizou-se o unico desafio da 2.ª Divisão. O Estremoz logrou vencer por 4-0, consolidando a sua posição de guia.

Eis a tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Estremoz	11	10	—	1	73-13	31
F. Benfica	11	8	1	2	40-21	28
Azeitonen.	11	6	3	2	44-26	26
L. Algés	10	6	2	2	57-33	25
C. Tejo	11	4	2	5	24-33	21
Amadora	11	3	—	8	28-42	17
Sp. Torres	11	3	—	8	22-33	16
Queluz	11	—	2	9	25-112	13

Corunha e Bétis (juniores) depois de amanhã no Restelo

À semelhança do que fez há dias, para equipas de seniores, o Belenenses promove, depois de amanhã e no domingo, uma prova quadrangular de futebol, denominada Torneio Internacional de Lisboa para juniores.

Concorrem, além do clube organizador, o Benfica e as equipas espanholas do Corunha e do Bétis, que só poderão alinhar jogadores com menos de 19 anos.

Os encontros realizar-se-ão no estádio do Restelo, com a duração de 80 minutos, pela seguinte ordem:

Sábado — Belenenses-Corunha, ás 16 e 30, e Benfica-Bétis, ás 18.

Domingo — Desafio entre os vencidos de sábado, para apuramento do 3.º e 4.º lugares, ás 20 e 30; jogo entre os vencedores, para apuramento do vencedor, ás 22 horas.

São permitidas três substituições e em caso de igualdade no fim do tempo regulamentar, o desempate será feito pela marcação de cinco grandes penalidades.

gar com uma diferença de cinco pontos do seu imediato adversário (Paço de Arcos), embora com mais dois jogos.

De notável ainda o revés dos olivenses, na sua pista, ante a equipa que ocupa, de parceria com o Campo

NATAÇÃO NOS OLIVAIS

TRÊS «RECORDS» BATIDOS NO ANIVERSÁRIO DA A. N. L.

Só as condições do tempo (noite bastante fria) não ajudaram o festival do aniversário da Associação de Natação de Lisboa a ter o êxito desejado e merecido, que poderia assinalar a reunião de ontem, á noite, na piscina dos Olivais. Os concorrentes não faltaram — nem mesmo o lote dos simpáticos moçambicanos; e foram batidos três «records» de piscinas de 50 metros.

Das oito provas de inscrição livre, cinco foram ganhas por nadadores do Grupo Desportivo de Lourenço Marques e três por elementos do Algés e Dafundo. Nas de infantis, Manuela Banha, com duas vitórias foi a figura mais em evidência.

Resultados:

200 metros, costas — 1.º, Julio Ribeiro (L. M.), 2 m 48,1 s; 2.º, António Alegria (Algés), 2 m 57,3 s.

200 metros, bruços — 1.ª, Graça Maia (Algés), 3 m 11,7 s; 2.ª, Isabel Machado (Cim. Tejo), 3 m 25,2 s.

100 metros, livres — 1.ª, Susana Abreu (L. M.), 1 m 9,6 s; 2.ª, Isaura Martins (Algés), 1 m 13,3 s.

100 metros, mariposa — 1.º, Neiva Maciel (Algés), 1 m 16,6 s; 2.º, Francisco Bessone Alves (Algés), 1 m 17,5 s.

200 metros, costas — 1.ª, Dulce Gouveia (L. M.), 2 m 52,2 s («record» absoluto e de seniores); 2.ª, Ana Cristina Patacas (Algés), 2 m 53,5 s («record» de juniores).

200 metros, bruços — 1.º, Vítor Cerqueira (L. M.), 2 m 51 s; 2.º, Luís Rosa (Algés), 3 m 00,9 s.

100 metros, mariposa — 1.ª, Susana Abreu (L. M.), 1 m 16,8 s; 2.ª, Lídia Gouveia (L. M.), 1 m 30,4 s.

100 metros, livres — 1.º, F. Rosa Jorge (Algés), 1 m 00,6 s («record» nacional de juniores); 2.º, Julio Ribeiro (L. M.), 1 m 01,9 s.

100 metros, livres, infantis — 1.ª, Manuela Banha (Algés), 1 m 25,1 s; 2.ª, Maria Tomás (Algés), 1 m 31,5 s.

100 metros, costas, infantis — 1.º, Henrique Vicencio (Algés), 1 m 38,1 s; 2.º, Vasco Mineiro (Algés), 1 m 39,5 s.

100 metros, bruços, infantis — 1.ª, Manuela Banha (Algés), 1 m 40,7 s; 2.ª, Ana Martins (C. N. N.), 1 m 46,7 s.

50 metros, mariposa, infantis — 1.º, José Santos Silva (Benfica), 43,3 s; 2.º, Vasco Mineiro (Algés), 50,5 s.

Acontecimentos DE ONTEM

CIRCUITO DE RIO MAIOR

Correu-se ontem, em Rio Maior, o décimo segundo circuito ciclista daquela vila, na distancia de 62 quilómetros. O vencedor foi Fernando Mendes (Benfica), que fez 1 hora, 31 minutos e 55 segundos (média de 41,124 km/hora) seguindo-se-lhe Pedro Moreira (Bf.), m. t.; 3.º, João Roque (Sp.); 4.º, Vítor Rocha (Sp.); 5.º, Norberto Duarte (Sangalhos); 6.º, Marcelino Santos (Gin. Tavira); 7.º, Augusto Fortes (Bf.); 8.º, Lino Santos (Sang.); 9.º, Joaquim Agostinho (Sp.); 10.º, Norberto Timóteo (Sp.); 11.º, Américo Silva (Bf.); 12.º, Manuel Mestre (Tav.); 13.º, Manuel Luís (Bf.); 14.º, Augusto Cardoso (Bf.), todos com o mesmo tempo do vencedor; 15.º, Paulino Domingos (Sp.), 1.32,45.

Equipas: 1.ª, Benfica, 4 h 35 m 45 s; 2.ª, Sporting, m. t.; 3.ª, Gin. Tavira, 4.38,50.

Fernando Mendes fez a volta mais rápida, com 1 m 12 s, e o Benfica também ganhou (39) o maior numero delas, seguido do Sporting (28) e do Ginásio Tavira (3).

TAÇA DE HONRA DE SETÚBAL

Na final, o Vitória de Setubal bateu a C. U. F. por 1-0 (tento de Guerreiro). As equipas formaram:

V. SETUBAL — Vital; Conceição, Cardoso, Alfredo e Carriço; Tomé e Wagner; José Maria, Guerreiro, Arcanjo (Figueiredo) e Petita (Octávio).

C. U. F. — Gil; José Vítor (David), Vítor Marques, Américo e Francisco; Sério e José Pedro; Madeira, Capitão-Mor, Barroca e Rogério (Neto).

Em Sesimbra, não se realizou o encontro de apuramento para o 3.º lugar entre o grupo local e o Montijo: este clube não compareceu.

O CONCURSO HÍPICO DA PENINA (ALGARVE)

Iniciou-se o Concurso Hípico Internacional da Penina, no Algarve, com a presença de cavaleiros portugueses, espanhóis e ingleses. A inauguração oficial teve lugar com uma prova para juniores, (Cap. «José Beltrão») ganha, nas duas séries, respectivamente por José António Gato (no «Xau») e por Ana Cristina Rodrigues (no «Capricho»)

A primeira prova de seniores, dotada com o troféu «Socopal-Frauki» reuniu 32 concorrentes, entre os quais «Tea-Top», «Regina» e «Ofir», cuja categoria justificava plenamente que se inscrevessem na prova seguinte, tal como afirmou o capitão Ramiro Pimenta, delegado da Federação Portuguesa.

Na primeira «barrage» (com 9 obstáculos e a altura máxima de um metro e quarenta) verificaram-se sómente três percursos sem faltas: os de «Regina», «Monty» e «Ofir».

Na segunda «barrage» (já ao cronómetro e numa altura máxima de um metro e quarenta) «Ofir» montado pelo major Jonge Matias, foi o vencedor indiscutível, num percurso sem faltas, enquanto que «Monty», do cap. Moura dos Santos e «Regina» do tenen. Pimenta da Gama se classificaram em 2.º e 3.º lugares, com 4 pontos.

Na segunda prova («Hotel Alvor Praia») as dificuldades eram progressivas e regressivas, e os obstáculos apresentaram-se á altura máxima de um metro e quarenta. Onze cavalos surgiram para a disputa.

No percurso inicial, só «Alentejo», montado por Manuel Malta da Costa, cumpriu sem qualquer falta, arrancando assim uma vitória final, meritória sob todos os aspectos. A seguir, classificaram-se: em 2.º lugar, «ex aequo», «Lord Robert» do cor. Henrique Calado e «Silva», do cap. Moura dos Santos; em 4.º lugar ficou «Buchaco», de Enrique Mora (espanhol); em 5.º, «Espora», do tenen. Pimenta da Gama e em 6.º, «Samurai», montado por Ramon Estarry (espanhol), o vencedor de Cascais.

Hoje são disputadas as provas «Cor. Helder Martins» (para juniores) e «Sodeta» e «Ministério do Exército», ambas internacionais, para seniores.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

AUTOCARROS
EMPRESAS, COLÉGIOS, FÁBRICAS, ETC.
Vendem-se 4 em bom estado. Pode facilitar-se pagamento.
Trata e mostra: Av. João XXI, 9-A — LISBOA.

GRANDIOSO IMÓVEL EM CASCAIS A RENDER 8 %
De luxuosa construção moderna, com acabamentos e materiais de 1.ª, alugado a comércio e habitações e/ todos os requisitos indispensáveis num prédio de excepcional categoria.
PREÇO POR URGENCIA — 7.000 CONTOS
Trata a «NORTENHA»
Praça da Alegria, 58-2.º — Tel. 308731 - 308612 - 308888

TORNA-SE NECESSÁRIA UMA CORPORAÇÃO DE BOMBEIROS MUNICIPAIS NA CIDADE DE PORTIMÃO

PORTIMÃO, 4. — Revestiu-se de muito interesse a reunião dos comandos dos corpos de bombeiros do distrito de Faro, sob a presidência do inspector de Incêndios da Zona Sul, sr. coronel Rogério Cansado, que foi recebido pelo comandante dos Bombeiros Voluntários, que o acompanhou na revista à guarda de honra, com estandarte, à entrada do quartel e pelos comandantes das outras corporações algarvias.

Houve um exercício na casa-escola, subordinado a um tema apresentado pelo inspector e superiormente dirigido pelo comandante da corporação local, cujo desenvolvimento impressionou pela rapidez, pela segurança e perfeição com que foi realizado. Seguiu-se um almoço de confraternização, que decorreu num ambiente de alegre convívio.

Na sala das sessões da Câmara Municipal reuniram-se todos os comandos que trataram de assuntos técnicos de grande utilidade para a vida dos corpos de bombeiros da província.

Registou-se com muito agrado o parecer do sr. inspector de Incêndios da Zona Sul relativamente á «boa preparação técnica de todo o pessoal, com consciência e iniciativa de acção e vontade de bem servir.»

Toda a população da cidade se associa à homenagem à benemérita e prestigiosa corporação dos Bombeiros Voluntários, aos quais deve altos serviços humanitários, prestados com inexcedível dedicação e o mais elevado sentido da altruística solidariedade. Todos reconhecem o que representa essa prestimosa corporação, constituída por abnegados voluntários, sem qualquer retribuição material, cujas responsabilidades são cada vez maiores, exigindo-se-lhes esforço incalculável, dado que aumenta a já numerosa população citadina. Por isso e por outras razões, que ocioso seria enumerar, se justifica a premente necessidade duma secção permanente de bombeiros, ou melhor um corpo de bombeiros municipais, ao qual seja facilitado o indispensável e eficiente material que tanta falta faz à actual e tão esforçada corporação dos voluntários.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	525$
Consolidado 3%	—	—	540$
Consolidado 3 1/2%	—	—	640$
Centenários 4%	1.495$	1.495$	1.500$
Obrigs Tesouro 5%	1.006$	1.005$	1.007$
Externo 1.ª Série	—	—	770$
Externo 1.ª Série C.	800$	800$	840$
Externo 3.ª Série	—	737$	—
Externo 3.ª Série C.	—	—	900$
Cautelas 3.ª Série	—	—	190$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	925$	—
A P I 5% 56	—	925$	—
A P I 5% 58	890$	890$	895$
C P 4 1/2 65	—	1.012$	—
C P 5 1/2% 67	1.008$	1.008$	1.009$
C U F 6%	996$	995$	997$
C U F 6% 68	—	820$	—
Gás Elect 4% 48	880$	875$	—
Gas Elect 4 1/2% 51	—	—	890$
Gás Elect 5% 54	—	—	890$
Gás Elect 5% 58	—	—	900$
Gás Elect 5% 59	925$	920$	930$
Gás Elect 5% 62	—	910$	—
Gás Elect 5% 63	—	900$	—
Gás Elect 5% 65	—	1.010$	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E A. Alentejo 5%	—	820$	—
H E Cávado 5%	—	—	—
H E Cávado 6%	810$	805$	810$
H E Douro 5%	—	1.002$	1.005$
H E Douro 6%	—	—	—
H E Norte Port 5%	999$	998$	999$
H E S Estrela 6%	—	—	860$
H E Zêzere 5% 55	—	—	860$
H E Zêzere 5% 57	1.004$	1.004$	1.005$
Lisnave 6%	—	—	900$
Metropolitano 4%	—	1.010$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	830$	840$
Nac. Electr. 5%	—	—	820$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	860$
Petroquímica 5%	—	950$	—
Port Celul. 5%	—	910$	—
Sacor 5% 54	—	880$	—
Sacor 5% 60	—	820$	830$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	845$	840$	850$
Sonete 5%	—	—	960$
T. A. P 4%	810$	805$	810$
Termoelect Port. 5%	—	84$	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	—	—
U E P 5% 60	—	—	860$
U E P 5% 63	—	—	—
AC ÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.570$	1.565$	1.575$
Alentejo	880$	885$	890$
Angola	3.200$	—	3.250$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	3.500$	3.450$	3.500$
E. Santo	20.000$	19.500$	20.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	20.000$	25.000$
L. & Açores p.	6.860$	6.850$	6.900$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.700$	6.700$	6.850$
Portugal n.	3.120$	3.100$	3.150$
Portugal p.	3.950$	3.920$	4.000$
Totta Aliança	6.400$	6.400$	6.450$
Ultramarino n.	2.980$	2.960$	2.980$
Ultramarino p.	3.160$	3.150$	3.170$
Seguros			
Alentejo	76$	75$	78$
Douro	—	—	—
Mundial	—	600$	610$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	45.000$	60.000$
Ultramarino	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	800$	790$	820$
Ag Cassequel	840$	840$	850$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	200$	220$
Buzi	—	75$5	78$
Cabinda	215$	213$	217$

Ultramarinas			
Diamantes Angola	1 910$	910$	1 915$
H E Revué	—	600$	610$
Ilho do Príncipe	—	600$	1.000$
Moçambique	—	21$	23$
Sonete n	355$	355$	370$
Sonefe p	—	370$	380$
Zambézia	76$5	76$	76$5
Angolana	—	—	—
C.ª Diversas			
Cidla	7.600$	7.600$	—
Cim. Leiria	—	—	4.300$
Cim Tejo	6.000$	5.950$	6.050$
Col Navegação	1.530$	1.525$	1.600$
C U F	1.460$	1.460$	1.470$
Ind. Aliança	—	580$	—
Nac Navegação	—	3.750$	3.850$
Petroquímica	2.450$	2.400$	2.450$
Port. e Colónias	—	—	1.650$
Port. Celulose	4.550$	4.500$	4.600$
Port Pesca	—	—	1.200$
Port Tabacos	785$	784$	787$
Sacor	—	4 750$	4.800$
Siderurgia Nac.	1.650$	—	1.680$
Socel	—	2.900$	2 950$
Tabacos de Portugal	—	1.250$	1.450$
Tabaqueira	—	7.500$	8.000$
U F Azoto	—	835$	840$
Aguas Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	405$	—
Aguas Lisboa 34	420$	416$	—
Aguas Lisboa 36	—	—	—
Eléct Beiras	—	1.690$	1.700$
Gás Electr.	430$	4.295$	430$
H E Alto Alentejo	157$5	157$5	158$
H E Cávado	1.280$	1.275$	1.285$
H E Douro	1.260$	1.259$	1.261$
H E Norte Portugal	—	305$	—
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.285$	1.282$	1.290$
Nac Electricidade	1.290$	1.288$	1.295$
Termoeléctr Port.	1.270$	1.265$	1.273$
U E P	—	200$	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	192$7	198$5
F I D E S	—	119$5	123$1

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	27/8	2/9	3/9
GERAL	142,0	141,9	141,3
METRÓPOL	138,8	138,4	137,6
ULTRAM.	165,1	167,4	168,7

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 2	34$00	36$50
— Rands de 5 a 20	35$00	37$50
América		
— Dollars de 1 a 4	28$15	28$55
— Dollars de 5 a 1'000	28$35	28$75
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Áustria — Schilling	$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Bélgica — Franco	$50	$54
França — Franco	4$80	5$30
Suiça — Franco	6$55	6$75
Marrocos — Dirham	4$50	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	312$00	327$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

DE COIMBRA

Provas escritas nos exames finais na Faculdade de Direito (em Outubro)

Foi afixado na Universidade o horário das provas escritas dos exames finais de alunos ordinários e voluntários da Faculdade de Direito, que decorrerão em Outubro, em chamada unica, que é o seguinte:

Primeiro ano — Direito Romano, dia 1 de Outubro; Direito Constitucional, dia 4; Introdução ao Estudo do Direito, dia 7; Direito Português, dia 10.

Segundo ano — Direito Civil (Teoria Geral) dia 2; Direito Administrativo, dia 9 e Economia Política, dia 13.

Terceiro ano — Direito Ultramarino, dia 1; Direito Civil (Obrigações), dia 4 e Finanças, dia 15.

Quarto ano — Direito processual Civil, dia 7; Direitos de Família, dia 10 e Direito Comercial, dia 9.

Quinto ano — Direito Criminal, dia 18 e Direito Internacional Privado, dia 23.

Os exames dos primeiro e segundo anos começam ás 9 horas e os restantes ás 15.

Provas escritas facultativas

Segundo ano — Direito Internacional Público, dia 3 de Outubro e Direito Corporativo, dia 16 (ás 9 horas).

Terceiro ano — Economia Política (Moeda), dia 8 e Direito Fiscal, dia 11.

Quarto ano — Sucessões, dia 2 e Direitos Reais, dia 16.

Quinto ano — Processual Criminal, dia 20 e Direito Processual Civil, dia 25.

Todos estes exames realizam-se ás 15 horas.

Provas orais das disciplinas que não têm prova escrita obrigatória

Segundo ano — Direito Internacional Público, dia 6 de Outubro e Direito Corporativo, dia 20.

Terceiro ano — Economia Política (Moeda), dia 13; Direito Fiscal, dia 17.

Quarto ano — Sucessões, dia 6 e Direitos Reais, dia 20.

Quinto ano — Direito Processual Criminal, dia 24 e Direito Processual Civil, dia 28.

★

Os alunos que desejarem apresentar-se a exame deverão declará-lo até seis dias antes da prova escrita de cada disciplina. Decorrido este prazo, os que não hajam feito a declaração ou a desejarem alterar poderão fazê-lo, requerendo-o ao director da Faculdade, até três dias antes da prova, sendo o respectivo requerimento deferido desde que, pelo requerente, seja assinado sobre um selo fiscal de 100$00.

Os alunos que tenham declarado a intenção de se apresentar a exame na época de Junho-Julho e faltado poderão apresentar-se a exame desde que o requeiram nos termos acima referidos. Os alunos que hajam requerido exames na época de Junho-Julho e também faltado poderão apresentar-se a exame mediante prévia declaração, até seis dias antes da respectiva prova escrita. Se não a apresentarem neste prazo, poderão, ainda, apresentar-se a exame, requerendo-o nos termos acima referidos.

As normas indicadas aplicam-se ás provas escritas facultativas.

A apresentação á prova oral nas disciplinas de cujo exame não faz parte uma prova escrita obrigatória, depende de declaração até seis dias antes da data fixada para o início da chamada. Decorrido esse prazo, observar-se-á o disposto acima

Festejos em Columbeira (Bombarral)

BOMBARRAL, 3 — De domingo até ao dia 12, haverá em Columbeira, progressiva localidade deste concelho, os tradicionais festejos em honra do Senhor Jesus da Boa Hora, nos quais colaboram uma conhecida banda de música e quatro afamados conjuntos. O programa, que reune importantes atractivos, inclui no domingo: às 8 horas, alvorada e recepção à Filarmónica do Carvalhal; às 9, peditório pelas ruas, com a banda de música; às 17 celebração religiosa, com desfile da procissão pelo itinerário habitual; às 19, quermesse e arraial. Os dias 10 e 11 são destinados a provas desportivas, que incluem cavalhadas, corta-mato ao Picoto e futebol.

Todas as noites, será eleita a «Rainha do Serão» e haverá iluminações e caracteristicas ornamentações, fogo de artifício, etc.

Maestro Joel Canhão

O director artístico do Orfeão Académico, maestro Joel Canhão, está em Cascais a tomar parte no Curso Técnico Vocal dos VIII Cursos Musicais Internacionais de Férias da Costa do Sol, a cargo do prof. Lísie Egger, de Salzburgo.

Verifica-se, assim, que os dirigentes do Orfeão Académico procuram prover á reunião de todas as condições convenientes para a cuidada preparação exigida pelos próximos compromissos do Orfeão, entre os quais a prevista visita á Feira Mundial e Universal, em Osaka (Japão), em 1970.

Vacina contra a febre amarela

Informa a Delegação de Saude em Coimbra que tem sido possível manter a vacinação contra a febre amarela para as pessoas que se destinam a algumas províncias ultramarinas. É feita naquele departamento, no Pátio da Inquisição, ás terças-feiras, das 14 e 30 ás 16 e 30.

Torna-se, no entanto, indispensável a inscrição prévia, pois só se podem vacinar por dia grupos de 20 pessoas, que estejam, portanto, préviamente inscritas.

A inscrição pode fazer-se naquela Delegação de Saude, pessoalmente ou por carta, ou ainda pelo telefone.

As pessoas inscritas devem comparecer munidas do bilhete de identidade e de um selo fiscal de 5$00; e se, por qualquer motivo, não possam comparecer, devem avisar com antecedência, para darem lugar a outros interessados.

Espectáculos para hoje

AVENIDA — Às 21 e 30: «O Inspector Clouseau» (12 anos).

TIVOLI — Às 21 e 30: «Não esperes, Django... dispara!» (12 anos).

ESPLANADA DOS BOM. VOLUNTÁRIOS — Às 21 e 45: «Madame X» (17 anos).

Farmácias de serviço

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira Borges (Tel. 24348).

SANTA CRUZ — Rua das Padeiras (Tel. 23569).

CORREIA — Rua Visconde da Luz (Tel. 22834).

SÃO JOSÉ — Arcos do Jardim (Tel. 24697).

GRANDE OPORTUNIDADE
ANDARES
Com 2, 3 e 4 assoalhadas, em magnifico local de Linda-a-Velha, em prédio de riquissima construção moderna c/ acabamentos fora de série.
PREÇOS DE 225 A 400 CONTOS
Ver na Rua «D», Lote 9, em LINDA-A-VELHA e tratar na
«NORTENHA»
Praça da Alegria, 58-2.º — Tel. 366731 - 366812 - 362228

Estreias de hoje — RAPARIGAS MODERNAS — SÃO JORGE — O TEATRO DA MORTE — POLITEAMA

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
HOJE, às 21.30
ESTREIA
Um filme de Joel Le Moigne
RAPARIGAS MODERNAS
com Sylvie Vartan e Johnny Hallyday
Às 15.15 - 18.15 — BRINCADEIRAS PROIBIDAS (12 anos)

TIVOLI
(M 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite
Reexibição do fabuloso espectaculo em 70 m/m
CHITTY, CHITTY, BANG, BANG
com Dick Van Dyke e Sally Anne Howes

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Uma espantosa e divertida aventura!
3 SUPER-HOMENS EM TOQUIO
com George Martin — Dick Gordon e Willy Newcomb
— EASTMANCOLOR —
— AR CONDICIONADO —

CONDES
Telefs. 322523 326718
(M. 12 anos)
As 15.15, 18.15 e 21.30
A MARGEM DA LEI
com Lee Van Cleef
AR CONDICIONADO

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e às 21.30
A CAMINHO DO OREGON
com Kirk Douglas e Robert Mitchum

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
A TERRA DAS MIL AVENTURAS
com John Wayne e Stewart Granger

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 (M. 17 anos)
A BORBOLETA VERMELHA
Um filme absolutamente «hyppy» para rir do princípio ao fim

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
A CHAMADA CAMARADA MINI-SAIA

IMPERIAL
Tel. 45933
Às 21 h. (M. 12 anos)
COMO MATEI RASPUTINE O INSPECTOR ORIGINAL

POLITEAMA
(M. 17 anos) Tel. 326305
HOJE, ÀS 21.30 — ESTREIA
UM FILME EXTRAORDINÁRIO QUE GELA OS NERVOS
O TEATRO DA MORTE
AMOR... SUSPENSE... TERROR
com CHRISTOPHER LEEN
Tecniscópio — Tecnicolor
HOJE, às 18.30 (Adultos)
SESSÃO ESPECIAL!

IMPÉRIO
(ADULTOS) Tel. 555134
Às 15,15 e 21.30
MONICA VITTI no filme de MÁRIO MONICELLI
A RAPARIGA DA PISTOLA

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polansky
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Fucueaux

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 326283
HOJE: 15.15 e 18.15 e 21.30
UM FILME DE QUE TODOS FALAM
com JACK PALANCE na TEMERÁRIA DISPUTA DE UMA FABULOSA CARGA EXPLOSIVA
A MORTE DO DRAGÃO
com Fernando Lamas e Aldo Ray
Tecniscópio (col. De Luxe)

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
O clássico que desafia o tempo!
O ANJO AZUL
com Marlene Dietrich e Emil Jannings

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 528743
As 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA DE ÊXITO
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(Il Medico Della Mutua)
com Alberto Sordi, Bne Valozi e Evelyn Stewart
AR CONDICIONADO

CHIADO TERRASSE
As 15 e 21 h.: (M. 12 anos)
NINGUÉM FOGE PARA SEMPRE
ATRIBULAÇÕES DE UM «CHINÊS» NA CHINA

LUMIAR
C. Carriche
(M. 12 anos) Tel. 791574
Às 21.30
LICENÇA PARA MATAR
com Tom Adams e Veronica Hurst
A seguir: O DIA MAIS LONGO
(M. 12 anos)

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15, 18.15 e 21.30
O CARDEAL
Um filme de Otto Preminger
com Tom Tryon, Rommy Schneider e Raf Valone
Atenção á hora do início da 1.ª «matinée»

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45 h.
O CARDEAL
Um filme de Otto Preminger
com Tom Tryon, Rommy Schneider e Raf Valone

VOX
(M. 21 anos) Tel. 720606
Às 15.15, 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade áquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
A B C — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Eno, já fala!»
TEATRO GIL VICENTE — Às 22: «A maçã» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos).

CINEMAS
PARIS — Às 21: «Pistoleiros de Arizona» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «O prisioneiro do passado» (17 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Armadilha Istambul» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Quando digo que te amo» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «O mundo do circo» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «A armadilha» (12 anos)
MOSCAVIDE — Às 21 h.: «O perigo vem das mulheres» (17 anos).
CASTANHEIRA — Às 21 e 15: «Marisol e o toureiro» (12 anos).

● Linha de Cascais
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Rocco e os seus irmãos» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Um coração solitário» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «A caminho do Oregon» (17 anos).
ESTORIL — CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Os 3 super homens» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Uma mulher no cimento» (17 anos)

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O escroque elegante» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Os crimes de Dillinger» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O aventureiro de Cincinnatti» e «O sol chega de manhã» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Por favor não comam os malmequeres» (12 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Custer o herói do Oeste» (12 anos).
BRICEIRA — CASINO — Às 21: «O preço de 5 jogadores» (12 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O Homem de golpe perfeito» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Dois irmãos sicilianos» e «Um novo tipo de Amar» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Ladrão de casaco» (17 anos).

[illegible]
(M. 12 anos) Tel. 655131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA DE ÊXITO
KRAKATOA
(A LESTE DE JAVA)
no écran gigante — 70 m/m
com Maximilian Shell e Diane Baker

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
5.ª SEMANA DE ÊXITO
Em continuação de estreia
Às 15.15 e 21.30
Sandy Dennis e Keir Dullea
em
A RAPOSA

EDEN
(M. 17 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
O fabuloso cómico da actualidade CANTINFLAS em
O BOLERO DE RAQUEL

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45 h.
Steve McQueen dinâmico e irresistível como nuncal
Um alegre e grande espectáculo
SOLDADO A CHUVA
com Jackie Gleason e Tuesday Weld

FILMES CASTELLO LOPES (30) apresenta

NÃO TENHA MEDO DE TER MEDO
VEJA O
TEATRO DA MORTE
(THEATRE OF DEATH)
com
Christopher Lee
O INESQUECÍVEL DRÁCULA
LELIA GOLDONI
Realização de MICHAEL SMEDLEY ASTON
Produção de SAMUEL GALLU — Adultos
HOJE • ESTREIA POLITEAMA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno L
ALAMEDA — Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (722868).
ALCANTARA — Nogueira, R. do Creche, 2 (63 635)
ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lopes, 120 (843381) • Teles, R. João de Barros 2 (638249)
ALVALADE — Bristólia, Av. Rio de Janeiro, 66 (722368) • Caetano, Av. da Igreja, 21-C (776358)
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 16-C (682772)
ANJOS — Matos, R. Álvaro Coutinho, 10 (404711)
AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (715370) • João XXI, Av. João XXI, 116-A (726462) • Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (727721).
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (763107) • Avenidas, Av. da Republica, 27-A (533688) • Império, Rua Filipe Folque, 40-A-B (48002) • Paiva, Av. Duque de Ávila, 25 (47088).
BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (5145)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascense, R. 27, n.º 4 (31126).
BAIXA — Americana, Calç. de Santana, 3 (863984) Costa, Praça da Figueira, 6-B/C (328381).
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699) • Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (631958).
BENFICA — Lisboa, R. Claudio Nunes, Lote, 2 (703393) • Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — Combra, Calç. do Combro, 78 (326059) • Azevedo Irmão & Veiga, R. da Misericórdia, 24 (323540).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) • Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — Leb., R. Rodrigo da Fonseca, 101-101 A (682333) • Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (78018).
CONDE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076).
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres 38-A (774920).
ESTEFÂNIA — Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, R. dos Navegantes, 10 (661734).
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) • Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351) • Bastos Andrade, Calç. de St.º André, 07-111 (860450) • Santo António, R. Costa de vasconcelos 12-C (862833)
LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) • S. Tomé, Est. do Desvio, Lote 12-C (790704).
MADRAGOA — Lealdade, R. do Olival, 226 (663441)
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Redol, 9 (811237)
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (764629)
PATRIARCAL — São Marçal, R. de S. Marçal, 00 (325318)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 0-A (842518).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (728395 • 720703)
SÉ — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632)
DE ST.º APOLÓNIA AO BEATO — Salter, Rua de Xabregas 63-65 (381185).
MOSCAVIDE — Império — Rua Olivença, 44 (Tel 251 820).

● Linha de Cascais
ALGÉS — Branca — Av. Comb. a Grande Guerra, 29 (Tel 212070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av.ª Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel 2430058).
PAREDE — Alsir — Av. Gago Coutinho — B. das Caixas de Previdência (Tel 2472948)
ESTORIL — S. João (Tel 261186).
MONTE ESTORIL — Costa, Av.ª Sabóia, 29-B (260085)
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 9, 41 (Telefone 280141). Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel. 282407)

● Linha de Sintra
AMADORA — Cavaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel 930019); Fiama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av.º D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (971023).
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 151 (950043) • Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (951841).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Telef 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).
COLARES — Colares — Abreia (Tel 29908)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes — L. Carlos Ramos da Costa, 0 (Tel. 234 31).
ALHOS VEDROS — Portugal — Av.ª da Beta Rosa, 8 (Tel 224250).
ALMADA — Algarve, R. Fernão Lopes, (270271)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrado Nacional, 221-B (Tel 224141).
BARREIRO — Avenida, Av.ª Alfredo da Silva, 88 (2273212)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro 62 270 21)
MOITA — União Moitense — Av.ª Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).
MONTIJO — Montepio, R. Almirante Reis, 93 (230035)
SESIMBRA — Leão — Av.ª Salazar (Tel. 229471).
SETUBAL — Bocageana, Rua do Romeu (23425). Bairros, B.º Santos Nicolau (23330)
SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas - 361353 • Companhias Reunidas, 537011 • Gazcidla 538821 • Gazcidla (dom. e feriados) 882069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 • Voluntários 538524.
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 • Segurança Publica, 866141 • Judiciária, 535380 • Marítima, 326456 • Internacional, 862721 • Viação e Trânsito, 42205 • G.N.R. (área rural), 86865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 • Enfermagem permanente, 766161 • Enfermagem de urgência, 43738 • Hospital de Santa Maria, 775171 • Hospital de S. José, 860131 • Sangue, exigência e sores, 771168 • 771169 • Transfusões, sores e exigência, 538524 • Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 • Caminhos - de - ferro (C. P.), 869029 • Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 • Estação fluvial (T. Paço), 325345 • Estação Marítima de Alcântara, 663195 • Estação Marítima de Rocha, 672445 • Estação fluvial (Belém), 638581.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M. 15 anos)

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.ªs-feiras)
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE
CANTINHO ALENTEJANO
Rua D. Luís de Noronha, 32-A (junto á Av. de Berna)
Telefone 77895
SERVE DIARIAMENTE OS DELICIOSOS PRATOS CARACTERÍSTICOS ALENTEJANOS

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 84-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1368
Lisboa 2 — Portugal

O SPORTING QUER RESGATAR O BOM NOME DE AGOSTINHO

A carta da Federação de Ciclismo, a informar oficialmente o resultado da análise á urina de Agostinho, acaba de ser recebida no Sporting.

Às 11 e 30, o vice-presidente, dr. Pereira da Silva atende o «Diário de Lisboa». E conta como vai proceder o Sporting:

— *Temos 48 horas á nossa frente, e a contra-prova vai ser já solicitada á Direcção-Geral dos Desportos. Depois, para resgate do bom nome do nosso atleta, iremos até á Polícia Judiciária. Porque — e isto é forçoso que se sublinhe — o Joaquim Agostinho protesta. Afirma que nada tomou em matéria de «drogas». E nós, a direcção do Sporting, oferecemos-lhe toda a nossa confiança. E acreditamos no corredor.*

Prossegue o vice-presidente dos «leões»:

— *O Agostinho voltou ontem para Brejenjas: está carecido, antes de tudo, de muita tranquilidade e de imenso repouso. Chora como uma criança e grita a sua inocência. E eu, do coração, posso afirmar que, acompanhando a sua carreira desde o primeiro momento, nunca o vi drogar-se. Em França, até o técnico Gribaldy me chamou a atenção para isso, garantindo que o Agostinho era, nesse aspecto, um caso quase único no mundo do ciclismo.*

— *Nesta «Volta» o Agostinho era sempre o primeiro a submeter-se ao «contrôle», e chegou a revoltar-se contra os exames aos outros ciclistas, que eram demorados e enervantes. Não me esqueço que, após uma das etapas, o Fernando Mendes demorou três horas a urinar.*

Sobre a urina recolhida em Alvalade diz o vice-presidente do Sporting:

— *Não sei como aquilo foi feito. Em princípio acredito que todas as urinas tenham sido recolhidas normalmente. Mas apenas em princípio.*

Acrescenta:

— *O Agostinho sabia que ia submeter-se ao «contrôle». Nesse dia não comeu, nem bebeu nada que lhe fizesse mal: almoçou mesmo na mesa em que eu e o dr. Brás Medeiros também estávamos. O nosso rapaz estava muito calmo, muito sereno. Disse-nos: «Se não tiver uma avaria, ganho a «Volta». Estou no contra-relógio como «peixe na água.» E foi verdade.*

BERNADETTE DEVLIN, com John Lindsay, «mayor» de Nova York, durante a visita que efectuou aos E. U. A. e interrompeu inesperadamente, a fim de regressar á Irlanda do Norte, onde a situação mostra tendência para novo agravamento. A jovem deputada (22 anos) deslocou-se á América do Norte com o objectivo de recolher fundos para a causa da minoria católica do Ulster

Morte trágica de um ciclomotorista

FERREIRA DO ZÊZERE, 4 — Quando o sr. Augusto Ramos seguia na sua motorizada pela estrada de Castanheira, nos limites de Valadares, embateu violentamente numa camioneta que seguia em sentido contrário, pertencente á firma onde trabalhava. O infeliz, sapateiro de profissão mas, presentemente, distribuidor de pão por conta da casa Abílio Martins & Filhos, desta vila, teve morte quase imediata. Residia no lugar de Salgueiral, contava 41 anos e deixa viúva, a sr.ª Deolinda de Jesus Ramos e cinco filhos menores.

A G. N. R. tomou conta da triste ocorrência.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado nas regiões do Norte e do Centro e pouco nublado nas restantes regiões. O vento era geralmente fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Figueira de Castelo Rodrigo, 26°; mínima: Penhas da Saúde, 5°.

TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Faro, 20°; Funchal, 21°; Lisboa, 18°; Penhas Douradas, 10°; Portalegre 4°; Porto, 15°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 18°,3; na água do mar: 16°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco a moderado de Noroeste; neblina matinal.

Amanhã
Nascer ás 7 e 9
Ocaso ás 20 e 1

Dia 11 Dia 19 Dia 25 Dia 3

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 4 — 10 (3,2 m); 22 e 48 (3 m). Dia 5 — 11 e 23 (3,1 m). Dia 6 — 0 e 15 (3 m); 12 e 51 (3,2 m). BAIXA-MAR: Dia 4 — 3 e 03 (1,9 m); 15 e 58 (1 m). Dia 5 — 4 e 30 (2,1 m); 17 e 49 (2 m). Dia 6 — 6 e 09 (2,1 m); 19 e 10 (1,9 m).

O Chefe do Estado visitou o Grupo n.º 2 de Escolas da Armada

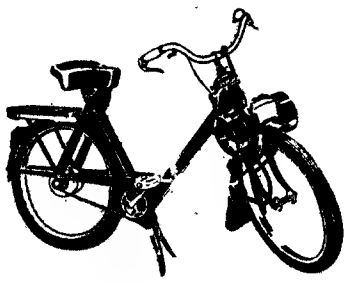
O Chefe do Estado, almirante Américo Thomaz, visitou, esta manhã, as vastas instalações do Grupo n.º 2 da Escola da Armada, no Alfeite, onde milhares de oficiais, sargentos e praças frequentam, todos os anos, cursos de diversa natureza.

Aguardado á entrada da unidade pelo ministro da Marinha e pelos 1.º e 2.º comandantes, o Presidente da República foi recebido com as honras do estilo, passando, em seguida, revista á guarda de honra, a cujo desfile assistiu depois.

Presentes, também, o chefe do Estado-Maior da Armada e oficiais-generais, além de todos os oficiais do Grupo da Escola, a quem o Chefe do Estado cumprimentou, após o desfile.

Depois da breve passagem pelo salão nobre da unidade, o Chefe do Estado visitou demoradamente as escolas de Comunicações, da Artilharia Naval e da Limitação de Avarias e, ainda, a enfermaria.

Por fim, depois de servidos aperitivos, no salão nobre, o Presidente da República assistiu ao desfile das companhias de alunos, presidindo, depois, a um almoço, na messe dos oficiais.

DÊ ALEGRIA À SUA VIDA!!
VELOSOLEX

3.980$00
AGORA EM CORES VIVAS E... VIDA NOVA!!
Agentes em todo o País
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
SORODA, LDA.
Trav. Henrique Cardoso, 67-A (à Av. Roma)
Telef. 772162 — LISBOA-5

SÁBADO ANDA A RODA
GRANDE LOTARIA DAS VINDIMAS
A TALUDA DOS 10000 CONTOS
TEM A MARCA DA CENTENÁRIA
CAMPIÃO
HABILITE-SE JÁ
BILHETES A 800$00 — VIGÉSIMOS A 40$00
(EMISSÃO SÓ DE 40 000 BILHETES)
VENHA... OU ESCREVA
RUA DO AMPARO, 2-C — LISBOA-2
(Pedidos pelo Correio, mais 2$50 para registo)

M/6 anos
CAMPO PEQUENO
HOJE
ÀS 22 HORAS
De novo:
OS SENSACIONAIS
IRMÃOS
PERALTA
Telefs.: 77 18 19, 76 15 39, 32 17 12 e 3 07 69

Angel
PERALTA
Rafael
PERALTA
Os magníficos rejoneadores que puseram Lisboa em delírio no tourelo a dúo mais fantástico do Mundo!
3 TOIROS DE D. MARIA MANUELA ANDRADE SALGUEIRO

Ricardo
CHIBANGA
Manuel
ANTÓNIO
Dois novos prontos a justificarem na capital os êxitos de Espanha e da Província
4 TOIROS DE CABRAL DE ASCENSÃO
FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR
comandados por Joaquim Capoulas

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

EXCLUSIVO/VALENTIM
AV. DEFENSORES CHAVES, 31 R/C
LISBOA

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 578/4 DE SETEMBRO DE 1969

DUARTE & CIRÍACO

(ENTREVISTADOS, NA PÁG. 8, POR JOSÉ DUARTE)

McLuhan (visto por David Lévine): a questão de ser contra Marx e a favor dos «media»...

McLuhan em questão

por Pierre Dommergues

O PONTO DE PARTIDA do pensamento de Marshall McLuhan é sedutor: antes da descoberta da impressão o homem era completo; a sua apreensão do mundo era global: nenhum sentido era privilegiado Gutenberg introduziu a prioridade do visual e o seu cortejo de maldições: pontos de vista fixos, pensamento linear, destribalização do indivíduo. A esquizofrenia aparece como inevitável consequência da alfabetização.

Em *A Galáxia Gutenberg* (1), McLuhan faz o processo do homem tipográfico. As obras que se seguem glorificam os meios de comunicação eléctricos — rádio, telefone, televisão — como os únicos capazes de reintroduzir a pluralidade de significações e o recurso ao «sensorium total». *Para compreender os «media»* (2) apresenta os diferentes «prolongamentos tecnológicos» do homem, tais como o vestuário, a roda, o automóvel, a máquina de escrever. *Mensagem e Massagem* (3) reforça um ponto essencial: na formação das sociedades, os meios de comunicação — os *media* — são mais importantes do que o conteúdo destas comunicações: o meio é, em si mesmo, uma mensagem.

Hoje, as ideias de McLuhan erigem-se em sistema. Tudo se explica em termos de *media*. A luta dos *media* substitui-se á luta de classes. A história ordena-se em torno da batalha dos sentidos. O capitalismo é um efeito da civilização do olho, a reforma é outro efeito da mesma causa. As guerras, diz-se em *Guerra e Paz na aldeia global* (4) são outra consequência do combate fundamental: resultam das tentativas feitas em vão por um povo que pretende restaurar antigas imagens.

Só a electrónica pode salvar o homem. Uma declaração, citada em *Por ou contra McLuhan* (5) afirma que «o computador promete-nos, graças á tecnologia, um pentecostes da condição humana, onde toda a gente se há-de compreender e há-de ficar unida». É difícil seguirmos McLuhan num universalis-

(Continua na 7.ª página)

A escola-planeta

A EDUCAÇÃO DE MASSA é o fruto da idade da mecanicidade. Desenvolveu-se com o acrescimo das potencialidades de produção e atingiu o seu pleno florescimento no momento em que a civilização ocidental chegava a um máximo de parcelização e especialização, revelando-se assim mestra na arte de impor os seus produtos à massa...

Esta idade passou... A educação de amanhã será capaz de se lançar na apaixonante tarefa de criar um novo meio-ambiente escolar. Os estudantes evoluirão livremente quer o espaço de que disponham seja delimitado por uma sala, por um edifício, quer seja um grupo de edifícios, ou mesmo (como mais adiante veremos) no espaço ainda mais vasto. A tradicional dicotomia trabalho-ócios desaparecerá em função do empenho cada vez mais afirmado do estudante. O professor será, enfim, responsável pel eficácia do seu ensino. Actualmente, ele dispõe da presença garantida de um auditório. Tem a garantia das salas cheias e da permanência do cartaz. Os alunos que não apreciam o espectáculo são considerados casos perdidos. Mas se, pelo contrário, os alunos tiverem a liberdade de ir aonde muito bem lhes parecer, a natureza e a qualidade desta experiência, denominada educação escolar, mudarão por completo. O educador terá então interesse em suscitar e mobilizar a atenção dos alunos.

A rede mundial de comunicação vai estender-se e melhorar.

Vai introduzir novos feedback *(tomada de consciência do efeito real produzido sobre o outro) e levar a comunicação a ser mais um diálogo que um monólogo. Vai pulverizar o muro que separa a escola da vida quotidiana. Chegará às pessoas aonde quer que elas estejam.*

Sim, quando tudo isso for a realidade, aperceber-nos-emos, finalmente, de que o nosso verdadeiro estabelecimento de ensino é o mundo, o planeta inteiro. A «escola-isolador» está a caminho de se transformar na «escola-abertura», melhor, na «escola-planeta».

MCLUHAN

In *Mutations 1990*

ESTIVAL E FESTIVAL DO LIVRO

por Alcides de Campos

PARIS-NICE, ida e volta. Nice em Junho, nas vésperas da grande enxurrada estival que desce de toda a Europa — que recanto de paz, de calma e de trabalho! Só foi pena que a Gallimard e os seus súbditos não tenham querido participar; mas para o ano, dados os resultados positivos do certame, *Sua Majestade* e a corte descerão certamente em grande pompa, com oferendas e fanfarra. Oxalá.

Nice em Junho, pois-'tá-bem, e as garotas? Calminha, já lá vamos... Garotas, frescas e mal regadas, também as havia, sim senhor. Entre as quais uma beleza loira (ressurreição duma «preciosa»?) despida de preconceitos e de roupas, que assinava e dedicava um livro de aparência, mais púdica do que a sua autora: *Le coeur à la renverse!* (*Si seulement c'était autre chose!*...).

Oiro e carne (oh agradável harmonia das cores!) brilhando do meio ou à cabeça duma bicha de olhos múltiplos, mais interessados na beleza agressiva da mulher do que na obra da romancista. O pior é que os miúdos não largavam os arredores do «stand» da maravilhosa «Branca de Neve», apesar dos esforços quase histéricos a que se dava a «attachés de presse» (*pas devêtue, cellelà*) da loira e resplandecente mulher... de letras! Até um garoto, para mostrar até que ponto desaprovava semelhantes métodos de intimidação, recebeu das mãos do presidente do júri o prémio *Testemunho*.

As jornadas dividiam-se em três grandes fatias culturais distribuídas pela manhã, pela tarde e pela noite. Orientados com inteligência, os colóquios (tarde), incidiram exclusivamente sobre temas como o lugar ocupado pelo livro na vida do homem moderno e a sua contribuição à informação do grande público, leitor exclusivo de jornais. Debateu-se ainda dos problemas e das relações entre o livro e o cinema, o livro e a televisão — mas esqueceu-se o teatro... e é lamentável Philippe Erlanger, Jean-Louis Bory e outros falaram das suas experiências pessoais no domínio da adaptação da literatura ao celulóide. Françoise Nourissier e Jules Roy, Hervé Bazin e Robert Sabatier, Jean-Louis Curtis e Roger Vrigny debateram entre eles, em mano-a-mano, vários problemas sobre o livro, e os pontos de vista assim apresentados mereceram uma grande atenção da parte do auditório, interessado sobretudo pelas formas de expansão e as possibilidades de mercado internacional da prosa e da poesia, brochada ou encadernada... Robert Kanters, crítico do *Figaro Littéraire*, fora o homem desta ideia que, sem apresentar nada de extraordinário, foi no entanto uma das que obtiveram melhores resultados. O que parece provar que R. Kanters não é tão parvo como se diz... Mas como os parvos às vezes têm destas, diz-me um tipo aqui ao lado (esquerdo), a dúvida persiste...

... E Guillevic, que cantava versos nessa noite ...

ET C'ÉTAIT FINI DE LA RIGOLADE...

A parte este episódio pitoresco e picaresco, a feira entrou nos eixos: soirées culturais, distribuição de prémios, colóquios, reuniões. O prémio de Poesia coube a Norge, autor do «Vin profond», e Roger Kowalski, autor de «Sommeils» (ed. Grasset), teve direito a uma menção do júri. Andrea Giovene, romancista italiano e autor, entre outros, duma «Autobiografia de S. Severino», foi distinguido com o prémio do melhor romance. Pelo seu excelente trabalho de documentação e de síntese intitulado «Le mois de mai du Général», Jean-Raymond Tournoux, responsável da crónica parlamentar e de política interior do «Paris-Match», recebeu das mãos do presidente do júri o prémio *Testemunho*.

As jornadas dividiam-se em três grandes fatias culturais distribuídas pela manhã, pela tarde e pela noite. Orientados com inteligência, os colóquios (tarde), incidiram exclusivamente sobre temas como o lugar ocupado pelo livro na vida do homem moderno e a sua contribuição à informação do grande público, leitor exclusivo de jornais. Debateu-se ainda dos problemas e das relações entre o livro e o cinema, o livro e a televisão — mas esqueceu-se o teatro... e é lamentável Philippe Erlanger, Jean-Louis Bory e outros falaram das suas experiências pessoais no domínio da adaptação da literatura ao celulóide. Françoise Nourissier e Jules Roy, Hervé Bazin e Robert Sabatier, Jean-Louis Curtis e Roger Vrigny debateram entre eles, em mano-a-mano, vários problemas sobre o livro, e os pontos de vista assim apresentados mereceram uma grande atenção da parte do auditório, interessado sobretudo pelas formas de expansão e as possibilidades de mercado internacional da prosa e da poesia, brochada ou encadernada... Robert Kanters, crítico do *Figaro Littéraire*, fora o homem desta ideia que, sem apresentar nada de extraordinário, foi no entanto uma das que obtiveram melhores resultados. O que parece provar que R. Kanters não é tão parvo como se diz... Mas como os parvos às vezes têm destas, diz-me um tipo aqui ao lado (esquerdo), a dúvida persiste...

ET TANT PIS POUR L'AMBIQUITÉ

A noite, dirigido por Joseph Lanzzini, o «Théâtre français de la danse» veio regalar os olhos da assistência com uma *Gisèle* nada convencional e um *Ecce Homo* duma violência formal pouco comum — justificando assim a posição de primeiro plano a que ascendeu desde há muito, no mundo difícil da coreografia, um homem da envergadura de Joseph Lanzzini, que não só ousa criando, mas cria ousando. Jacqueline Rayet e J.-P. Bonnefous são intérpretes que dispensam comentários. Espectáculo para os olhos do espírito e para o espírito dos olhos... (E já ia a escrever asneira, com esta minha deformação aprofissional. Felizmente, a máquina entrou em *panne*).

Chegados aqui, uma confissão se impõe: esquecemos propositadamente as

(Continua na 7.ª página)

A respeito de uma obra de Manuel Grangeio Crespo

DA INCOERÊNCIA

NO PRINCIPIO SERÁ A CARNE
Manuel Grangeio Crespo
Edição do Autor
Lisboa — 1969

1

Não é todos os dias que se encontra um livro sem titulo nem nome de Autor na capa. Assim, «No Princípio Será A Carne», é-nos apresentado, exteriormente, num mapa-m u n d o. Abrimos o livro e, depois de uma folha neutra, surge-nos uma fotografia do Autor, grande plano, tronco nu, expressão de mártir. A seguir, o Manifesto de um agrupamento teatral que Crespo diz ter fundado e dirigido em Nova York. Na página seguinte um chapéu-de-chuva aberto e, ao fundo, (finalmente) o titulo da obra. Depois, página virada, o nome do escritor juntamente, e em mesmo tipo de letra, com o dos restantes colaboradores: Carlos, Bento Romão, Luiz Pacheco (isso! o mesmissimo Pacheco, bem humorado, mal-assombrado, dos «Textos Locais», da «Critica de circunstância» e de outras também coisas circunstanciais), respectivamente responsáveis pelo a r r a n j o gráfico, arranjo tipográfico e consultório técnico *(entre duas cervejas)* (sic).

2

A publicação deste livro parecia ser uma lufada de ar fresco, revitalizante, já que Grangeio Crespo optou por processos novos, ou não novos mas pelo menos não muito divulgados por cá. A saber:

a) Edição do livro em causa por sua conta e risco, dando, aparentemente, uma fueirada nas editoras e, consequentemente, em todo um ronceiro e aleatório processamento editorial;

b) O facto de se ter rodeado de malta, jovem na sua maioria, que com ele trabalhou e c o l a b o r o u d e s i n t e r e s s a d a m e n t e, na perspectiva dum trabalho decente.

3

Entanto, toda a modéstia que está implicita em 2, é defraudada. Basta atentarmos na divergência de processos que é notória na larga campanha publicitária que, meses antes do livro surgir, foi efectuada. Diga-se que tal campanha foi dirigida com muito acerto e inteligência, e em moldes não muito correntes cá no sítio: circulares, comunicados, tarjetas, vinhetas, R. S. F., e onde, ao contrário de mais tarde, no livrinho, o nome do Autor foi citado, recitado até à exaustão.

Vejamos até que ponto h o u v e ineditismo nessa campanha, e até que ponto Crespo se citou e recitou:

MANUEL GRANGEIO CRESPO

NO PRINCÍPIO SERÁ A CARNE

Um livro o f e n s i v o. Mais: uma peça de Teatro que ninguém em Portugal quererá representar. Por acaso, o Autor foi editado e representado em Paris e Nova York (1). *Cá é que não. Essa agora!... Homessa!... Pourquoi pas? Why not? Qu'est-ce qui se passe? What's matter?! Quem tem medo da Dona Amélia Rey-Colaço (among others)?*

A humildade do underground *não reconhece fronteiras. E avisa quem quer que seja. Tal a cifra que a peça de M A N U E L GRANGEIO CRESPO propõe agora ao leitor interessado, como no futuro, gravemente comprometerá o espectador.*

Tiragem especial de 200 exemplares, numerada e assinada pelo Autor, baratissima, para gente de Bom Gosto: 120 bicos. Gravuras em barda. Estudantes, g e n t e com pouco dinheiro e Bom Gosto: 35 paus. As ditas gravuras.

PAZ E ALEGRIA (2)

... .

NO PRINCIPIO SERA A CARNE (3)

Um novo livro de MANUEL CRESPO

Manuel Grangeio Crespo é um jovem escritor portugués, mais *revelado no estrangeiro do que no seu próprio país. A esse facto não são estranhas as suas frequentes e prolongadas estadias fora de Portugal, nomeadamente em França e nos Estados Unidos da América. (...) Em França foi distinguido com uma bolsa de escritor pelo* Ministère des Affaires Culturelles; *foi leitor e tradutor para as* Editions du Seuil; *foi-lhe encomendada uma ANTOLOGIA DA POESIA PORTUGUESA, agora já quase terminada, pela* Association Internationale pour la liberté de la C u l t u r e. *(...) NO PRINCÍPIO SERÁ A CARNE é um «ritual para apressar o futuro, um futuro que não é uma utopia, mas uma visão directamente r a d i c a d a numa análise profunda da realidade presente. (...) Como disse o autor numa entrevista concedida a Urbano Tavares Rodrigues: «...Eu escrevo para fazer amor, e só porque não tenho outra maneira de fazer tanto amor, a tanta gente... Mas nenhuma máquina de escrever poderá jamais substituir o amor de carne e osso, o único que fará de nós homens autênticos e livres, em vez de intelectuais descarnados e impotentes».*

Não foi, pois, um padrão de modéstia (a modéstia pressagiada na apresentação gráfica do livro) esta campanha de publicidade. Mas, certamente que também a modéstia não seria a meta de Crespo, mas sim vender o livro.

4

Na circular citada em 3, o escritor afirma em certa altura que «*...A publicação desta obra foi recusada por todas as editoras a que o Autor se dirigiu.*» E, simultâneamente, promulga uma cultura desintegrada, uma cultura que se processe, que se efective fora dos circuitos comerciais. Assim, corroborando esta tese, cuja pureza não está em causa, edita ele próprio o seu livro. Todavia, não faz sentido que só promulgue essa tal cultura marginal depois de ver a sua obra recusada pelas editoras, as tais da outra cultura, a que está dentro dos circuitos comerciais, a rotina: o sistema.

5

O texto. Teatro.

É um Manifesto contra o livro. Um Manifesto contra o livro feito através dum livro. Doutro livro.

«*É preciso destruir os livros. Desde já. Todos. Esperar é desistir; quanto mais tempo se espera, mais atrás se tem de começar. É preciso não fazer amanhã a revolução de hoje. (...) Sim, ler nunca é demais. Esgotar os livros. Dar-lhes constantemente essa oportunidade: cada vez que redescobrirmos a fraude que ele perpetua a nossa fé aumentará. (...)*

A peça termina depois dum ritual, «ritual para apressar o futuro», em que são queimados todos os livros (Bradbury?).

«*Queimados todos os livros ficam as palavras. (...) Todas as noites, no segredo das vossas casas, pegai num livro e queimai-o. Fazei disso um hábito. Todas as noites, livro a livro, reduzi a cinzas a vossa biblioteca (...) Convidai os vossos amigos. Nada une mais os homens que a sabedoria incendiada em comum (...) Quem quer juntar-se a nós? Alguém trouxe consigo algum livro? Tudo serve: poesia, biografias, revistas de modas, novelas... (...) Então, quem vem? Cada um pode queimar um livro em seu nome e um em nome de cada amigo ausente..*» (4)

Com esta t e a t r a d a, Grangeio Crespo propõe que eliminemos o livro do nosso «modus vivendi». «No Princípio Será A Carne» é um libelo contra a palavra escrita. Nem sequer se põe em causa estar ou não o dramaturgo a usar a alegoria, a usar uma linguagem de metáfora, pois se há coisa que C r e s p o ataque, esgrime, essa coisa é justamente a metáfora. Assim, não há outro remédio senão interpretar o texto à letra. «Queimem-se os livros.» Não tão sòmente alguns livros, aqueles que pelo seu conteúdo não sirvam o homem, porém todos os livros. Sem excepções. Mas que fazer? Um filme em vez dum romance? uma fita magnética devidamente gravada a substituir uma carta? um orgasmo no lugar dum poema? Mas isto é possível?

6

A acção da peça, por enquanto apenas livro, decorre numa sociedade onde o livro é instituição generalizada e obrigatória, onde o livro é sinónimo de opressão. Nessa sociedade, como afinal em todas, há algo de maldito, de tabu, de «nem-penses-nisso»: outro livro. É verdade. É o Dicionário. É, na verdade, a única coisa realmente subversiva: negro. Fome. Index. Prisão. Interrogatórios. Espancamento. Maldição. Lá serão mandados executar todos os habitantes de qualquer rua onde seja encontrada uma folha do Dicionário, uma só folhinha que seja encontrada e, está visto, zut! Lá, até as prisões são em forma de livro, e aos prisioneiros dão-se livros como alimento... Uma das personagens, a «Decepada», apela para «*que nunca seja pronunciado em vão o sagrado corpo de Deus*» (?) porque «*em cada palavra dorme o corpo de Deus*», e evocando J. Cristo de maneira assaz desesperada: *Sagrado Coração de Jesus tende piedade de nós!*

Estas e outras confusões perdem relevância em confronto, afinal, com o «horror ao livro» apesar de na circular referida em 3 e 4 Manuel Grangeio Crespo, sempre pródigo na incoerência, a f i r m a r que «*...comprar um livro pode ser um voto, uma maneira de participar na construção duma cultura livre e representativa.*»

7

Recentemente h o u v e uma série de leituras encenadas da peça de Manuel G. Crespo na sala do «1.º Acto Clube de Teatro», em Algés. Iniciativa tanto mais de aplaudir quanto possibilitou a um número mais largo de pessoas o contacto, o conhecimento, dum texto discutível, mas de qualquer modo sempre de ver ou ler, justamente porque é discutível, e justamente também para que haja a discussão necessária, a contestação que o texto sem dúvida merece. E no caso específico do Autor, a satisfação que com certeza teve ao ver a sua obra dita, e não sòmente escrita.

Grangeio Crespo: queima de livros... «a brincar»

Numa dessas várias sessões, no momento culminante do espectáculo (já então espectáculo, não livro), no preciso momento em que o espectador é convidado a aderir aos actores (entenda-se, apenas, leitores), um houve que se levantou e afirmou que sim senhor, que queria q u e i m a r um livro, exactamente o livro «NO PRINCÍPIO SERÁ A CARNE». Gerou-se um certo *frisson*, e o espectador foi convidado pelo Autor (então actor - leitor - encenador) a aguardar que terminasse a peça, mas para discutir, não para queimar o «book», até porque era uma queima de livros faz-de-conta, s i m u l a d a, a brincar.

Nessa mesma noite, outro espectador perguntou a Grangeio Crespo se ,ele Crespo, costumava queimar os seus livros, ao que este respondeu que não precisava de queimá-los.

8

O aspecto literário, filosófico e doutrinário deste livro diz respeito aos entendidos, aos críticos, que certamente não deixarão de o criticar. Mas para além de tudo isso, que não será menos importante, adiantarei que o livro de Manuel Grangeio Crespo nada significa neste actual contexto. Resta também saber se em quaisquer outros contextos ele significará algo.

«NO PRINCÍPIO SERÁ A CARNE» não é um livro reaccionário, pois se o fosse nem sequer seria perigoso. É sobretudo um livro dúbio, onde a incoerência se corta à faca.

JOSÉ MARTINS SEVERINO

(1) — Julgo haver aqui um pequeno erro, digamos, de multiplicação. Parece-me que M. G. C. foi editado em Paris (Le Géant Vert, Seuil 1963) e representado em Nova York, e não editado e representado em ambas as capitais.

(2) — Texto do R. S. F. distribuido directamente aos leitores e também através da «Seara Nova».

(3) — Excertos do texto de uma circular que foi enviada pelo Correio.

(4) — Estas falas dizem respeito à «Decepada», personagem que protagoniza a peça.

SALDOS
Livros Ingleses e Brasileiros
Livraria Quadrante
Avenida Luís Bivar, 85-C

Tomaz da Fonseca redivivo

AGORA, que num grande espontâneo movimento colectivo se procura prestar preito de homenagem à memória do autor dos *Sermões da Montanha* através de uma subscrição à escala nacional que já atinge dezenas de contos, com viso à fundação da Casa-Biblioteca Tomaz da Fonseca — dado o justificado alarme que provocou entre os seus inúmeros fiéis admiradores o anuncio por parte dos herdeiros (talvez por imperativos de necessidade económica u r g e n t e, quem sabe?) da venda em almoeda pública, e consequente dispersão, desse valiosíssimo espólio (e, apesar dos protestos de que a Imprensa se fez eco, 863 obras, muitas das quais de e x t r a o r d i n á r i o valor

para a análise e compreensão do pensamento de Tomaz da Fonseca, salientando-se algumas com dedicatórias de eminentes escritores, foram leiloadas em Abril p. p.), agora, dizíamos, este folheto de Augusto César Anjo «*Tomaz da Fonseca uma lição que perdura*», na simplicidade do estilo e no rigor das informações (encerra com uma pormenorizada n o t a biobibliográfica), é da máxima oportunidade. Até porque poderá levar ao conhecimento da juventude a vida exemplar de um lutador nato e de um escritor de lucidez, determinação e civismo ímpares.

L. P.

SALÃO DE VERÃO

por Rocha de Sousa

EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL
DA TEMPORADA
S. N. B. A.

«ESTA É A TERCEIRA exposição retrospectiva que se organiza com a participação das Galerias de Arte de Lisboa, promotoras da modernidade e atentas aos valores vivos do nosso meio artístico.

As experiências dos anos anteriores alcançaram, com efeito, reconhecido êxito, quer como balanço de uma animosa actividade em apoio às pesquisas mais ousadas, próprias de uma cultura viva e actual, quer como informação objectiva e qualificada da nossa realidade artística. E já aconteceu funcionar este Salão como bem orientado e fornecido mercado onde se emendaram descuidos e distracções perante a arte criada pelos nossos artistas mais representativos e mostrada sem o devido e imediato eco das instâncias responsáveis pela actualização das nossas colecções públicas. Fenómeno que, infelizmente, continua a repetir-se, em prejuízo da urgente elevação de nível cultural do nosso meio e da condigna informação do visitante e estudioso das nossas colecções oficiais.

Tudo pois, aconselha, finda a temporada artística de 1968/1969, a repetir-se este tipo de exposição, na continuidade do esforço despendido, tantas vezes com sacrifício, pelas Galerias, as quais, como já se assinalava quando da anterior exposição em 1967, «têm revelado uma capacidade de acção e iniciativa que contrasta com a tradicional indiferença do meio».

Por outro lado, fica assim ao alcance do público, amadores e coleccionadores, tanto nacionais como estrangeiros, que nos visitem neste período de férias, uma panorâmica da actividade recente das Galerias para tal efeito convidadas pela Sociedade Nacional de Belas-Artes. Achegas para o futuro museu ideal da arte moderna portuguesa.»

OS PROPÓSITOS

Ficam assim transcritos, da própria folha destinada a conduzir o visitante, os propósitos desta exposição de Verão organizada pela S. N. B. A. Em 1967 ela foi proposta pelas Galerias à direcção da Sociedade, em face da necessidade cada vez mais aguda de se fazer o balanço de uma actividade crescente e de se estabelecerem os pontos significativos dos resultados entretanto alcançados. Esses resultados, decididos pelo papel desempenhado pelas Galerias e pela própria S. N. B. A., têm fundamental importância para o estudo e definição da arte portuguesa contemporânea. É justo portanto que se apontem mais uma vez, como acontece no texto atrás transcrito, as lacunas de atenção cometidas pelos organismos responsáveis no quadro das atribuições culturais de natureza artística. Os artistas modernos, cuja obra tem últimamente enriquecido sobremaneira o património da nossa cultura, são sobretudo apoiados e utilizados por empresas particulares, com as vantagens e os inconvenientes das oportunidades em que estas se fundamentam. Fora disso, e para além da intensa promoção das Galerias, aqui já referida conforme as diferentes iniciativas, os artistas portugueses mais avançados continuam a ver a sua obra ignorada, mal estudada e mal distribuída por um mercado descontínuo e pouco favorecido oficialmente. Não se compreende, com efeito, que um Museu de Arte Contemporânea permaneça na indiferença ou na impossibilidade material de adquirir as obras que exposições como o Salão de Verão já conseguem situar numa perspectiva histórica actual. Neste sentido, o texto introdutório aqui apresentado é todo em todo pertinente e confirma o que neste jornal já foi referido pelo dr. José Augusto França, quando abordou o problema do nosso Museu de Arte Contemporânea e criticou a falta de uma acção decisiva e bem programada neste capítulo. O problema continua efectivamente por resolver, apesar das aquisições e actualizações por vezes efectuadas por organismos como a Fundação Gulbenkian, cujo papel não é especificamente o de preencher para sempre as faltas apontadas.

Ao fazer o balanço da actividade das Galerias na temporada de 1968/1969, o presente Salão de Verão inscreve de facto uma decisão pedagógica louvável e propõe ao público uma perspectiva variada em que os confrontos inevitàvelmente esclarecem e as direcções estéticas razoàvelmente se identificam. Este aspecto dos propósitos inerentes ao Salão adquire relevante interesse, sobretudo na medida em que é conseguido na dimensão crítica das próprias Galerias e portanto recorta os produtos susceptíveis de permanecer na história da nossa actividade artística. Na falta de um catálogo que paralelamente permaneça, funcionando como elemento de consulta indispensável, as Galerias convidadas empenharam-se em apresentar a sua própria documentação gráfica sobejante, em certos casos organizada com algum critério e suficientemente demonstrativa do volume de exposições e da sua importância. Este aspecto, o mais descurado nesta nova edição do Salão de Verão, deveria ser futuramente encarado com maior zelo e profundidade, sobretudo por poder substituir durante algum tempo as aquisições programadas que conservassem na mesma instituição os espécimes de indiscutível representatividade. Poderemos fàcilmente imaginar em que medida se anularia, para o futuro, o esforço da retrospectiva de Bernardo Marques, se dela não subsistisse a preciosa contribuição do catálogo que a enquadrou.

O DOCUMENTO DAS GALERIAS

Das Galerias convidadas, não estiveram na abertura nem a Interforma nem a Divulgação. A contingência dos contactos, difíceis de estabelecer nesta altura do ano, comprometeu um pouco uma coordenação mais vasta da actividade artística na temporada documentada. Se bem que alguns artistas do Porto estejam representados no Salão, através das Galerias que os convidaram a expor em Lisboa, a verdade é que nos parece absolutamente necessário alargar as convocações às Galerias da capital do Norte, uma vez que se reconhece a existência nessa cidade de um núcleo de artistas de facto significativos e importantes para o mais justo perfil da arte praticada no País.

A documentação reunida é, mesmo assim, quantitativamente demonstrativa de uma larga acção neste domínio. Para o conjunto das Galerias Quadrante, Gravura, Interior, Buchholz, 111 e Arte Moderna, as exposições documentadas atingem um total de 48. Se pensarmos que deste número estão excluídos os salões de concurso, as colectivas ou documentais da S. N. B. A. e as exposições de outras Galerias (Interforma, Divulgação, Diário de Notícias, S. Mamede), teremos uma mais precisa ideia do panorama já de certo modo vasto que se esboçou numa só temporada e apenas em Lisboa. Por outro lado, muitas das exposições documentais no salão principal da S. N. B. A. atingiram propostas de elevado nível, na escala e no sentido da nossa produção, somando-se à apresentação de alguns autores estrangeiros, feita pela Buchholz, pela 111 e pela Gravura.

A Galeria Quadrante apresentou 12 exposições, com uma primeira organizada pelo crítico de arte Francisco Bronze, subordinada ao tema «O Objecto» e que obteve significativo êxito no prolongamento de propostas semelhantes já desenvolvidas em anteriores temporadas pelos críticos José Augusto França e Rui Mário Gonçalves. Entre as outras, destacaram-se sobretudo as de António Areal, Manuel Baptista e Noronha da Costa.

A Gravura registou um total de 9 exposições, das quais se podem destacar a colectiva do Atelier Nord de Oslo, a de Ian Colverson, a de Victor Fortes e a de Maria Beatriz.

A Galeria Interior, dadas as suas especiais características, apresentou 2 exposições, sendo uma delas iniciadora de um grupo de artistas congregado por seu intermédio: João Abel Manta, Sá Nogueira, António Charrua, Maria Velez, António Sena e Fernando Conduto. Este grupo apresentou-se simultâneamente na Galeria Interior e nas Instalações da Metalúrgica da Longra, numa exposição que efectivamente, para além do seu valor e da sua importância, marcou uma atitude nova nas relações de produção e mercado.

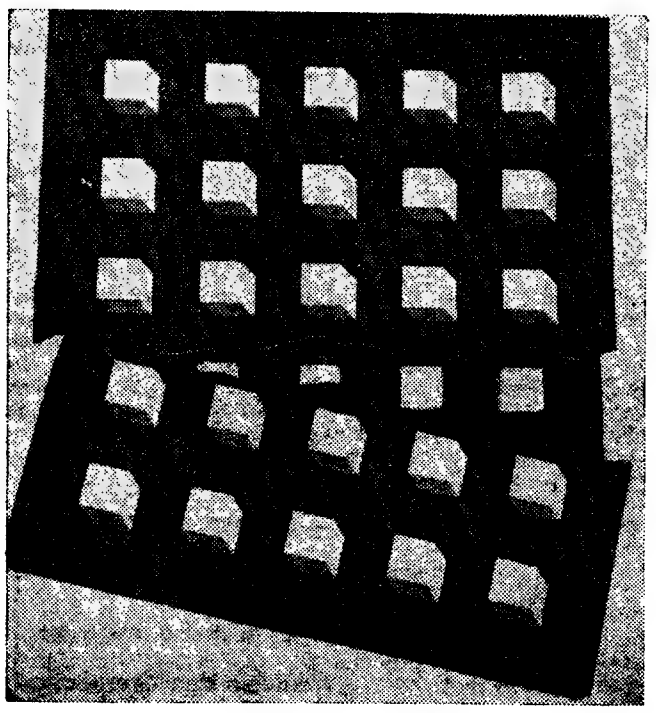
A Galeria Buchholz, com 12 exposições, marcou sobretudo uma acção didáctica que se deve acentuar. Nessa acção podem inscrever-se as exposições dos artistas distinguidos com o Prémio Soquil 1968, a retrospectiva de Carlos Botelho, a de António Dacosta, a de gravuras de Chillida, Goetz, Hartung, Miró, Pizza, Poliakoff, Santomaso, Schneider, Springer, Tal Coat, Tápies, Ubac e Vieira da Silva, e a de Amadeu de Sousa Cardoso.

A Galeria 111, com um programa variado e uma acção comercial absolutamente singular entre nós, apresentou 10 exposições, das quais destacamos sobretudo as de Costa Pinheiro e de Karel Appel.

Da acção da Galeria de Arte Moderna, que apresentou apenas 3 exposições enquadradas no programa geral da S. N. B. A., é possível sublinhar a de António Sena.

Palolo: Pintura

Nikias Skapinakis: «As Três Graças»



Objecto de Eduardo Nery

Gravura de Costa Pinheiro, um notável temperamento de criador.

O REGRESSO DO ANJO AZUL

por Lauro António

MARLENE DIETRICH regressou ao convívio do público português num filme-chave da sua carreira fulgurante: *O Anjo Azul*. Esta obra, datada de 1930, marca o ponto de encontro de dois «monstros sagrados» em plena ascensão: Marlene e Josef von Sternberg. Para além de assinalar, igualmente, o encontro de um outro nome: Emil Jannings, actor admirável, a que o cinema alemão das décadas de 20 e 30 ficou a dever algumas das suas mais célebres criações. Mas Emil Jannings, em 1930, já fora *O Ultimo dos Homens* (Pabst) e *Fausto* (Murmau). Enquanto Marlene arrastara até aí uma carreira ignorada e menosprezada em operetas medíocres, espectáculos de «music-hall» de terceira categoria ou filmes onde lhe distribuiam pequenos papéis insignificantes, que nunca deram a medida aproximada do seu talento.

No entanto, Marlene (de nome verdadeiro Maria Magdalena von Losch Dietrich, nascida em Berlim a 27 de Dezembro de 1904) fizera os estudos secundários em Weimar e cursara a escola de arte dramática de Max Reinhardt. Essa mulher irónica e aparentemente desinteressada do sucesso, lia Goethe, Hoffmannsthal, Heine, Rilke e citava William Yeats. Possuía já então um rosto de volumes admiràvelmente conjugados que lhe avivam o mistério inefável de uma sensualidade simultâneamente serena e obsessiva. Em 1929, quando Josef von Sternberg a vai descobrir numa revista musical mediocre *(Zwei Kravatten)*, Dietrich (então casada com o argumentista e produtor Rudolph Sieber, de quem teve uma filha), ostentava já o corpo miraculosamente desenhado que Sternberg saberia realçar, encobrindo-o com o «manto diáfano da fantasia». A sua descoberta, porém, é por inteiro obra do sexto sentido de um homem que soube olhar para além das aparências, descortinar o essencial de uma personalidade estranhamente rica e fascinante. Uma das poucas mulheres que poderiam ser Lola-Lola e cantar o tema de *O Anjo Azul*: «*Ich bin von Kopf bis Fuss auf liebe eingestellf*» (Estou apaixonada da cabeça aos pés). Uma Marlene de movimentos nervosos e de poderosa vitalidade que a América (para onde partiu no mesmo ano de *O Anjo Azul*, contratada por Zukor para a Paramount) haveria de decantar, sofisticando e aristocratizando um temperamento naturalmente impulsivo e generoso. Sobre isso, Marlene afirmou um dia: «*O Anjo Azul* fez-me e desfez-me. Quando Josef von Sternberg me chamou, a minha ambição era interpretar a Margarida de *Fausto*. O papel de uma vulgar cantora de «cabaret» vexou-me e criou uma imagem errónea de mim. A partir daí fui sempre tratada como uma cortesã de alto preço, uma mulher fatal. Bem suplicava para me darem outros papéis, qualquer coisa de mais humano e mais humorístico mas os produtores diziam-me que o que o público queria era ver-me sòmente como a mulher que põe os homens loucos. Mais tarde, a partir de *Destry Rides Again*, tive enfim a oportunidade de parodiar a imagem que de mim própria fizeram, contra a minha vontade». A lucidez das suas afirmações não lhe permitiu, porém, distinguir algo de essencial que fazia de *O Anjo Azul* uma excepção na sua carreira. Será Louise Brooks quem o fará, ao evocar a figura de Lola-Lola: «Os fiéis admiradores de Marlene continuam a afirmar que a sua metamorfose, de Dietrich em deusa hollywoodesca sofisticada, foi a grande chance da sua vida. Mas, cada vez que vejo «*O Anjo Azul* choro um pouco (...). Na nova Dietrich, tão refinada já não há qualquer vestígio de feliz vulgaridade ou de generosa impulsividade. Os seus movimentos brutais e dinâmicos atenuaram-se até esse deambular majestoso que ela ostenta entre duas sessões de pose fotográfica».

Em 1935, depois do insucesso de *The Devil is a Woman*, Marlene e Sternberg rompem a sua ligação, indo, cada um por seu lado á procura de um ideal perdido: Sternberg tentará fazer de cada nova vedeta uma nova Marlene; Dietrich, por seu turno, só muito mais tarde conseguiria libertar-se do retrato que dela impunham os produtores e que o público não deixava de reclamar.

Essa Marlene de olhar voluptuoso, a meio caminho entre a mítica pureza de uma deusa inacessível e a diabólica presença inquietante de uma mulher destruidora; essa Marlene regressada do reino das sombras e das trevas, esse rosto iluminado que permanece misterioso para além de toda a descoberta; essa Marlene de tempos idos, *Anjo Azul* da revelação, está de novo entre nós: Ela ultrapassa a obra-de-arte, por muito genial que esta seja, e que se queira a escolha e interpretação da verdade. Ela ultrapassa até o próprio mito, sem se distanciar, sem o pôr em questão. Porque essa mulher verdadeira, apesar do mito, vale sempre mais que o próprio mito». (Roger Benayoun).

Marlene em 1932: «Shangai Express»

MARLENE: AUTO-RETRATO

Não sou uma actriz, sou uma personalidade.

★

Tudo o que havia a dizer a meu respeito já foi dito. Não sou grande coisa: nada de espectacular. Um realizador com quem rodava um filme disse-me um dia: «Vamos embora. Arranca-me aí a Marlene!». Respondi-lhe: «O que é que é a Marlene? Eu não sei.»

★

Foi Sternberg quem me descobriu, quando eu não era ninguém. Acreditou em mim, fez-me trabalhar, deu-me todo o seu saber, a sua experiência, a sua energia e construiu desta maneira o meu triunfo.

★

Sternberg foi o homem a quem mais desejei agradar.

★

Pergunta de um jornalista: — Quais são os dez *gentlemen* americanos que julga mais sedutores?

Resposta de Marlene: — Nunca encontrei um *gentleman* nos E. U. A.

★

Von por todos, todos por Von.

★

Poderia muito bem viver sem representar. Não tenho ambições. Nunca tive uma mensagem. Durante toda a minha vida sempre necessitei que me empurrassem e nunca fiz nada por mim própria. Nunca mostrei ao público o meu lado «clownesco».

O que é o amor? Se não o aprendeu ainda, não o compreenderá se lho explicarem. Se já o conhece, não tem necessidade nenhuma que lho definam. De toda a forma é qualquer coisa sobre que é inútil meditar. É nobre, imenso, e está para além de toda a tentativa de análise.

★

Dêem-me um papel em que seja obrigada a rolar pela porcaria e ficarei feliz. É preciso trabalhar muito mais para convencer o público que se sofre um martírio, quando se trazem luvas e um saco bem abastecido.

★

A teoria da relatividade de Einstein, para os profanos, é a seguinte: «Quando é que Zurique pára neste comboio?»

★

Um fotógrafo: — «Miss» Dietrich, estamos encantados com as fotografias que conseguimos, mas pensamos que talvez nos possa sugerir qualquer coisa de novo. Não sei. Nós poderíamos fotografá-la nas corridas, num baile de alta sociedade, ou em qualquer passagem de modelos. Vejamos, «Miss» Dietrich, haverá ainda qualquer coisa que não a tenham fotografado a fazer?

Marlene (com um meio-sorriso) — Há.

Na pág. 6:
O primeiro encontro Marlene-Von Sternberg

LOWRY, de novo

UM HOMEM inundado em alcool, viajante infatigável com a atracção-misto-de-repulsa dos locais pitorescos; 14 anos numa cabana da Colúmbia Britânica, vomitando milhões de palavras por acres de papel, vislumbres, no caos das páginas maculadas, de um vasto trabalho a chamar-se *The Voyage that never ends*; morte, aos 48 anos, por sufocação acidental; uma novela densa (*Debaixo do Vulcão*, na tradução portuguesa publicada por «Livros do Brasil», Colecção «Dois Mundos», n.º 61) que permite um sem-número de interpretações. E aí estão, em perfeito ajustamento, os materiais para o mito Malcolm Lowry.

Em Nova York acabam de ser editadas novas edições, comentadas, das obras desse escritor a que já se atribui a estatura de um Melville: «Under the Volcano» e «Caballa» (Holt, Rinehart & Winston, notas interpretativas de Perle S. Epstein) e «Lunar Caustic» (editado por Earle Birney e Margerie Lowry, para Grossman Publishers, com prefácio de Conrad Knickerbocker) — e é curioso verificar que, no prefácio deste último, como no capítulo introdutório de Perle S. Epstein, quase nenhum facto surge inteiramente comprovado. A «Voyage» seria, se finalizada, uma trilogia dantesca com «Under the Volcano» como abertura (Epstein); não senhor — viria a ser um conjunto de sete livros, com «Under the Volcano» no centro (C.K.); quando Malcolm Lowry chegou à América, trazia na bagagem uma grande mala (C. K.) contendo uma bola de futebol (Epstein) e um exemplar de «Moby Dick» (C. K.) ou, então, uma garrafa e uma edição condensada das obras de Shakespeare (Epstein). Nesse ano, 1934, Malcolm Lowry tinha 27 anos (C. K.); mas o ano do seu nascimento era 1909 (Epstein, confirmado por outras fontes). E assim por diante: uma biografia transformada em pastilha-elástica, pau-para-toda-a-obra.

Assim, não admira que Perle Epstein possa entender as 12 horas de Geoffrey Firmin (protagonista de «Under the Volcano») num México de pesadelo e derramadas em 150 000 palavras convulsas como uma transplantação cabalística: ela afirma ser descendente de Baal Shem-Tov, o cabalista do século XVIII, e acreditar firmemente na Cabala. Aparentemente, Lowry também — deixando até um ensaio («Caballa») em que descreve minuciosamente os seus propósitos cabalísticos. Mas Perle Epstein, começando embora por um útil esboço histórico do cabalismo, acaba por se perder num labirinto de meras intuições e correspondentes interpretações peregrinas — esquecendo que a desordenada convulsão narrativa de Lowry (onde se fundem memórias, sonhos, alucinações, correspondências, metáforas) era equilibrada pela constante alusão a pormenores de uma densa realidade: desde as severas observações paisagísticas até à descrição dos rótulos das garrafas de *whisky*.

A novela «Lunar Caustic» destinava-se a ser integrada na «Grande Obra». O local da acção decorre no Bellevue Hospital, onde a figura central está a curar-se de *delirium tremens*. Impregnado o texto de um simbolismo melvilliano, o ambiente hospitalar transforma-se num barco, e o médico, segundo o «nemesis» de *Billy Bua*, chama-se Claggart. Todos os pormenores surgem agudamente observados e agudamente descritos. Mas, uma vez mais, Lowry vem-nos dizer que a loucura não é muito interessante. Observados do exterior, os loucos têm simplesmente alguns tiques curiosos — como o gentil Kalowsky, que está sempre a pedir distracções «humoristicas».

Havendo em «Lunar Caustic» uma certa indignação extrinseca sobre o que o mundo não compreende (o fadário dos médicos e enfermeiras por exemplo), não é essa, contudo, a preocupação dominante de Lowry — muito mais «individualista», muito mais votada à «importância» da vida de um bêbado, muito mais «literária».

«Lunar Caustic» é uma obra póstuma. Lowry escreveu e reescreveu o livrinho (78 páginas, na edição americana) durante vinte anos, não tendo deixado a versão final.

Vinte anos de pesquisas, de inquietações, de dúvidas. Vinte anos de martírio. Mas aqui está a obra, que permite uma noção mais aprofundada do universo criativo desse (talvez) último grande escritor maldito do nosso tempo: Malcolm Lowry: «Alguém atirou um cão morto às profundidades».

S. L.

Lowry e o símbolo cabalístico de «Sheta Tal», 1712

...OU MULHER-MAÇÃ

por Eduardo Prado Coelho

bye bye barbara

1. Foi apenas uma semana: no Império, sala de cinema, no mês de Agosto, época de férias, em Lisboa. Foi uma semana de exibição. De *Bye Bye Bárbara*, filme de Michel Deville. «Uma (quase) obra-prima», escreveu (inùtilmente) Lauro António, na sua crítica. Mas, *se tivermos em conta o nível médio do cinema exibido entre nós*, uma obra-prima. E justifiquemos o que em tal juizo possa haver de excessivo com uma simples razão: em determinadas circunstâncias, os juizos devem ser *polémicos*.

2. «Eis o tipo de encontros que explica mal o simples recurso à coincidência, e que, como os encontros de arte, produtores de beleza, engendram uma emoção que parece bem ser o signo duma finalidade objectiva, ou, pelo menos, a marca dum sentido de que não somos criadores. Esta finalidade, este sentido, supõem, no real, uma ordem que seja a sua origem. Qual é a ordem, distinta da causalidade quotidiana, que nos é aqui significada?» (André Breton, *Nadja*).

3. E ainda: «A infelicidade do homem deriva desse olhar que o leva a medir o absurdo do seu destino, desse desejo também absurdo de sempre querer saber mais sobre si próprio e os seus próprios desejos, uma vez que ele sempre, e cada vez mais, confronta o sujeito com a angústica que ele experimenta perante um vazio impossível de preencher. Sabe-se que este desejo nasce, no entanto, e imperioso, do encontro com uma situação que apenas se caracteriza pelo facto de poder ser reconhecida por aquele que nela participa» (Jean Clavreul, *Identification et complexe de castration*, in *L'Inconscient*, n.º 7).

4. Para um primeiro olhar, *Bye bye Bárbara* é uma história policial. Não é difícil seguir o desenvolvimento de um enigma que vai progressivamente enleando um jornalista na descoberta dum «caso» e na construção (frágil) dum amor. A morte, a violência (explícita, implícita), a chantagem, o rapto, a mentira — todos os elementos estão aqui reunidos.

O que, para este primeiro olhar desprevenido, poderá distinguir o filme de Deville é a agilidade dum estilo e a modernidade das formas narrativas. No entanto, a fraqueza seria aí evidente se as coisas a isso se reduzissem: Deville abusa de uma enorme facilidade em produzir efeitos brilhantes e de uma tendência para ostensivamente exibir uma certa capacidade (considerada «moderna») de organizar e distribuir as coisas: pessoas, acontecimentos, lugares.

O que em *Bye bye Bárbara* predominantemente conta é o tipo de **conversão** que constitui o eixo do filme: a passagem (imperceptível e fascinante) duma ordem de causalidade quotidiana para uma outra ordem que poderemos definir como sendo do desejo. Fendida a máscara policial, a história apresenta-nos agora a descrição duma metamorfose. A pouco e pouco, a estabilidade do mundo do protagonista (râguebi, amizades, aventuras muito breves) vai-se desfazendo por um desregramento crescente das suas formas e dos seus ritmos essenciais. Porque Jérome (Philippe Avron) era um jornalista despreocupado, com a língua desenvolta, a paixão fácil e o gosto do râguebi — o jeito de comédia a desenhá-lo como personagem. E todo o pré-genérico, incluindo aquela pirueta gratuita (uma apresentação feita aparentemente para nós, público, mas na realidade para uma rapariga que a imagem ainda não havia referenciado), acentua um tom de comédia mais ou menos «inteligente» e sofisticada (onde a própria nota sado-masoquista é atenuada pela *ligeireza* dos acontecimentos).

O que marca o começo do filme é a entrada de Paula, num bar, à noite. Seria preciso fazer a minuciosa descrição dessa se-

(Continua na página seguinte)

Ewa Swann e Bruno Cremer em «Bye, Bye, Barbara», de M. Deville

Livraria BERTRAND

Acaba de sair o V volume

ORIENTE E EXTREMO ORIENTE

por

Everard M. Upjohn, Paul S. Wingert

e

Jane Gaston Mahler

Volumes publicados:

I — DA PRÉ-HISTÓRIA À GRÉCIA ANTIGA
II — DOS ETRUSCOS AO FIM DA IDADE MÉDIA
III — O RENASCIMENTO
IV — DO BARROCO AO ROMANTISMO

A publicar:

VI — ARTES PRIMITIVAS E ARTES MODERNAS

Cada volume: 45$00

enciclopedia de bolso bertrand

Bárbara ou Mulher-Maçã

(Continuação da pág. anterior)

quência para pôr em relevo todos os traços que contribuiram para a sua progressiva irrealidade. Contudo, desde logo um se evidencia: Paula mulher conduzida pela noite, de longo vestido branco e gestos de desamparo, está imediatamente associada a uma canção sonâmbula e acariciante que se chama *Bye bye Bárbara*. Aqui devemos notar a *não-coincidência* dos nomes (Bárbara-Paula). E ainda: que o título do disco marca com o sinal duma separação («bye bye») o momento de um encontro. Mas, fundamentalmente, a *carga significativa* desta primeira cena reenvia-nos a *outra cena:* o começo mostra que tudo já estava começado; o início é da ordem do recomeço. E, contudo, o tema primeiro, a cena primitiva, essa, definitivamente, falta.

O que desde logo altera a estrutura policial da narrativa. Porque a história policial é a história da perseguição e descoberta do que anteriormente *aconteceu, a Bye bye Bárbara* é a história duma longa perseguição *do que nunca aconteceu.* Transformação essencial, que tudo decide.

Observemos ainda que o encontro se realiza num bar. Por alguma razão os bares, os cafés, as *boîtes* são lugares privilegiados para os encontros do acaso. Eles concentram uma enorme densidade de sentido, porque na dispersão das ruas da cidade, no labirinto do espaço urbano, elas são encruzilhadas que um destino assinalou, cicatrizes sempre abertas de feridas a haver. A geometria da cidade aparece-nos viciada: as linhas do desencontro já têm as marcas de encontros futuros. Percorrer a cidade não é cobrir um espaço, mas descobrir um enigma. A cidade parece transmitir, na mudez intensa das suas velas nocturnas, as leis do *acaso objectivo:* aquele que involuntàriamente realizamos no mesmo gesto em que procedemos à invenção de nós próprios. Aquele que, criando-nos, nos faz criadores.

Os bares têm uma função capital no filme de Deville. Recordemos apenas o segundo encontro *(chez* Jeanne) de Jérome de Paula (substituída, aliás, por Eve-Alexandre Stewart). Nessa admirável sequência, está inteiramente representada toda a complexa conjugação do encontro e do desencontro em torno de lugares privilegiados.

5. Que Paula apareça com uma canção, que nessa canção se processe a associação entre Bárbara e Paula, que Bárbara exista em função de Paula e Paula em função de Bárbara — eis o que é já suficiente para concluirmos que Bárbara-Paula, instituindo no interior do quotidiano a ordem do desejo, se deverá definir como um *fantasma* (na acepção psicanalítica do termo). Como *fantasma* Paula não existe em si (Paula *não é* Bárbara, Bárbara *não é* Paula), mas *consiste* numa *insistência:* a de uma canção que *representa* a impossível *presença.*

Que essa presença é definitivamente impossível, prova-o o desespero que se apodera primeiro de Hugo, e depois, mansamente, de Jérome, por não poderem *fixar* Paula nos limites de uma presença. Como *fantasma,* Paula está onde não está (em casa de Hugo depois do acidente simulado), não está onde está (no encontro frustrado *chez Jeanne).* Hugo, pai-amante-sequestrador, é incapaz de prender Paula: no momento decisivo, ela escapa-se-lhe. Daí a dilaceração que o destrói, no permanente equívoco dum poder inútil. Reduzindo-a a objecto (mulher-maçã), Hugo perde-a ainda mais ràpidamente: como objecto que *não é,* Paula é ainda mais intensamente *o objecto perdido* que promove o desejo e o acresce. Multiplicado-a em inúmeras imagens ao longo de salas e corredores, Hugo não a reúne, não constrói a sua presença, mas dispersa-a. A sua opacidade emudecida torna-se alucinante. A sua ausência circula, subvertendo o espaço, incendiando-o. E é por isso que sentimos melhor o sofrimento de Hugo ou de Eve: essa tensão que os humilha até ao surdo explodir das lágrimas.

O que caracteriza Paula como *fantasma* é também a sua mudez. Quando a ouvimos falar essa fala não a revela como sujeito que domine a palavra, mas como sujeito dominado por uma palavra desconhecida (o mistério que o nome de Bárbara *é* em relação a Paula). «O próprio do fantasma é sempre manter intacta e total a sua função primeira de suporte e guarda da omnipotência mágica do pensamento. No lugar e em vez do outro real, investido pelo líbido do sujeito ele substitui este outro imaginário forjado pelo seu desejo, puro objecto à sua mercê totalmente submetido à sua vontade e portanto negado quer como sujeito da fala quer como sujeito do desejo. É por isso que o fantasma é, de maneira privilegiada mudo; ele é um acto de pensamento, e a sua verbalização fase ao outro real, tem quase sempre um valor de desmistificação de desilusão. Ela rompe o encantamento, ela reintroduz a culpabilidade» (Piera Aulagnier-Spairani, *La perversion comme structure,* in *L'Inconscient,* n.º 2).

Ora o filme de Deville faz-nos entrever esse perigo da verbalização. Na segunda parte, quando o mistério pròpriamente policial se começa a desvendar, assalta-nos a angústia de vermos toda a construção imaginária defazer-se numa intriga vulgar. A verbalização parece inevitável e a culpabilidade de Hugo localiza-se progressivamente nele.

Contudo, Deville intervém no momento exacto, destruindo o *happy-end* no instante em que a sua evidência parecia assegurada. Mas a *existência* do *happy-end* é demolida pela sua própria *insistência* (uma vez mais, conversão, mudança de plano, subversão da ordem, marca do *fantasma).* É na medida em que Deville prolonga inesperadamente as imagens cruzadas da felicidade de Paula e Jérome na vida pública e na privada, imagens que levianamente se cruzam segundo associações típicas da comédia banal, é nessa medida que uma insatisfação, um vazio, uma inquietação, um mal-estar se instalam em nós: a evidência da felicidade existe, não precisaria de insistir. E portanto: *que diz esta insistência?* Ela diz que a ordem do desejo permanece, articulada ainda pelo *fantasma* de Bárbara-Paula. A mulher-objecto representa o objecto impossível que ergue o desejo na sua desesperada exigência dum desejo-outro. O recomeço começa.

O que define uma intriga policial é uma ordem inicial que um determinado acontecimento vem destruir e que a pouco e pouco se vai restabelecendo. A ruptura é absorvida, a cicatriz apaga-se. Ora o que separa *Bye bye Bárbara* duma história policial é que, nele, o acontecimento (o facto de Bárbara-Paula acontecer) não quebrou provisòriamente o equilíbrio duma ordem, mas marcou a luta inevitável entre duas ordens: a do real e a do imaginário a da causalidade quotidiana e a do desejo. O que o filme parece demonstrar é que o acontecimento, uma vez acontecido, é inapagável. Não há restabelecimento duma ordem primeira, porque essa foi ferida de morte. O desejo impõe a sua lei de encontros e desencontros, êxtases e decepções. O filme não nos *diz* nada: limita-se a transmitir-nos a lei do desejo, fazendo passar também em nós a envolvente circulação do *fantasma.* De espectadores tornamo-nos actores, com o intuito de prolongarmos em nós o fogo da interrogação: que causalidade superior nos reune e nos separa, nos concentra e nos dispersa, nos salva e nos perde?

6. O inquérito policial revela-nos agora a sua essência: saber quem matou é desfiar a trama indestrinçável que une o desejo, o *fantasma* e a morte. «De que é que o objecto, no fantasma, se torna garantia? Qual é o seu papel funcional, senão o de manter no presente a crença na omnipotência do desejo? Ora esta omnipotência é verdadeiramente mortífera para o outro como sujeito. Deste objecto mudo ou que apenas repete um discurso que se formula noutro lugar, deste objecto de que se diz que é próprio dele escapar à morte, poder-se-ia dizer também que é um objecto que perdeu a vida, que é um objecto imortal, porque desde sempre morto» (P. Aulagnier Spairani, id.).

Confronte-se: «deste objecto mudo» (Paula não chega nunca a falar como sujeito); «deste objecto manipulado» (Paula nas mãos de Hugo, e também de Eve), «deste objecto de que se diz que é próprio dele escapar à morte» (Hugo *não pode* matar Paula, mas apenas *simular* a sua morte); é «um objecto que perdeu a vida» (Jérome *não pode* amar Paula); «porque morto desde sempre».

Desde sempre, morto. Sabemos agora que cena é aquela *que nunca aconteceu,* e que todo o filme visa restituir (com o pretexto de policiàriamente nos restituir uma verdade empírica). Sabemos que é essa a cena-outra que, inaugurando o inconsciente como lugar, institui a ordem do desejo. Persegui-la é interrogar o desejo como enigma que perverte o real. Procurar saber o que aconteceu oculta a exigência maior de tentar recuperar *o que nunca aconteceu,* vazio inicial que nos move, nos projecta, nos suspende, nos arqueia. O desejo de saber sobre o desejo é a estrutura que define toda a nossa relação com o conhecimento. O verdadeiro romance policial é o que nos conta o destino de Édipo. O mérito de Deville está em vir por imagens repetir-lo: fazer duma canção-mulher o emblema do vazio que pela sua insistência articula o desejo.

E. PRADO COELHO

Michel Deville: fazer duma canção-mulher o emblema do vazio

O PRIMEIRO ENCONTRO

Marlene-Josef von Sternberg

QUANDO Miss Dietrich entrou no meu escritório ao fim da tarde, não fez o menor esforço para despertar o meu interesse. Sentou-se a um canto do divã que se encontrava à minha frente e baixou os olhos: a apatia feita mulher.

Vestida com um «tailleur» de Inverno, chapéu, luvas e muitas peles, tinha o ar de vir ver-me gozar de um descanso bem merecido. Para a fazer sair da sua letargia, perguntei-lhe porque é que a sua reputação de actriz era tão pouco conhecida. Ela olhou longamente as mãos enluvadas e, bruscamente, como se as tivesse mostrado muito tempo, escondeu-as atrás das costas. Decididamente, pensei, iria ser muito difícil transformar «em devoradora de homens» a mulher acanhada que estava á minha frente!

Embebido nos seus pensamentos, mal me apercebi da entrada de Eric Pommer, acompanhado por um Jannings esgotado: com um apropósito extraordinário ele pediu a Marlene que tirasse o chapéu e que desse uma volta pela sala. Era a cerimónia habitual que embora não permitisse julgar uma actriz, mostrava-nos se ela era calva ou aleijada. Ela obedeceu, passeou para aqui e ali, com um ar de servil obediência, sem olhar para a frente e dando a impressão que de um momento para o outro se iria desequilibrar e encostar a um móvel! Os seus olhos estavam quase completamente fechados.

Os dois peritos trocaram olhares bastante eloquentes, Pommer agarrava a garganta e Jannings coçava a orelha e depois deixaram o quarto após dois apertos de mão voluntàriamente desnecessários de significado bem visível. Jannings informou-me depois que os olhos duma vaca só se fecham na altura do nascimento dum vitelo. Esta não foi a única expressão desagradável que teria de ouvir, pois nessa mesma noite, muitos dos meus colaboradores, alarmados, precipitaram-se para o teatro para verificar a minha escolha e voltaram a dizer-me que não tinham visto naquela rapariga nada que merecesse ser olhado: disseram, «amigàvelmente», que na véspera a devia ter visto totalmente «modificada».

Quando o produtor e Jannings tinham pronunciado aquele veredicto mudo, Marlene Dietrich ficou de pé, braços pendentes. Lògicamente ela não esperava outra coisa, mas olhou longamente a porta que se fechara atrás deles e depois voltou o seu olhar triste para mim como se eu fosse o autor daquela humilhação. Pedi-lhe que se sentasse de novo e voltei a estudá-la. Sem sombra de dúvida ela possuía uma

Marlene em «Hot Voodoo», número de Blonde Venus *(1932)*

fonte abundante de vitalidade, mas como não sabia o que fazer dela procurava dissimulá-la. Pensei então que era minha obrigação dizer-lhe o que esperava dela, o que a despertou apenas o suficiente para me responder numa voz infantil que pensava que se tratasse de um pequeno papel e nunca o de actriz principal. Tentei acalmá-la dizendo que ela correspondia perfeitamente à ideia que eu fazia da minha heroína. Mas, em vez de ficar sossegada, ela saiu por fim da casca e gritou indignada que era incapaz de brincar, que nunca a tinham fotografado como queria, que tinha sido sempre desprezada pela imprensa e que até ali tinha apenas entrado em dois ou três filmes onde estava francamente mal. Estas palavras surpreenderam-me — era a primeira vez que um actor a quem eu oferecia um papel me confessava os seus fracassos!

J. VON STERNBERG
in *«Souvenirs d'un Montreur d'Ombres»* — Ed. Robert Laffont, Paris, 1966).

McLuhan em questão

(Continuação da 1.ª página)

mo místico, que assume, por vezes, as formas de um delírio espiritual.

Podemos calcular as razões do êxito de McLuhan em França e nos E. U. A. O excesso é atraente, sobretudo quando repousa numa série de ambiguidades. Como não recolher uma aprovação maciça, denunciando os malefícios de um racionalismo insidiosamente associado á revolução industrial do século XIX e á especialização do trabalho e do pensamento?

Desobstruir. Rejeitar o linear. Adoptar o circular.

A operação tem tantas mais possibilidades de ter êxito quanto mais certo é que McLuhan permite a integração nesse mesmo sistema que ele contesta: o leitor é revolucionário, quando se opõe á esclerose do racionalismo; mas é-o também quando adopta a galáxia electrónica, que assegura o pleno desabrochar da pessoa.

A aceitação do mundo moderno é, pois, o segundo acto revolucionário. A má-fé atinge o seu apogeu. A adesão reforça-se ainda mais por se pôr hábilmente em causa, o marxismo, apresentado como pensamento petrificado, o símbolo do racionalismo do século passado.

A nossa frente, ergue-se o pensamento oral. Para lá do racionalismo, permite apreender a realidade total. O facto de o pensamento escrito se associar ao Ocidente e o pensamento oral ao Oriente, só faz aumentar os preconceitos. A luta contra a forma escrita confunde-se então com a denúncia acusatória dos valores ocidentais. McLuhan explora esta oposição cultural.

Assiste-se a uma revalorização sistemática do irracional. Como Blacke e D. H. Lawrence, McLuhan ergue-se em advogado do ritual. Mas, diferentemente daqueles, interessa-se mais pela própria noção do ritual do que pela diversidade dos rituais. Que a manifestação suprema seja uma imagem de televisão importa menos do que a perspectiva que ela implica. Está aberto o caminho para a demagogia do irracional. E também para a intolerância: o inimigo é de rápida identificação.

A chantagem precisa-se: ser contra McLuhan é sustentar o racionalismo mecânico, os valores ocidentais, o pensamento marxista; é opor-se á reunificação da sensibilidade; é tomar partido contra esses vocábulos sonoros que são os *graffiti;* é preferir a exploração á explicação. É, numa palavra, ser contra-revolucionário.

TOTALITARISMO PATENTE

Seguir McLuhan permite, pelo contrário, estabelecer a fraternidade universal. Cada um participa na vida comunitária por intermédio dos meios eléctricos. O simples facto de olhar para o pequeno *ecran* associa-nos aos outros espectadores num acto de criação. A televisão é o instrumento do alistamento individual, da comunicação recíproca, quer com outras pessoas, quer com outros sistemas sociais ou científicos. O alistamento é total. Significa «mobilização de todas as faculdades numa dada situação e exige um intercâmbio constante do indivíduo com o seu meio-ambiente».

McLuhan raramente analisa as técnicas de manipulação que os *media* constituem. Desinteressa-se da ética política. No entanto, *A Noiva Mecânica* (6), a sua primeira obra, publicada em 1951, mostra como numa sociedade democrática, a opinião pública é amolgada pela indústria e pela publicidade. E recentemente reconhecia o poder de certos meios: «Com 20 horas de televisão na África do Sul, podíamos, na próxima semana fazer descer a temperatura tribal, que a Rádio tivesse levado uma semana a fazer subir». Ou ainda: «Se fizéssemos parar a televisão, podíamos acabar com a guerra no Vietnam e fazer recuar, ao mesmo tempo, as reivindicações dos negros pela igualdade». Mas a recusa da mensagem conduz a uma despolitização geral. O totalitarismo é latente. O leitor recruta-se, não só no revolucionário mas também no reaccionário económico e político.

Inevitável, a oposição a McLuhan desenvolve-se em três planos principais. Em primeiro lugar, no da forma. Censura-se-lhe a imprecisão da linguagem: «O estilo é um nevoeiro viscoso onde a custo penetram coxas metáforas». A técnica é posta em causa: «Tudo aquilo, no seu conjunto, faz pensar numa *summa* vida, escrita por qualquer lógico medieval, que tivesse abjurado da teologia pela sociologia e tudo soubesse sobre as modernas técnicas de publicidade».

Este ataque desloca o problema, criando uma oposição (astuciosamente utilizada pelos editores de McLuhan) entre o fundo (que se evita pôr em causa) e a forma (que o leitor *démodé* é incapaz de apreciar). O partidário celebra «o profeta da era electrónica»; o detractor deplora «a falta de exigência conceitual». O que é realmente irónico é verificarmos que um dos contributos reais de McLuhan é precisamente o metodológico. A aparente desordem cria um espantoso efeito de espontaneidade. Ficamos a pensar em James Joyce, a quem McLuhan se refere incessantemente.

McLuhan, o contestado...

A segunda onda de oposição é mais séria. Os «humanistas» denunciam, por sua vez, o ideólogo que se esconde por detrás de inofensivas declarações. «Está pronto a desfiar a sua metáfora de extensões até tecer uma teia que cubra o mundo inteiro. Se os fatos são *media*, porque não hão-de ser então as árvores ou os agentes da polícia?», pergunta Harold Roseberg.

Estes mesmos críticos, ou outros, particularmente Sidney Finklestein, num panfleto intitulado «*Senso e não-senso de McLuhan*» (7), sublinham a indiferença que o professor canadiano revela para com os factos literários, políticos ou históricos. McLuhan precisa, por exemplo, que «a invenção do espaço euclidiano é a consequência *directa* do alfabeto fonético sobre os sentidos». Ora, os fenícios propagaram o alfabeto fonético dez séculos antes de Cristo e Euclides viveu três séculos antes de Cristo. Ou McLuhan ignora estas realidades, ou dá um sentido muito pessoal á palavra «directa».

O que mais irrita os críticos é a constante confusão, que McLuhan cultiva entre causa e efeito, assim como a redução de todo o acontecimento a uma causa única. McLuhan substitui o fetichismo das mercadorias de Marx pelo fetichismo dos *media*.

A terceira forma de oposição é conduzida por Northrop Frye. Depois de ter lembrado que uma das características da nossa cultura é uma certa forma de consciência, Frye opõe a arte (literatura, pintura, etc) ás «antiartes», tais como a publicidade e a propaganda. Num brilhante ensaio, apresenta *A cultura em face dos media* (8). As antiartes dão pasto a um mito, o do progresso. Este mito, por sua vez, engendra no homem um sentimento de alienação, de angústia e de inquietação. «A função da arte hoje é a de exprimir esta angústia, de denunciar, de se inscrever em revolta, em vez de desposar». Os culturalistas vêm juntar-se aos humanistas e aos estetas num vasto movimento de resistência, que se organiza contra Marshall McLuhan.

Quanto ao fenómeno McLuhan, no seu conjunto, o que mais choca é o espantoso conluio que se produz entre o radical, sensível ao apelo do irracional e o reaccionário, que explora o super-racional a fim de manipular o indivíduo. O revolucionário faz o jogo do reaccionário, a menos que a inversa seja a verdadeira. O caso é que um e outro se reencontram no mesmo culto. Depois da era do L. S. D. chega a dos *media*. Bem se compreende que McLuhan esteja em questão.

---

(1) *La Galaxie Gutenberg*, Mame, 1967, Tours (texto original, 1962), 25 F.

(2) *Pour comprendre les media*, Le Seuil, 1968 (McGraw Hill, N Y., 1962), 29 F.

(3) *Message et Massage*, J. J. Pauvert, 1969 (Bautam Books, N.-Y., 1967), 37 F.

(4) *War and Peace in the Global Village* (Bantam Books, 1968). Será brevemente editado pela Laffont, em França.

(5) *Pour ou contre Marshall McLuhan*, Le Seuil, apresentado por G. E. Stegen (Dial, N.-Y., 1968), 24 F.

(6) *The Mechanical Bride*, Montreal, 1951 (nova edição Routledge and Kegan, Londres, 1967).

(7) Sydney Finklestein, *Sense and Nonsense of Mac Luhan*, New World Paperbacks, N.-Y., 1969.

(8) Northrop Frye, *La Culture face aux media*, Mame, Tours, 1969.

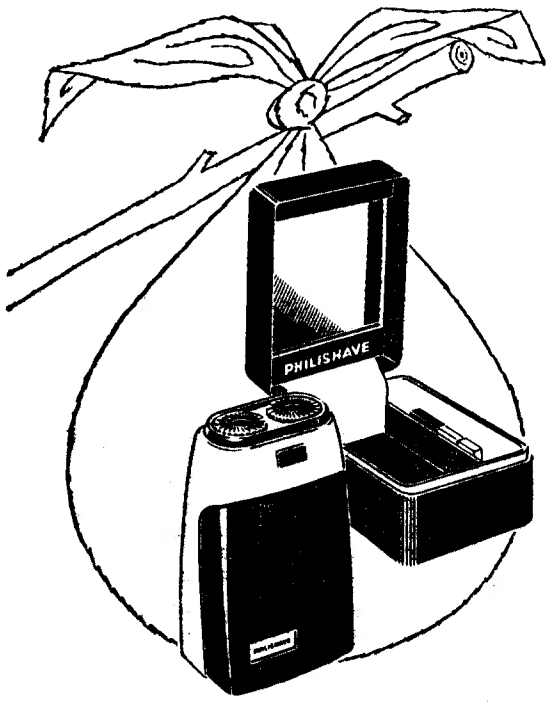
N. B. — As indicações de preços referem-se à França.

Outras obras de McLuhan: *Through the Vanishing Point; Space in Poetry and Painting* (Herper and Row, N.-Y., 1968); *Mutations 1990*, Mame, Tours, 1969, 12 F.

Sobre McLuhan: *McLuhan: Pro and con*, apresentado por R. Rosenthal, Funk and Wagnalls, 1969.

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

TER BARBA É PRÓPRIO DO HOMEM...



...ASSIM COMO É PRÓPRIO DO HOMEM VIAJAR COM A

PHILISHAVE

DE PILHAS

A MÁQUINA DE BARBEAR AUTÓNOMA QUE O HOMEM MODERNO NÃO DISPENSA

Estival e Festival do Livro

(Continuação da 1.ª página)

ultra-chatas estopadas da praxe: *cocktails*, recepções, *garden-party* e outras carraças de fraque e lacinho engasgadas (mas felizes) nos colarinhos de estopa. Calamidade a que não se consegue pôr termo enquanto uns malandrecos (estudantes ou actores, tanto faz) não tiveram a feliz ideia de participar na coisa a sério e à tesourada: denunciar o ridículo, o fastidioso e o inútil desta tara universal pelo corte sucessivo das asas de grilo. Palavra que se um dia tiver a coragem de entrar e de participar numa palhaçada do género, há-de ser com uma boa tesoura de alfaite nas unhas!

E o burguesinho (será preciso salientar que o tipo é um pobre de espírito?) aqui ao lado (direito) a dizer: «Pois é, dizes isso porque não tens casaca...» Que responder? Que tenho casaco e já chega? Encolho os ombros e mando-o àquela banda: ele sabe onde é. Já lá tem ido tantas vezes!...

Felizmente, havia luar e piscina. E Guillevic, que cantava versos nessa noite: «Du gris que l'on prend dans ses doigts et qu'on roule...». Pois então!

ALCIDES DE CAMPOS

DUARTE & CIRÍACO:
novas vozes, conversa curta

Entrevista conduzida por José Duarte

J. D. — Queria começar pelos dados de tipo biográfico - artístico, importam-se?

DUARTE — Tenho 26 anos. A música interessa-me desde os 7 anos. Comecei por tocar viola, depois interessei-me pelo canto. Mais tarde, como aluno da Universidade de Coimbra comecei por tocar e cantar baladas de Coimbra. Sabe, o meio é muito propício à música. Hoje, sou formado em Direito.

CIRÍACO — Estudo também em Coimbra, o 3.º ano do curso de Química. Tenho 22 anos.

J. D. — Como é que vocês se encontraram?

CIRÍACO — Já nos conhecíamos dos Açores mas só começámos a tocar juntos em Coimbra. Começámos por tocar «folk» americano, era em inglês, era moda, era bonito... Depois ensaiámos meia dúzia de temas para tocar em saraus e convívios, até que nasceu o interesse pela música portuguesa. Sentimos a necessidade de fazer qualquer coisa.

J. D. — Qual a vossa opinião sobre a balada de Coimbra?

DUARTE — Há diferenças fundamentais entre a maneira de tocar e cantar a música de Coimbra.

CIRÍACO — Para cantar o fado de Coimbra não é só preciso saber cantar e ter boa voz é preciso ter garra, ter queda...

J. D. — Vocês acham que o ambiente musical em Coimbra é reaccionário?

DUARTE — Não, pelo contrário. Aliás, nem o ambiente académico o é — o que, claro, se reflecte na música.

CIRÍACO — Bem, eu não sei, em Coimbra talvez haja um ambiente propício a fazer mais qualquer coisa, talvez possa dizer por isso que é um ambiente reaccionário...

DUARTE — Mas isso é uma contradição enorme!

CIRÍACO — Tens razão. O que é que o José Duarte entende por reaccionário?

J. D. — Não sou eu que entendo, a definição não é minha. Você é que desconhece o sentido exacto do termo e o usa num sentido exactamente contrário ..

CIRÍACO — Então o ambiente não é nada reaccionário, a não ser talvez nos aspectos praxistas...

DUARTE — Você, José Duarte, está a ver o ambiente de Coimbra há coisa de 10 anos... A praxe está a ser ultrapassada pelo incremento doutros problemas graves a resolver. O garrafão, o boémio, o sr. doutor, tudo isso está ultrapassado.

J. D. — Qual foi a vossa educação musical?

CIRÍACO — Completamente empírica. Aprendemos a tocar viola, nos Açores.

J. D. — E qual é a história da gravação do vosso disco?

DUARTE — Costumávamos frequentar saraus de convívio, reuniões onde se conversava, se trocavam ideias. Um dia, a Sonoplay foi a Coimbra assistir a um ensaio do conjunto «Os Álamos», onde eu, na altura, tocava. Cantámos para eles, acharam «giro» e convidaram-nos a gravar.

J. D.—A que critério obedeceu a escolha das canções para o vosso disco?

CIRÍACO — Baseámo-la na música popular, «a canção de embalar», por exemplo, melhor música e poesia popular. Enfim, o folclore é a base da escolha.

J. D. — Na contra-capa do vosso disco existe impresso um texto, assinado por vocês, e que eu gostaria que esclarecessem, afirmação por afirmação. De acordo?

Primeiro: lá se diz «a nossa tentativa séria». O que é uma tentativa séria?

CIRÍACO — É uma tentativa não únicamente comercial, onde se demonstre um interesse, um gosto um amor por essa própria tentativa. Tentativa exclusivamente comercial não é tentativa séria.

J. D. — Por que é que se autoclassificam como «modesto contributo»?

DUARTE — Porque uma pessoa, quando aparece com uma coisa nova, logo todos dizem: «eis o inovador, o homem que vai modificar tudo». Nós não somos de uma importância fundamental... ou talvez sejamos, quem sabe? Acho que o nosso contributo é despretensioso.

J. D. — Como explicam, mais em pormenor, a vossa afirmação «folclore com a sua simplicidade e beleza»?

CIRÍACO — O folclore é simples porque é uma música entendível, compreendida por toda a gente, na sua simplicidade harmónica — como expressão até primitivamente harmónica. E isso é útil, pois para já os conhecimentos musicais do povo são primitivos.

DUARTE — As pessoas em geral, gostam mais de folclore que de melodias harmònicamente complicadas.

J. D. — Não estarão vocês a favorecer o «statu quo»?

CIRÍACO — Calma, calma, nós modificamos, nós trabalhamos a melodia e a poesia...

DUARTE — Além disso, o folclore define um povo, a autenticidade, a personalidade dum povo. O folclore é o que há de verdadeiro no povo e cantado no seu ambiente social, religioso, etc. A poesia simples do folclore define esse meio ambiente. Por exemplo, o açoriano é um indivíduo triste, tal como o é o seu folclore ou o folclore do Alentejo. No entanto, desse texto que citou, só na base concordo com ele. Hoje em dia acho que foi feito à pressa e não o aceito palavra por palavra. Presentemente tenho ideias mais assentes sobre poesia, sobre música. Embora o «bluff» esteja em moda, a nossa obra é honesta e sã.

CIRÍACO — Nesse texto há muita coisa de que discordo. Só muito tarde tomei conhecimento do texto.

J. D — Mas...

Duarte & Ciriaco: «Nós não somos de uma importância fundamental... O nosso contributo é despretensioso...

CIRÍACO —...embora esteja assinado por nós, não fomos nós que o escrevemos. É afinal um texto comercial e oportunista. No entanto, concordo que se o tivesse lido antes de ser impresso o aceitava. Éramos então inexperientes, com poucas bases; esses problemas, só a nível de família nos interessavam.

DUARTE — É a primeira vez que nos põem estes problemas e acho que estou de acordo consigo, José Duarte. Ajudou-nos.

CIRÍACO — Além de ajudar, posso dizer-lhe que já andava à espera disto, mais tarde ou mais cedo...

J. D. — O que é a vossa canção «Naufrágio»?

DUARTE — É o resumo da indiferença da humanidade por aquilo que a rodeia, pela desgraça alheia. Fala-se, comenta-se, dão-se esmolas, mas não se ultrapassam as boas intenções, há uma grande apatia...

CIRÍACO — Na canção, a figura do pescador funciona como um símbolo. No entanto, no que diz respeito a boas intenções acho que nós, eu e o Duarte, fazemos parte dessas pessoas; «faz o que eu digo, não faças o que eu faço». Enfim, discordamos, mas tomamos a mesma atitude.

J. D. — A «canção de embalar» é um tema popular?

DUARTE — É uma canção antiga, que eu sempre ouvi assim cantada: «meu amor faz ó-ó, que Deus te dê sonhos belos...», etc.

J. D. — Não seria talvez preferível a inclusão duma «canção de despertar» ..?

CIRÍACO — Realmente é bom que se esteja acordado, mas por vezes há que adormecer e sonhar para esquecer de quando se esteve acordado...

DUARTE — É uma letra tipicamente lírica, sem quaisquer outras intenções. De vez em quando, não faz mal a ninguém. É uma mãe a cantar a um filho.

CIRÍACO — Nesta canção o que nos interessou fundamentalmente foi melhorar a melodia, enriquecendo-a harmònicamente.

J. D. — Quem é Fausto José, o poeta da vossa canção «Estrada real»?

CIRÍACO — Não sei bem. Sei que é do Norte e licenciado

DUARTE — Tivemos um trabalho muito difícil para escolher os poemas das nossas canções. Vi-me aflito. Os poemas tinham que ser simples, musicais, ritmados.

J. D. — E «Trova a este vilancete»?

CIRÍACO — Embora seja poesia do séc. 16 é bem actual. Fala-nos de um indivíduo que está longe da sua terra, que tem saudade, que quer voltar a casa. A guerra que lá se fala é a guerra do amor.

J. D. — Acreditam, pois, no folclore como uma base para a melhor qualidade da música ligeira?

CIRÍACO — Não sei; o nosso trabalho é de musicólogos, estamos apenas a servir-nos de bases antigas.

DUARTE — Pode evoluir-se através do folclore, como fonte que se estiliza, que se adapta, que pode servir de partida.

J. D. — Nas vossas próximas gravações, pensam incluir um maior enriquecimento instrumental?

CIRÍACO — Se nós tocamos bem viola por que é que havemos de incluir mais instrumentos?

DUARTE — No próximo disco, as melodias são totalmente de cariz popular: três dos Açores e uma da Beira Alta.

(Declarações recolhidas em gravador)

Estrada Real

Estrada real na margem
Do Douro na beira-rio
Onde nos dias de sol
Minha alma gela de frio.

Trilhei-a vezes sem conta
Dos Casais, ao Tedo, à Penha
Estrada real que leva
A longes terras de Espanha.

Com as almas e as fontes
Entre escuros arvoredos
Velhas casas assombradas
De fantasmas e de medos

Estrada Real tão cheia
De sítios maus, de perigos
Escuro, fatal caminho
De ladrões e de mendigos

Que buscam a solidão
Destes ermos tão medonhos
Os olhos a arder na febre
De sonhar sonhos e sonhos

Mendigos ou vagabundos
Em cada alma um segredo
Porquê, Senhor, entre irmãos
Há homens que metem medo.

Estrada real aberta
A toda a gente que passa
Porque fascínio é que atrais
Os que caem na desgraça

Que buscam a solidão
Destes ermos tão medonhos
Os olhos a arder na febre
De sonhar sonhos e sonhos.

Mendigos ou vagabundos
Em cada alma um segredo
Porquê, Senhor, entre irmãos
Há homens que metem medo.

DUARTE — FAUSTO JOSÉ

(in «Nós, Duarte & Ciríaco» Disco Sonoplay 45 r. p. m.)

UG
uma editora em renovação

COLECÇÃO
OBRAS COMPLETAS
DE FRANCISCO COSTA
PRIMAVERA CINZENTA
PREÇO: 50$00 (brochado)
70$00 (encadernado)
UNIÃO GRÁFICA — R. de Santa Marta, 48 — Lisboa-2